FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.906 | SEGUNDA-FEIRA, 31 DE JANEIRO DE 2022 | R$ 5,00

Militares obedecerão a Lula ou qualquer outro, diz líder da FAB

Brigadeiro Baptista Junior afirma que Forças são apartidárias e política não entrará nos quartéis

ENTREVISTA DA 2ª O brigadeiro Carlos de Almeida Baptista Junior, chefe da Força Aérea Brasileira, afirma que prestará continência a Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ou a quem quer que suceda a Jair Bolsonaro (PL), relata **Igor Gielow**.

"Prestaremos continência a qualquer comandante supremo das Forças Armadas, sempre", declara em entrevista. Baptista, que ascendeu em abril passado, costuma ser citado nos meios militares como o mais bolsonarista dos três chefes de Armas.

A definição, sugere, pode derivar de sua atuação em redes sociais, mas ele aponta uma linha a separar o posto: "Como comandante da FAB, sempre ratifiquei a posição apartidária da Força. Uma coisa é falar de política, outra é de política partidária".

O aceno do brigadeiro não vem sozinho. Recentemente, Exército e Marinha têm buscado se descolar de Bolsonaro. O presidente se mantém em segundo nas pesquisas eleitorais, mais de 20 pontos atrás de Lula, a quem os militares são mais refratários.

Baptista descreve preocupação com a radicalização da sociedade e frisa que manterá as tropas longe da politização. "A FAB, e as Forças, se manterão dentro de sua destinação constitucional", diz. "A política não entrará nos nossos quartéis." Poder A10

Chuva deixa ao menos 19 mortos em São Paulo

As fortes chuvas no estado desde a noite de sexta-feira (28) mataram pelo menos 19 pessoas e deixaram 500 famílias desalojadas. Houve deslizamentos de terra e transbordamento de rios, que alagaram cidades e interditaram rodovias. Desmoronamento matou família de cinco pessoas, pai, mãe e três filhos, em Várzea Paulista no domingo (30). Cotidiano B5

Esporte B6

Nadal histórico

Espanhol de 35 anos vira sobre Medvedev, é bicampeão na Austrália e quebra recorde de Grand Slams

Juca Kfouri
Faltam palavras para descrever duelo; melhor seria livro de Norman Mailer

Após mais de cinco horas de jogo e uma virada épica, o espanhol Rafael Nadal ergue o troféu do Australian Open e chega ao seu 21º título de Grand Slam; nas duplas femininas, a brasileira Bia Haddad foi vice-campeã em final equilibrada Martin Keep/AFP

Esporte B7
Times brasileiros jogam 20 partidas a mais por ano que clubes europeus

Ilustrada C1
Diretor do filme 'Independence Day' narra apocalipse de novo em 'Moonfall'

guia da pós-graduação
Cursos de pós se adaptam para formação remota p. 2

Centrão reforça o seu domínio com emendas blindadas

A blindagem às emendas de relator no Orçamento consagra o domínio do centrão sobre os cofres do governo em ano eleitoral. Jair Bolsonaro (PL) vetou R$ 3,2 bilhões em despesas, mas poupou R$ 16,5 bilhões reservados a redutos de aliados. Poder A4

Receita Federal pode questionar contrato de Moro

Poder A7

Partido Socialista vence eleições em Portugal com folga

No poder desde 2015, o Partido Socialista, do premiê António Costa, conquistou quase 42% dos votos ante 27,8% dos social-democratas. A sigla cravou a maioria absoluta com ao menos 117 entre os 230 deputados da Assembleia da República. Mundo A8

Alexandre Schneider

A qual escola os alunos voltarão?

Para que os milhões que voltam às aulas encontrem o que deve ser a escola pós-pandemia, sugiro ouvir estudantes e educadores, e investir nos professores para que integrem os desafios à formação de indivíduos críticos e adaptáveis ao mundo. Cotidiano B4

Trabalhador sofre pressão para evitar licença médica

Trabalhadores de diversos setores relatam pressões para evitar atestados, antecipar retornos e até para continuar trabalhando mesmo contaminados por Covid, uma vez que, no geral, os quadros estão mais leves.

O afastamento por dez dias é obrigatório para contaminados e sob suspeita.

As empresas correm o risco de responsabilização judicial, e os funcionários podem denunciar irregularidades no Ministério Público do Trabalho ou nos próprios sindicatos. Mercado A11

Plataforma é acusada de lucrar milhões com conteúdo antivacina A13

Profissionais da saúde vivem onda de ameaças e agressões B1

A pandemia em 30.jan Dados das 20h

POPULAÇÃO VACINADA

No Brasil

Ao menos uma dose (dose única ou 1ª dose)	79,0%
1º ciclo vacinal completo (dose única ou 2ª dose)	69,7%
Dose de reforço	20,7%

ESTÁGIO DA DOENÇA

Óbitos

Média móvel: 540 ↑ 253,7 %*

Em 24 h: 280

Total: 626.523

*Variação em relação a 14 dias

Passaporte vacinal vira norma em países com alta imunização

Elogiado por cientistas, comprovante é exigido em boa parte da Europa, Israel, Chile e estados americanos. Mundo A9

ISSN 1414-5723
9 771414 572025 33906

ATMOSFERA

São Paulo hoje 24° 19°

0h 6h 12h 18h 24h

EDITORIAIS A2

Mais juros nos EUA
Sobre indicação do Fed e impactos nos mercados.

Crianças deportadas
A respeito de política de Biden para os migrantes.

opinião

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

João Montanaro

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Mais juros nos EUA

Indicação do Fed abala os mercados e tende a dificultar a incerta política econômica do Brasil

Numa mudança abrupta para seus padrões, embora plenamente justificada pela conjuntura, o banco central americano vem desde o fim do ano passado preparando os mercados financeiros para um ciclo acelerado de alta dos juros.

Ao contrário do que prevaleceu entre a crise financeira de 2008 e o advento da Covid-19, a inflação se tornou um fator de grande preocupação. Em 2021, a elevação dos preços ao consumidor nos Estados Unidos chegou a 7%, a maior em quase três décadas.

Inicialmente percebida como fenômeno temporário e decorrente dos abalos nas cadeias de produção durante a pandemia, a pressão inflacionária vem se mostrando mais persistente, o que aumenta o risco de contaminação das expectativas de longo prazo.

Nos últimos meses, ficou mais claro que a resistência da carestia não decorre apenas da continuidade dos problemas logísticos e da falta de insumos —trata-se também de um quadro de forte crescimento econômico e desemprego perto das mínimas históricas.

Os fortes estímulos, na forma de gastos públicos inéditos em situação de paz, cortes de juros e expansão de liquidez, levaram a uma retomada rápida. O crescimento do Produto Interno Bruto em 2021 ficou em 5,7%, e as projeções apontam para ao menos 3,5% neste ano.

A taxa de desemprego já recuou a 3,9%, patamar não muito distante do que o Fed considera como pleno emprego. Como a crise sanitária ainda mantém um grande contingente fora da força de trabalho, é possível que ainda haja algum espaço de expansão do mercado.

Por ora, no entanto, as pressões salariais são crescentes e talvez estruturais, dadas as grandes mudanças no mercado e a dificuldade de preenchimento de vagas.

Nesse contexto de exuberância, o presidente do Fed, Jerome Powell, indicou que subirá os juros, hoje em zero, a partir de março —e que também deve iniciar a redução de seu balanço de ativos.

A diferença em relação ao observado nas últimas duas décadas é que a correção agora deve ser bem mais rápida, levando a taxa básica de juros a cerca de 2,5%, patamar considerado neutro, até 2023.

O viés é de aperto maior se a inflação se mostrar duradoura, um risco presente quando se tem em conta a alta continuada de preços de energia e matérias-primas.

Como sempre é o caso quando sobe o custo do dinheiro no principal centro financeiro do mundo, o rearranjo não deve ser indolor, algo que já se observa na forte queda das Bolsas neste início de ano.

É um primeiro sinal dos abalos que podem chegar aos mercados de crédito e nos fluxos de capitais internacionais, um alerta importante para o Brasil, que passará o ano eleitoral sem grande clareza a respeito da política econômica.

Crianças deportadas

Voo com 90 menores vindo dos EUA expõe face cruel da política de Biden para migrantes

Na última quarta-feira (26), 90 menores de idade, incluindo crianças de até 10 anos, desembarcaram de um voo que partiu do estado americano do Arizona em direção ao aeroporto internacional Tancredo Neves em Confins (MG).

A viagem trouxe 211 brasileiros deportados dos Estados Unidos, a mostrar a face mais desumana da política migratória da maior potência mundial e levantar questões sobre as circunstâncias em que os jovens chegaram ao Brasil.

Até onde se pôde apurar, eles vieram acompanhados dos pais. Falta investigar, no entanto, se em algum desses casos pessoas se passaram por genitores para, de acordo com as regras migratórias dos EUA, responderem ao processo em liberdade ao se entregar às autoridades em solo americano.

Desde que se hospedou na Casa Branca, o democrata Joe Biden tem emulado as políticas migratórias de seu antecessor, Donald Trump, apesar de promessas de uma abordagem mais humanizada.

A esse respeito, recorde-se a cena grotesca em que agentes de fronteira dos EUA montados a cavalo usaram rédeas para intimidar migrantes haitianos no estado do Texas, em setembro do ano passado.

Biden não tem sido capaz de equacionar a legítima proteção fronteiriça com suas obrigações internacionais de ajuda humanitária. O episódio, apesar de condenado oficialmente pela Casa Branca, não foge do padrão de medidas agressivas recorrentes, entre elas deportações em larga escala.

As detenções na fronteira com o México atingiram o número mais alto da história no ano fiscal de 2021, encerrado em setembro, com mais de 1,7 milhão de migrantes. No recorde anterior, de 2000, contabilizou-se 1,64 milhão de detenções, cerca de 90 mil a menos.

O número de brasileiros cruzando a linha entre os países disparou. Entre outubro de 2020 e setembro de 2021, a cifra teve salto de 700%, chegando a 56,9 mil cidadãos.

Brasil e Estados Unidos têm a obrigação de dar especial proteção a crianças em situação de vulnerabilidade, como é o caso dos menores de idade submetidos ao árduo e desumano processo de cruzar a fronteira americana.

Autoridades dos dois países devem cooperar para assegurar, de um lado, que haja acolhida humanitária adequada, e de outro, que os responsáveis por eventual tráfico sejam punidos no rigor da lei.

O erro do 'cancelamento'

Lygia Maria

Chico Buarque não cantará mais a canção "Com açúcar, com afeto". Ele já não a canta em shows faz tempo, mas isso não importa. O que importa é o motivo alegado: segundo o músico, a letra incomoda feministas e ele concorda com elas. Em 2017, outra canção de Chico, "Tua Cantiga", também incomodou feministas. Saindo do meio musical, a série "O Mecanismo", o documentário "O Jardim das Aflições" e obras de Monteiro Lobato já foram alvo desse boicote travestido de crítica chamado "cancelamento".

Cancelar artes e artistas por motivos políticos não é novidade. O curioso, agora, é ver uma esquerda que usa conceitos pós-modernos encampar esse movimento. Achar que uma canção ou filme produz um único sentido (machista, racista etc.) em uma audiência passiva é uma visão obsoleta da comunicação. Essa relação direta entre mensagem e efeito vem da Teoria da Agulha Hipodérmica. Uma teoria de raiz positivista, dos anos 40, que, como o nome diz, afirmava que o sentido de uma mensagem midiática seria "injetado" na mente do receptor.

Porém esse paradigma comunicacional já foi superado. Exemplos: Néstor García Canclini constata as ressignificações de produtos culturais estrangeiros em comunidades latino-americanas; Judith Butler, em "Excitable Speech", diz: "Afirmar que certos proferimentos são sempre ofensivos, independentemente do contexto, que carregam seus contextos consigo de modos de difícil descrição, ainda é não compreender como o contexto é invocado no momento do proferimento".

Ou seja, o significado das mensagens pode ser alterado pelo receptor, uma parte do sentido é construída na recepção através de contextos de interação prévios (educação, família etc.) e in loco (quem fala, com quem, onde fala). A possibilidade de muitos leitores acharem que este texto, que agora concluo, é machista ou racista só comprova a validade dessas pesquisas e como a crítica da militância de esquerda pós-moderna a obras de arte é datada, contraditória e equivocada.

A banalização da mentira

Ana Cristina Rosa

Já se perguntou o quanto um ato corriqueiro pode estar impregnado de vilania e perversidade? Em meio ao agravamento da pandemia no Brasil, não bastasse a ausência de uma campanha oficial de esclarecimento, um empresário gaúcho resolveu pagar para prestar um desserviço público. Colocou dois carros de som a fazer propaganda antivacinação infantil contra a Covid em Novo Hamburgo.

Dos alto-falantes, ouvia-se: "Atenção, pais. Nós todos temos o dever de saber que não é obrigatória a vacina experimental em nossos filhos. (...) E os fabricantes não garantem a eficácia (...). A escolha é sua, pai!". Mentiras deslavadas.

Entidades científicas mundo afora já atestaram que os imunizantes aplicados contra o coronavírus no país são seguros e eficazes. Além disso, o Estatuto da Criança e do Adolescente prevê a obrigatoriedade da vacinação nos casos recomendados por autoridades sanitárias.

Vacinas são a melhor arma para preservar vidas frente à pandemia. Tanto que a maioria dos casos graves e das mortes pela variante ômicron têm ocorrido entre quem não tomou o imunizante ou não completou o esquema vacinal.

A Covid-19 está entre as dez principais causas de mortalidade infantil segundo o Ministério da Saúde. Matou mais de 1.500 crianças e causou 2.400 casos de Síndrome Inflamatória Multissistêmica Pediátrica no Brasil. Há estimativas que apontam números superiores.

Diante dos fatos e na ausência de uma campanha oficial de esclarecimento, é aterrorizante que para algumas figuras públicas o perfil do dito "cidadão do bem" corresponda ao de disseminadores de mentiras com potencial letal. Nas redes sociais, teve deputado federal apoiando e qualificando o empresário como "patriota".

Num cenário de agravamento da pandemia, quem espalha fake news antivacina ameaça a saúde pública, em tese pode responder por apologia ao crime (infração de medida sanitária preventiva) e jamais deveria ser tomado como modelo de cidadão que ama a pátria.

Direto da Zona Fantasma

Ruy Castro

Leio no colega Mauricio Stycer que a TV a cabo será o novo telefone fixo. Ou seja, está a caminho do céu. Má notícia para os que, como eu, ainda veem nela uma alternativa aos programas de auditório civil e religioso que infestam a TV aberta. O telefone fixo, por sua vez, já é um fóssil paleozoico contemporâneo dos cefalópodes.

Nada como o avanço da tecnologia para redefinir as relações sociais. Há décadas na praça, acumulei uma razoável quantidade de amigos com quem continuei mais ou menos em contato pelos canais convencionais —telefone, email, telegrama, uma ou outra carta e, em caso de viagem, o querido cartão postal. Mas todos esses amigos devem ter se mudado para a Zona Fantasma, porque telegramas, cartas e cartões postais são coisas que não recebo há 20 anos. E só agora me dou conta de que também não os envio, donde, para eles, já devo ter sido despachado, idem, para a Zona Fantasma.

Estamos aprendendo a dispensar coisas que até há pouco eram corriqueiras no cotidiano. Faz tempo que, por falta de ofertas, não compro um CD ou DVD. Por sorte, ainda tenho milhares, mas não sei até quando existirá equipamento para tocá-los. Farão companhia à minha pequena coleção de espátulas —facas de osso ou madeira com que se abriam livros que vinham com os cadernos fechados e hoje servem de decoração, ao lado de uma borracha, um mata-borrão e uma caneta-tinteiro. Falando nisso, a Bic, que quase aposentou as lindas Parkers, também está hoje em perigo. C'est la vie.

Há pouco, na rua, perguntei as horas a uma jovem com um relógio de pulso. Em vez de consultá-lo, ela tirou do bolso um celular e olhou para a tela. Eram 9h30. Seu relógio deve estar na categoria de seus brincos e pulseiras.

No futuro, quando escavarem o Leblon, os arqueólogos me encontrarão acoplado a um telefone fixo e a uma TV, e precisarão de uma bateria de reações químicas para determinar a qual era pertenci.

Presidente 'anormal'

Marcus André Melo

Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante da Universidade Yale. Escreve às segundas

Barry Ames, um dos maiores comparativistas da ciência política atual, fez o mais contundente diagnóstico sobre nossas instituições políticas. Mesmo lideranças hábeis e de grande competência não resistem a sua disfuncionalidade. Ames cita o historiador marxista britânico Perry Anderson, para quem FHC "podia ser considerado o chefe de Estado intelectualmente mais preparado da atualidade", e, em 2001, se perguntava: "Imagine-se o que teria de enfrentar um presidente mais 'normal'?".

Ames referia-se a malogros na área da educação, previdência social e tributação, que não se deveram à resistência programática da oposição, e tinham apoio nominalmente majoritário. Pesquisando o Brasil, desde a década de 70, foi pioneiro em utilizar métodos quantitativos para investigar o sistema partidário, regras eleitorais e o Orçamento.

Para Ames, as relações Executivo-Legislativo eram marcadas por jogos de patronagem; o sistema partidário, fragmentado e hiperlocalista. O resultado era uma democracia travada e ingovernável do ponto de vista fiscal. A conclusão gerou críticas robustas. O debate reatualiza-se.

Mas sua pergunta retórica, em 2001, é crucial no momento em que o ocupante da Presidência é o mais despreparado ou "anormal" da nossa história. Teríamos então uma mistura explosiva: líder inepto e instituições defeituosas.

Mais tarde, em 2013, Ames reconheceu a governabilidade não antecipada alcançada nos governos FHC e Lula e introduziu uma qualificação na análise: "O sistema político brasileiro funciona melhor quando a esquerda está no poder: porque a direita tem pouca coerência ideológica e pode ser facilmente comprada". E concluía no texto da apresentação do livro "Making Brazil Work" que publiquei com Carlos Pereira: "Só o tempo dirá se as instituições funcionarão tão bem quando uma oposição de centro esquerda for mais ideológica e disciplinada".

Sim, sob um governo radical de direita, o rio também correu para o seu leito institucional, e ao fim e ao cabo forjou-se uma maioria parlamentar inorgânica de apoio ao Executivo, ator central do nosso sistema; inepto, sem capacidade de coordenação, e o sistema degenerou em um padrão opaco e sem controle, que ameaça a sustentabilidade fiscal. E como mostramos em nosso livro as instituições de controle latu senso que começavam a mitigar as patologias das relações Executivo-Legislativo se enfraqueceram.

É claro que a questão da capacidade de o Executivo aprovar sua agenda não se confunde com a capacidade de o sistema político produzir decisões eficientes que garantam ganhos coletivos, o que requer visão e coordenação. Mas aquela é precondição desta última.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Pesquisa básica é fundamental

A ciência foi determinante, e o porvir é certo: enfrentaremos novas crises

Sandra Coccuzzo Sampaio Vessoni e Maria Carolina Sabbaga
Respectivamente, diretora e vice-diretora do Centro de Desenvolvimento Científico do Instituto Butantan

A pandemia de Covid-19 chegou ao Brasil em março de 2020. O Instituto Butantan, criado há 120 anos, respondeu às necessidades da população e desenvolveu, em três semanas, um setor especificamente voltado para diagnóstico molecular do vírus Sars-CoV-2 (teste de RT-PCR) em grande escala.

A criação desta área em tempo recorde, sob a coordenação do Centro de Desenvolvimento Científico (CDC) do Instituto Butantan, só foi possível porque o corpo de pesquisadores do CDC, por meio de suas linhas de pesquisa, já conhecia e dominava as metodologias, os equipamentos e o mercado de fornecedores necessários a essa empreitada.

Em 2021, quando as novas variantes do Sars-CoV-2 mostraram-se alarmantes, o CDC estabeleceu o Centro Analítico de Genômica e Proteômica (CAGP) e estruturou, juntamente com outros cinco laboratórios do estado de São Paulo, a Rede de Alerta das Variantes da Covid-19. A rede objetiva sequenciar os genomas dos vírus detectados em diferentes regiões do estado, identificando, em tempo real, a emergência de novas variantes virais. O tempo para a implementação e o início dos trabalhos da rede foi apenas aquele necessário para a chegada dos insumos, de forma que, desde a identificação mundial da primeira variante, a rede passou a acompanhar o panorama pandêmico da Covid-19 no estado e a municiar os diversos setores governamentais para as tomadas de decisão de ordem sanitária.

O sequenciamento genômico é complexo. Envolve, além da determinação da sequência genômica das amostras virais, uma outra etapa ainda mais especializada, que exige a participação de bioinformatas, profissionais que precisam dominar tanto a biologia como a estatística e a linguagem de computação. Quando a rede foi estabelecida, todos os laboratórios envolvidos já contavam com os equipamentos necessários e dominavam a complexa metodologia requerida para a detecção de variantes.

O domínio da metodologia de sequenciamento genético foi consolidado em São Paulo em 1997, quando a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) organizou a Rede Onsa (Organização para Sequenciamento e Análise de Nucleotídeos, na sigla em inglês), que reuniu, inicialmente, 30 laboratórios de diferentes instituições de pesquisa do estado. Essa rede foi fundamental para o Programa Genomas Fapesp, que começou logo depois com o projeto para o sequenciamento do genoma da Xylella fastidiosa, uma bactéria causadora de doenças em plantas.

> [...]
> Graças ao domínio de tecnologias de ponta foi possível auxiliar a saúde pública provendo testes em números exponencialmente crescentes e informações em tempo real sobre as seguidas mutações do vírus. De forma clara, demonstrou-se a importância da pesquisa básica consolidada para uma demanda emergencial

Com essa iniciativa, a Fapesp forneceu insumos e equipamentos e criou o ambiente necessário para que os cientistas trocassem informações e adquirissem experiência no assunto. Com a contínua evolução de projetos gerados a partir de perguntas originadas das ciências básicas, nossos cientistas, pós-graduandos e alunos estabelecem colaborações no âmbito nacional e internacional, mantendo a ciência brasileira na fronteira do conhecimento.

Foi, portanto (e ainda é), com investimentos desse tipo, voltados para a pesquisa básica, que os nossos cientistas, atuantes em diversas linhas de pesquisa, puderam e podem dotar o país com tecnologia de ponta. Foi esse o cenário que garantiu que os laboratórios da rede estivessem prontos para realizar o sequenciamento do Sars-CoV-2 com a urgência que a pandemia impôs.

Nesta tragédia de saúde pública, a ciência serve de alento à população. Através dela se desvendou rapidamente a biologia do vírus, os mecanismos da doença, seu tratamento e, em tempo recorde, a produção de vacinas. Graças ao domínio de tecnologias de ponta foi possível auxiliar a saúde pública provendo testes em números exponencialmente crescentes e informações em tempo real sobre as seguidas mutações do vírus. De forma clara, demonstrou-se a importância da pesquisa básica consolidada para uma demanda emergencial. A população, por sua vez, aprendeu a confiar e esperar de nós, cientistas, as soluções.

O porvir é certo: enfrentaremos novas crises. A ciência mostrou-se fundamental para as respostas rápidas às questões críticas para o desenvolvimento da sociedade.

Pelo amém e pelo axé

Avanço da intolerância religiosa mostra que nossa cordialidade é só caricatura

Deborah Bizarria e Magno Karl
Economista, é coordenadora de Políticas Públicas do Livres e evangélica liberal
Cientista político e diretor-executivo do Livres

Se a preservação da liberdade individual é o princípio fundamental de uma visão de mundo liberal, a tolerância a crenças diferentes é parte da expressão prática desses princípios em uma comunidade. A história intelectual das democracias liberais é a história da busca pela autonomia do indivíduo e pela independência de consciências, isto é, pela criação da esfera privada do cidadão. Mas e se o seu vizinho acende velas para o diabo?

No Brasil do século 20, o sincretismo religioso se firmou como um arranjo social que garantia, muitas vezes ao mesmo tempo, a manifestação de crenças em deuses que atenderiam aos nossos chamados, sejam vindos dos batuques do atabaque ou dos coros nas catedrais. As fronteiras sempre nos pareceram borradas. Dia 20 de janeiro é Dia de São Sebastião e de Oxóssi. Já 23 de abril é Dia de São Jorge e de Ogum. O brasileiro médio deseja feliz Natal a judeus e muçulmanos, sem discriminação, com a melhor das intenções.

Mas nossa cordialidade é uma caricatura. Apesar das dificuldades de se coletar dados robustos sobre o tema, "Estado Laico: Intolerância e Diversidade Religiosa no Brasil", uma publicação do governo federal, indica quase 1.500 ocorrências de violência religiosa apenas num único ano (2016). Ele aponta também que, apesar de agruparem apenas 2% dos brasileiros, as religiões de matriz afro-brasileira reúnem quase metade das vítimas dessas ocorrências.

Em algumas localidades, a situação é ainda pior: números do Distrito Federal divulgados pela Decrin (delegacia especializada em repressão a crimes por discriminação religiosa) revelam que quase 60% das denúncias investigadas pela delegacia tem como vítimas praticantes de religiões de matriz afro-brasileiras, que reúnem 0,2% da população do DF.

> [...]
> Enquanto pastores televisivos doutrinam fiéis na crença de que seus vizinhos não reverenciam Exu, o guardião dos caminhos, mas o diabo cristão, a personificação de todo o mal, os cristãos também são agredidos. Ironicamente, no Brasil, os evangélicos são o segundo grupo mais vitimado pela discriminação religiosa

E os eventos se multiplicam. No ano passado, o Ministério Público de São Paulo denunciou uma mãe à Justiça, por lesão corporal e violência doméstica agravada, por permitir que sua filha participasse de um rito de iniciação no candomblé. Recentemente, o caso de uma menina de 11 anos agredida por trajar roupas candomblecistas também ganhou atenção nos jornais. E, mesmo nos morros e favelas do Rio de Janeiro, a influência de pastores sobre traficantes de drogas tem levado a casos de expulsão de religiosos e fechamento de terreiros.

Enquanto pastores televisivos doutrinam fiéis na crença de que seus vizinhos não reverenciam Exu, o guardião dos caminhos, mas o diabo cristão, a personificação de todo o mal, os cristãos também são agredidos. Ironicamente, no Brasil, os evangélicos são o segundo grupo mais vitimado pela discriminação religiosa.

O desprezo pela tolerância socializa preconceitos e faz com que o espaço público fique mais pobre. No último Carnaval antes da pandemia, a Acadêmicos do Grande Rio conquistou o vice-campeonato com um samba-enredo que propunha: "Eu respeito o seu amém / Você respeita o meu axé". Que o lema dos compositores duquecaxienses leve o princípio da tolerância e o espírito da coexistência a todos os campos e a todos os cantos do país. É ano eleitoral, e nós vamos precisar.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

A ex-prefeita Marta Suplicy e a ministra do STF Cármen Lúcia, no apartamento de Marta, em São Paulo Marlene Bergamo - 28.jan.22/Folhapress

Passaporte da vacina

"Governo de SP determina que alunos mostrem comprovante de vacina contra Covid" (Saúde, 29/1). Atitude absolutamente correta!
Larissa Bertani (São Bernardo do Campo, SP)

*

Que todas as crianças possam frequentar a escola, mas as não vacinadas devem estar em salas separadas das que estão vacinadas — e incorporadas às vacinadas assim que receberem a vacina.
Geraldo Galvão Filho (Juiz de Fora, MG)

*

Se um pai não se sentir seguro em aplicar a vacina, será cunhado com a nova palavra da moda? "Negacionista", né, secretário? Que maravilha esse mundo das verdades absolutas, coação travestida de cuidados com a "saúde pública", posições e declarações de dar inveja a qualquer fascista de verdade.
Hugo Sotero (Recife, PE)

*

O mundo não é lugar 100% seguro. Temos que aprender a conviver com fração mínima de ignorância negacionista. Mas vamos controlar essa fração doente para que ela não vire outra pandemia, a de ignorância.
Francisco Eduardo De Carvalho Viola (São José dos Campos, SP)

Gasolina a R$ 8

A gasolina deveria estar na faixa de preço de R$ 3 ("Gasolina ultrapassa barreira dos R$ 8 pela primeira vez", Mercado). O álcool, em R$ 1,50 o litro. O diesel, R$ 2,30. O gás, R$ 0,80. É hora de meter o dedo e ver quem vai contra a medida — possivelmente grandes investidores nacionais e internacionais, que são a minoria.
Paulo Roberto (Cabo Frio, RJ)

Recordes da Covid

Vai ter que bater mais de mil mortes por dia de novo para vermos que sim, infelizmente, talvez teremos que criar novas restrições sanitárias ("Brasil bate recorde com mais de 257 mil casos de Covid; 779 mortes foram registradas", Saúde, 29/1). Isso já deveria estar ocorrendo.
Vinicius Chaves (São Paulo, SP)

Compra de carros

A crise na Argentina levou seus consumidores a comprar carros financiados em consórcio, como "poupança", que deixam aos filhos. Na Venezuela, outro modelo de "crise", os carros são comprados em lotes, com grupos de "cotistas" que sorteiam entre si os veículos, sem financiamento. Em breve, teremos algo similar aqui. A presença do crime organizado é o outro lado dessa crise na compra de veículos, usados para lavar dinheiro ("Preço e crise levam consumidor a desistir de comprar carro, diz OLX", Painel S.A.).
Emerson Mathias (São Paulo, SP)

Folhinha

Delicioso o texto sobre música e concerto com Mauro Brucoli ("Concertos não exigem roupa 'certa', só mesmo concentração, diz violoncelista", 29/1). Tão bom oportunizar o acesso ao público infantil o conteúdo da entrevista do músico de orquestra. A música é essencial na vida como a literatura e a cultura. Faz parte da educação que é um direito humano. Na frase de Victor Hugo alcançamos a sua relevância, quando diz: "A música expressa o que não pode ser dito em palavras e não pode ficar em silêncio".
Hanna Korich (Mairiporã, SP)

Encontro, mulheres e aborto

Imprescindível que reuniões como essa aconteçam ("Cármen Lúcia deixa casa de Marta Suplicy após discordância sobre aborto", Mônica Bergamo). É como sentir brisa de esperança em meio ao circo de horrores que tomou o país de assalto.
Maria Lucia Cocato (São Paulo, SP)

*

Quando mulheres serão donas de seus corpos? Por que, para as pobres, fetos devem virar crianças indesejadas e sem condições de vida ou que devam morrer em procedimentos imundos? Já mulher de classe média e rica faz aborto com médicos cristãos em clínicas excelentes.
Aline Figueira (Rio de Janeiro, RJ)

*

Que absurdo! Ministra do STF se reunir com um bando de esquerdistas para tentar aprovar assassinato de fetos! Ou será que tinha alguém neste encontro que defendia a vida?
Adriana M. de Moura e Souza (Barroso, MG)

*

O juiz não pode participar de audiência pública? Por quê? Ele está antecipando decisão? Está impedido de mudar de ideia? Juiz não é cidadão? Ele precisa "andar nas ruas", como dizia Barbosa para Gilmar, e só assim poderá julgar melhor.
Joseberto R. Cruz (Guanambi, BA)

Colunistas

Acho meio triste pizza de muçarela ("São Paulo numa pizza de muçarela", Marcos Nogueira, Folha Corrida). Adorei a ideia do índice, mas, se for para pedir pizza, pediria algo mais elaborado, não algo que dá para fazer em casa.
Amabile Zavattini (Rio Claro, SP)

*

Antonio Prata, Drummond entendia muito do humano, não é? Você também. Obrigada pelo texto "Bolovo no copo Stanley" (30/1).
Maria Dagmar N. P. de Castro (Barbacena, MG)

Moro e os R$ 3,7 milhões

O rei da Lava Jato virou o rei de lavar dinheiro ("Moro afirma ter recebido R$ 3,7 milhões por serviço para consultoria dos EUA", Poder).
Elizabete Oliveira (Jaú, SP)

*

Mais chocante que vender informações privilegiadas sem constrangimentos é a total desinformação e falta de educação sobre todo assunto de Estado para alguém que deseja ser presidente. Vexaminoso.
Jose Carlos Toledo (Ribeirão Preto, SP)

Livre mercado?

O que será que os acionistas do Banco do Brasil acham disso ("Banco do Brasil trava empréstimos a estados governados por opositores de Bolsonaro", Mercado)?
Isabel de Miranda Santos (Ribeirão Preto, SP)

*

Não só o BB, mas também a Caixa. Empresas e pessoas físicas também sofrem esse tipo de perseguição!
Marcos Roberto Banhara (Paula Freitas, PR)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

OPINIÃO (29.JAN, PÁG. A2) A federação de partidos deve ser descrita como uma união provisória, não como fusão provisória, como escrito na coluna "O STF e a bagunça partidária".

poder

PAINEL | Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Não diga adeus

Uma reunião marcada para esta segunda (31) pode selar um racha na base de Flávio Dino (PSB) no Maranhão, situação que é acompanhada com preocupação pelo ex-presidente Lula (PT). Dino tem dito que apoiará seu vice, Carlos Brandão (PSDB), como sucessor, o que, se oficializado nesta segunda, deve fazer com que o senador Weverton Rocha (PDT), que esperava o apoio do governador, deixe o grupo e lance candidatura própria. Lula esteve com Dino e Rocha na última semana.

CINDIDO Lula é próximo de ambos, o que pode fazer com que tenha palanque duplo com a ruptura, mas também pode gerar situações delicadas. Ele tem dito que torce para acerto que mantenha o grupo unido, o que hoje parece improvável.

RODA O ex-presidente já disse que é difícil que o PT apoie alguém do PSDB, em referência a Brandão, que pode mudar para o PSB. Até o começo de 2021 ele estava no Republicanos, e as migrações já surgem como foco de ataque de rivais.

CONCORRÊNCIA As pesquisas indicam cenário mais favorável a esse grupo. Do outro lado, Josimar de Maranhãozinho, do PL de Jair Bolsonaro, protagonizou escândalo em que foi flagrado com maços de dinheiro vivo que, segundo a Polícia Federal, teriam origem em desvio de emendas.

JÁ É Interlocutores de Geraldo Alckmin que estiveram com ele nas últimas semanas dizem não ter dúvidas de que ele será vice na chapa de Lula.

MAPA Alckmin tem concentrado as conversas em temas nacionais e em seus possíveis destinos partidários, sem menção à disputa pelo governo de SP. Lula prefere que ele vá para o PSD. Alckmin é próximo do PSB e o Solidariedade tem forte base sindical, da qual o ex-tucano se aproximou.

DATA Em reunião com o Solidariedade, ele disse que deve definir a nova sigla em março.

BOIADA Coordenador da campanha Amazônia do Greenpeace Brasil, André Freitas diz que não há motivos para crer que o governo Bolsonaro cumprirá as metas ambientais necessárias para ser aprovado como integrante da OCDE.

PORTEIRA "O Brasil entrar nesse processo não tem nada a ver com o que esse governo propõe fazer. Pode ter interesses econômicos por trás, mas sobre os quesitos que a OCDE vai analisar, ambientais e das instituições, o país apresenta uma fraqueza enorme", diz ele.

MANUAL... O governo João Doria (PSDB) lança nesta segunda (31) uma cartilha com orientações contra o racismo. Além da disponibilização em meios digitais, 20 mil edições impressas serão distribuídas. O presidenciável tem dito que o tema não é exclusividade da esquerda e que estará no centro de seu programa de governo.

...DE INSTRUÇÕES Com 32 páginas, a cartilha dá orientações sobre como proceder em caso de discriminação racial, explica conceitos como racismo estrutural e institucional e aponta expressões a abandonar, como "a coisa está preta".

BANDEIRANTE Arthur do Val (Podemos) anunciou em discurso na quarta (26) a revisão do pacto federativo como mote de sua campanha ao governo de SP. A ideia é que mais recursos de impostos paulistas fiquem no estado, em vez de ir para outras regiões do país.

BAIRRISMO A defesa enfática preocupou dirigentes nacionais do Podemos, que temem respingos na campanha de Sergio Moro, especialmente se for percebida como preconceito contra Norte e Nordeste.

BORRACHA A médica Mayra Pinheiro, secretária do Ministério da Saúde conhecida como "capitã cloroquina", atualizou seu currículo e retirou da plataforma Lattes a participação nos atos de raiz golpista promovidos por Bolsonaro no 7 de Setembro do ano passado.

CORRETIVO Ela também editou itens do currículo —apagou, por exemplo, o título que havia dado à entrevista concedida à atriz bolsonarista Antônia Fontenelle, "Não me deixaram completar uma frase na CPI".

SUI GENERIS Mayra, que ganhou seu apelido pela defesa de medicamentos sem eficácia contra a Covid-19, havia incluído as manifestações na seção do Lattes destinada à produção técnica, como revelou o Painel. A atitude é muito incomum entre pesquisadores cadastrados no reservatório de currículos acadêmicos.

TIROTEIO

"Não é ser contrário ao Doria, mas à decisão democrática do PSDB. Compromisso com a democracia deve começar dentro de casa

De Marco Vinholi (PSDB), secretário do governo de SP, sobre o apoio do senador tucano José Aníbal à candidatura de Simone Tebet (MDB)

com Guilherme Seto e Fabio Serapião

GRUPO FOLHA

FOLHA DE S.PAULO ★★★

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
366 088 exemplares (dezembro de 2021)

O ministro Ciro Nogueira (ao centro, sentado) entrega trator no Piauí em novembro Ciro Nogueira no Facebook/Reprodução

Blindagem de emendas consolida hegemonia do centrão sobre Orçamento

Em ano eleitoral, vetos de Bolsonaro atingem verbas do INSS, mas pouparam R$ 16,5 bilhões reservados para emendas de relator

Idiana Tomazelli, Marianna Holanda e Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA A blindagem às emendas de relator na sanção do Orçamento consagra o domínio do centrão sobre os cofres do governo, justamente em ano de eleições.

O presidente Jair Bolsonaro (PL) vetou R$ 3,2 bilhões em despesas de custeio e investimentos de ministérios, atingindo verbas do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), de combate a incêndios florestais, entre outros.

A tesourada, porém, poupou R$ 16,5 bi reservados para emendas de relator, instrumento usado para irrigar redutos eleitorais de parlamentares aliados ao Palácio do Planalto.

O valor se soma aos R$ 16,8 bilhões já reservados pela Constituição para as chamadas emendas individuais e de bancada, que têm critério mais equânime de distribuição entre aliados e a oposição.

Em ano eleitoral, a expectativa de técnicos do Ministério da Economia é a de que haja pressão pelo empenho do maior volume possível de emendas ainda no primeiro semestre, para evitar as restrições eleitorais.

A avaliação encontra eco no Congresso Nacional, onde parlamentares da base contam com os recursos das emendas para aumentar suas chances de reeleição.

O empenho é a primeira fase do gasto, quando o governo sinaliza o compromisso com determinada obra, compra ou contratação de serviço.

A lei eleitoral diz que, nos três meses que antecedem o pleito, é vedado realizar transferências voluntárias de recursos a estados e municípios. As emendas se enquadram nesse caso, segundo os técnicos.

A única exceção é quando os recursos servem para garantir a execução de obra ou serviço já em andamento, com cronograma definido, ou para atender a situações de emergência ou calamidade pública.

Dessa forma, empenhos de novas despesas terão de ser feitos até 1º de julho, ou após as eleições. Apesar disso, integrantes do Planalto afirmam que há interpretações divergentes e que alguns tipos de empenho poderiam ser feitos no período eleitoral.

Um estudo publicado pela Consultoria de Orçamento e Fiscalização Financeira da Câmara dos Deputados em 2020 indica que as chamadas transferências especiais —emendas usadas para repassar dinheiro diretamente a estados e prefeituras sem destinação específica— também se sujeitam às restrições eleitorais.

O Tesouro Nacional, responsável pelo repasse dessas transferências especiais, informou que uma consulta feita à PGFN (Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional) indicou conflito com a lei eleitoral.

"As emendas parlamentares individuais, na modalidade de transferências especiais, se enquadram no critério de transferência voluntária descrito na lei eleitoral, que veda esse tipo de repasse nos três meses que antecedem as eleições", disse o órgão.

Até a publicação deste texto, a PGFN não respondeu sobre as demais emendas.

Os ministérios já começaram um movimento embrionário de definição de gastos prioritários para o ano. Os levantamentos serão repassados à Casa Civil, chefiada por Ciro Nogueira.

Nogueira é senador pelo PP e um dos caciques do centrão, bloco de partidos que dá sustentação política a Bolsonaro no Congresso. Sua nomeação para a Casa Civil, responsável pela coordenação do governo, foi uma tentativa do presidente de melhorar a interlocução com os parlamentares.

Hoje, o ministro-chefe da Casa Civil tem o poder da caneta na execução do Orçamento. Um decreto de Bolsonaro conferiu à pasta a atribuição de dar "aval prévio" a quaisquer mudanças empreendidas pelo Ministério da Economia, comandado por Paulo Guedes.

A mudança, antecipada pela Folha, foi mais um passo na direção de expansão da influência do centrão no destino dos recursos federais.

Esse movimento foi inaugurado em 2019, com a criação das emendas de relator no Orçamento de 2020, após Guedes repetir em diversas ocasiões que o Congresso deveria retomar o controle sobre o Orçamento. As emendas de relator se converteram no principal instrumento de negociação política com o Congresso na gestão Bolsonaro.

Em outro passo, a Secretaria de Governo —responsável pela articulação política do Planalto com o Congresso— passou a ter assento na comissão de técnicos que assessora a JEO (Junta de Execução Orçamentária).

A JEO é formada por Casa Civil e Economia. Apenas Guedes e Nogueira têm poder de voto, sem substitutos.

Já a comissão técnica tem o papel de assessorá-los nas decisões. Antes da inclusão da Secretaria de Governo, apenas secretários e técnicos de Economia e Casa Civil tinham assento no colegiado.

Outros ministros do governo podem acompanhar as reuniões da JEO, na condição de convidados. Integrantes da equipe econômica relataram à Folha que a ministra-chefe da Secretaria de Governo, Flávia Arruda, participa de praticamente todos os encontros da junta, sentando-se ao lado de Nogueira e Guedes.

Para Élida Graziane Pinto, procuradora do Ministério Público de Contas de São Paulo e professora da FGV (Fundação Getulio Vargas), os movimentos recentes refletem um "loteamento político cada vez mais voraz do Orçamento".

Ela afirma que, desde 2015, o Congresso Nacional tem aprovado mudanças no sentido de levar o pêndulo das decisões orçamentárias para o lado dos parlamentares.

São exemplos, segundo a professora, a emenda constitucional do orçamento impositivo —que obriga a execução de todas as despesas, salvo justificativa— e a formalização das emendas individuais dos congressistas.

As primeiras mudanças, analisa Élida, preservaram a equidade e a paridade de forças de parlamentares aliados e de oposição, já que todos decidiam uma fatia de igual tamanho no Orçamento. Recentemente, porém, houve uma reversão nessa tendência.

"Com essas últimas regras, inclusive com apreciação prévia [das mudanças na execução do Orçamento] pela Casa Civil, a gente vê esse movimento de fortalecimento do Legislativo em seu pior nível. A tendência era boa, mas foi corrompida", diz Pinto.

O principal prejuízo, segundo a professora, é a perda de noção de prioridades no Orçamento público. Enquanto políticas públicas como o Censo Demográfico —maior levantamento estatístico do país— ou programas de transporte escolar perdem espaço, instala-se o que ela chama de um "balcão de negócios".

"Estamos desconstruindo programas de duração continuada para deixar hienas vorazes satisfazerem no curtíssimo prazo seu apetite eleitoral", afirma Pinto. "No cenário atual, não temos nem capacidade de prever a ordenação de prioridades em 2023", critica.

+ EMENDAS NO CONGRESSO

Definição do Orçamento A cada ano, o governo tem que enviar ao Congresso até o fim de agosto projeto de lei com a proposta do Orçamento para o ano seguinte

Emendas Congressistas têm direito de direcionar parte da verba para obras e investimentos de interesse. Isso se dá por meio das emendas parlamentares. Tradicionalmente, se dividiam em individuais e de bancadas

Emendas do relator Nos últimos anos, as emendas sob comando do relator-geral do Orçamento, de código RP9, são divididas politicamente entre parlamentares alinhados ao comando do Congresso e ao governo

vivo
Parabéns,
Rafa Nadal!
Sua história inspira
milhões de outras.
ÉP21CO
O PRIMEIRO TENISTA DA HISTÓRIA A CONQUISTAR 21 GRAND SLAMS.
Telefónica

Olavo de Carvalho (1947-2022)

Escritor resolveu ficar no lado burro da cultura ocidental

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra)

Em um dado momento da vida, Olavo de Carvalho resolveu ir morar no lado burro da cultura ocidental. Tornou-se politicamente influente quando o Brasil se tornou seu vizinho.

Se Olavo de Carvalho tivesse morrido, digamos, em 2001, talvez tivesse entrado para a história como um agitador cultural de certo interesse. Já tinha defeitos seríssimos, mas formou alguns alunos bons, que depois abandonaram seu grupo. Divulgava autores conservadores que podem ter sido importantes para os jovens conservadores dos anos 90. Escrevia bem.

No começo dos anos 2000, Lula foi eleito presidente e Olavo foi morar nos Estados Unidos, em circunstâncias estranhíssimas. A partir daí, sua inserção no debate brasileiro mudou. Conforme o PT se fortalece, aumenta a demanda por ideias que descrevessem o PT como um participante ilegítimo da democracia brasileira (um braço do Foro de São Paulo, por exemplo). E Olavo adquire o repertório do conspiracionismo reacionário americano, que exacerba seus piores defeitos.

Como divulgador dos influencers da extrema direita americana, conquistou uma audiência razoável na internet brasileira. Se tivesse ficado só nisso, já teria causado algum dano ao nosso debate público. Mas, sejamos honestos, os alunos do "Curso Online de Filosofia" já eram burros antes da matrícula.

Olavo só veio para a primeira divisão em 2018, quando o Brasil caiu para a última. O bolsonarismo adotou o olavismo como ideologia oficial do movimento. Era importante ter uma ideologia oficial, fosse qual fosse. Bolsonaro queria ter um movimento seu, pessoal, que o ajudasse a não ser controlado pelos militares que o cercavam. O sectarismo de Olavo foi instrumental para isolar os bolsonaristas em uma bolha relativamente isolada da discussão (e das denúncias) da grande mídia.

No meio bolsonarista, Olavo floresceu: nunca houve a menor possibilidade de alguém no bolsonarismo saber que ele estava errado sobre Kant, Marx ou Rorty. O atual ministro da Cultura estava na novela "Mutantes", da TV Record. Se Olavo lhe dissesse que Heidegger era uma das Paquitas, o ministro acreditaria.

E foi assim que um sujeito em franca decadência intelectual, que achava Isaac Newton burro e não sabia se a terra era plana ou esférica, indicou, não um, mas dois ministros da Educação brasileiros, além do pior chanceler do mundo. As ideias dos extremistas americanos que Olavo trouxe para o Brasil tiveram evidente influência na atitude negacionista do bolsonarismo diante da pandemia. Olavo defendia um golpe militar abertamente desde o impeachment de Dilma.

E agora morreu Olavo, depois de anos ensinando a direita brasileira a desconfiar da democracia e da ciência. O que devemos nos perguntar é: como o Brasil decaiu a ponto de Olavo ter se tornado mais influente à medida que se deixava degenerar intelectual e moralmente? Por que não houve uma resposta de direita racional à crise do petismo? A direita brasileira é poderosa demais para ter que se preocupar com bons argumentos? Havia defeitos nas ideias de esquerda que facilitaram a proliferação de respostas tão ruins? Em que momento nos tornamos incapazes de falar sobre nossos problemas e começamos a delirar?

E, sobretudo: como se sai desse sonambulismo?

DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | **TER. Joel Pinheiro da Fonseca** | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Fernando Haddad, Lula, o presidente do PSD, Gilberto Kassab, e Gleisi Hoffmann em encontro no ano passado Ricardo Stuckert

Pacheco hesita, e Lula reforça negociação por apoio do PSD

Presidente do Senado deu sinais de que pode desistir de disputar o Planalto

Julia Chaib e Bruno Boghossian

BRASÍLIA O PT decidiu fazer novas investidas pelo apoio do PSD ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ainda no primeiro turno da campanha deste ano. O partido do ex-presidente passou a enxergar uma brecha para essa aliança diante do que foi interpretado como uma hesitação do senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG) em relação a sua candidatura ao Palácio do Planalto.

Ao longo dos últimos meses, petistas guardavam ceticismo em relação a essa união. Agora, no entanto, integrantes do PT se mostram dispostos a abrir negociações que podem envolver o apoio do partido ao PSD em estados estratégicos (como Minas Gerais) e a reeleição de Pacheco na presidência do Senado—além da vaga de vice na chapa de Lula.

Por enquanto, as apostas sobre uma aliança se restringem a alguns articuladores petistas, mas mesmo integrantes do PSD dizem não descartar essa possibilidade. Nos próximos dias, Lula deve ter uma conversa sobre o quadro eleitoral com o presidente da sigla, Gilberto Kassab.

O ex-presidente busca manter um discurso de cortesia em relação aos planos do PSD. No ano passado, após dois encontros com Kassab, o petista declarou respeitar a intenção da legenda de lançar um candidato ao Planalto.

"O Kassab tem sido muito digno e muito honesto nas conversas que tem tido conosco", declarou Lula, em novembro. Ele acrescentou que esperava ter o apoio do PSD num eventual segundo turno, caso Pacheco ficasse fora dessa etapa da disputa.

O cenário mudou nas primeiras semanas deste ano, no momento em que petistas ouviram de aliados de Pacheco que ele balança em relação ao lançamento de sua candidatura. Segundo esses nomes, o presidente do Senado acredita que uma campanha ao Planalto pode se tornar incompatível com suas atividades à frente do Congresso.

Ele teme ser acusado de instrumentalizar o comando do Senado para impulsionar seu nome e prejudicar o presidente Jair Bolsonaro. Seria um preço alto para uma candidatura que, até aqui, não passa de 1% das intenções de voto nas pesquisas.

> Minha opinião é que será candidato, mas não posso falar por ele
>
> **Gilberto Kassab**
> sobre a possibilidade de o senador Rodrigo Pacheco se lançar à Presidência pelo PSD

O senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG), que articula candidatura Jefferson Rudy - 2.dez.21/Agência Senado

Kassab afirma publicamente que o plano de lançar Pacheco continua de pé, mas passou a dar declarações que endossam as dúvidas. "Minha opinião é que será candidato, mas não posso falar por ele", disse.

Alguns aliados de Lula, ainda assim, mantêm dúvidas em relação à possibilidade de uma aliança com o PSD. Eles ecoam a interpretação de que Kassab prefere manter o partido distante do PT no primeiro turno para evitar divisões em sua sigla.

Como o PSD tem dirigentes simpáticos a Lula e a Bolsonaro, uma postura quase neutra na primeira etapa da campanha evitaria traumas internos e preservaria um rol de candidatos mais abrangente na legenda.

A ideia de Kassab é ter o maior número possível de quadros competitivos nas eleições legislativas de outubro para ampliar sua bancada de deputados e senadores. Essa é uma ferramenta política poderosa para negociar com o próximo governo, seja quem for o presidente eleito.

Nas contas dos petistas, o PSD seria um parceiro estratégico para a disputa do primeiro turno. Uma aliança ampliaria o espaço de Lula na propaganda eleitoral, daria ao ex-presidente acesso a um leque mais amplo de palanques nos estados e agregaria um partido de centro a sua coligação—até agora, restrita a legendas de esquerda.

Há uma série de itens que os petistas esperam ver na mesa de negociações para construir um acordo, incluindo a oferta da vaga de vice-presidente ao PSD. O cenário ideal para os aliados de Lula seria que o partido se tornasse a casa de seu companheiro de chapa.

Dirigentes do PT gostariam que o ex-governador paulista Geraldo Alckmin (sem partido) se filiasse à legenda para ocupar essa vaga. O ex-tucano chegou a negociar uma entrada no PSD no ano passado, mas para disputar o governo de São Paulo, não a vice-presidência.

A pessoas próximas Kassab tem dito que o partido não abrigará Alckmin para ser vice de Lula e que não servirá de barriga de aluguel. Por isso, integrantes do PSD consideram difícil que haja o ingresso do ex-tucano com o fim de formar uma chapa com Lula.

A filiação de Alckmin enfrenta um obstáculo adicional, imposto pelo calendário das eleições. Para garantir a vaga, o ex-governador precisaria se filiar ao PSD até o início de abril, mas pouca gente acredita que Kassab estaria disposto a tomar uma decisão sobre essa aliança antes dessa data.

O PT também acredita que pode atrair o PSD com a oferta de apoio nos estados. O principal palanque seria montado em Minas Gerais, onde os petistas apoiariam a candidatura a governador de Alexandre Kalil (PSD), prefeito de Belo Horizonte.

Ainda que seja tratado hoje como prioridade pela direção nacional do PT, que tenta firmar uma federação com o PSB, em Minas Gerais petistas têm debatido intensamente o cenário local.

O deputado Odair Cunha (PT-MG), por exemplo, é um dos que defendem que os petistas não descartem apoio a Kalil.

A negociação não seria um ato de generosidade do PT, apontam políticos dos dois lados da mesa. Kalil daria um palanque forte a Lula no estado, onde candidatos petistas patinam nas pesquisas de intenção de voto.

Dirigentes do PT, no entanto, apontam que uma aliança com Lula também seria interessante para o PSD. Em pesquisas divulgadas ao longo do ano passado, Kalil aparece em segundo lugar, mas distante do atual governador Romeu Zema (Novo)—que, a depender da evolução da campanha, poderia até vencer no primeiro turno.

Em termos regionais, o PT também poderia oferecer apoio à reeleição ao Senado de Otto Alencar (PSD-BA) e Omar Aziz (PSD-AM), cujos mandatos terminam este ano.

Outro tópico que poderia seduzir o PSD nas conversas sobre uma aliança nacional com Lula seria a possibilidade de reeleição de Pacheco na presidência do Senado. Numa eventual vitória do petista, o parlamentar poderia receber o apoio do Palácio do Planalto para comandar a Casa por mais um biênio.

Essa articulação, entretanto, dependeria de conversas com outros potenciais aliados de um governo Lula. É o caso do MDB, que hoje tem a maior bancada do Senado, com 15 parlamentares, e nomes interessados em disputar o comando da Casa, como Renan Calheiros (AL).

Além disso, apontam petistas, o PSD poderia negociar desde já espaços num eventual governo Lula.

O PT quer observar os movimentos de Pacheco nas próximas semanas antes de avançar de forma concreta nas negociações. Dirigentes da sigla acreditam que a porta estará definitivamente aberta se o senador desistir da corrida, uma vez que o PSD tem poucas alternativas para uma candidatura ao Planalto.

Os nomes mais fortes da sigla seriam o próprio Alexandre Kalil (que deve se candidatar ao governo de Minas), o governador paranaense Ratinho Júnior (pré-candidato à reeleição) e o prefeito carioca Eduardo Paes. Nenhum deles demonstra disposição em abandonar seus cargos ou planos políticos para uma aventura na campanha presidencial.

O ex-juiz Sergio Moro, pré-candidato do Podemos a presidente, durante evento em São Paulo na semana passada Adriano Vizoni - 26.jan.22/Folhapress

Contrato de Moro com firma dos EUA pode gerar questionamento da Receita

Contratação como pessoa jurídica no Brasil permitiu reduzir impostos, dizem especialistas

Ricardo Balthazar

SÃO PAULO Ao revelar detalhes de sua relação com a consultoria Alvarez & Marsal, o ex-juiz Sergio Moro abriu o flanco para questionamentos da Receita Federal sobre a maneira como seus rendimentos foram pagos nos meses em que trabalhou para os americanos, antes de entrar na corrida presidencial.

O ex-juiz recebeu a maior parte do dinheiro no Brasil, por meio de uma empresa de consultoria que criou após deixar o governo Jair Bolsonaro. Isso permitiu que Moro recolhesse menos impostos e livrou a Alvarez & Marsal de encargos que precisaria pagar se o tivesse contratado como funcionário.

Moro e seus ex-empregadores dizem ter agido de acordo com a legislação brasileira, mas especialistas consultados pela **Folha** afirmam que eles podem ter problemas se a fiscalização da Receita Federal entender que o objetivo da contratação de Moro como pessoa jurídica foi pagar menos tributos no Brasil.

O ex-juiz deixou a Alvarez & Marsal em novembro para se filiar ao Podemos e se lançar candidato a presidente. Alvo de uma investigação do Tribunal de Contas da União, que ele considera abusiva, Moro divulgou seus ganhos para tentar afastar desconfianças que cercam sua relação com a empresa.

O TCU abriu investigação sobre o ex-juiz e a Alvarez & Marsal para examinar suspeitas de conflito de interesse. Moro foi responsável pelas ações da Operação Lava Jato, e a empresa hoje administra processos de recuperação judicial da Odebrecht e de outras empresas atingidas pelas investigações.

Moro e a Alvarez & Marsal rejeitam as suspeitas, porque ele trabalhou para uma unidade do grupo voltada para disputas empresariais e investigações internas, separada da administradora judicial. Além disso, uma cláusula de seu contrato o impedia de prestar serviços para empresas como a Odebrecht.

Na sexta-feira (28), o ex-juiz disse que acertou com a Alvarez & Marsal um salário bruto de US$ 45 mil por mês, equivalente hoje a R$ 243 mil. Além disso, ele recebeu US$ 150 mil como bônus de contratação, um tipo de incentivo comum no mercado para altos executivos. A cifra corresponde hoje a R$ 809 mil.

No mesmo dia, a consultoria americana informou que pagou a Moro, por 12 meses de trabalho, US$ 656 mil em valores brutos, ou R$ 3,5 milhões pela cotação atual do dólar. A empresa de consultoria do ex-juiz recebeu 65% dos rendimentos, no Brasil. O restante foi pago diretamente, nos Estados Unidos.

De acordo com Moro e a Alvarez & Marsal, ele foi contratado inicialmente como pessoa jurídica no Brasil porque só poderia ser contratado como funcionário nos EUA após obter visto de trabalho como estrangeiro. O processamento do pedido de visto para o ex-juiz demorou meses para ser concluído.

Segundo a assessoria de imprensa da Alvarez & Marsal, o contrato com a consultoria de Moro no Brasil foi assinado em 23 de novembro de 2020 e vigorou até 2 de junho do ano passado. O contrato como empregado nos EUA foi assinado em 7 de abril do ano passado e encerrado em 26 de outubro.

Moro divulgou duas notas fiscais emitidas pela sua empresa nesse período. Segundo ele, a de maior valor se refere ao bônus de contratação, pago em fevereiro do ano passado. A outra representa o pagamento do seu salário de março, R$ 253 mil brutos, ou US$ 46 mil pelo câmbio da época.

As notas fiscais indicam que a Alvarez & Marsal e a empresa de consultoria de Moro recolheram tributos equivalentes a 19% dos valores brutos, porcentual típico para prestadores de serviço como a empresa do ex-juiz. Se ele tivesse sido contratado como pessoa física, teria que pagar 27,5% de Imposto de Renda.

Além disso, tanto ele como a empresa teriam que contribuir com a Previdência Social, e caberia à Alvarez & Marsal pagar outros encargos previstos pela legislação trabalhista. Mesmo que a redução da carga tributária não tenha sido o motivo da contratação de Moro como pessoa jurídica, é certo que ela o beneficiou.

Conforme a legislação brasileira, os dividendos recebidos pelo ex-juiz de sua empresa de consultoria são isentos do pagamento de Imposto de Renda, o que lhe permitiu usufruir dos recursos recebidos da Alvarez & Marsal no Brasil sem pagar nada ao fisco além dos tributos recolhidos pela sua empresa.

O governo Bolsonaro chegou a propor a taxação dos dividendos e mudanças no Imposto de Renda para eliminar vantagens oferecidas pela chamada pejotização para empresas e seus funcionários, mas resistências no Congresso impediram o avanço dessa e de outras propostas de reforma.

Situações em que o vínculo empregatício entre o prestador de serviço e a empresa que o contratou é evidente, como no caso de Moro, estão sujeitas a exame mais rigoroso pelo fisco, segundo os especialistas consultados pela **Folha**, mas eventuais sanções dependeriam de análises aprofundadas.

Em resposta a questionamentos da **Folha**, a Alvarez & Marsal afirmou que a contratação do ex-juiz se deu inicialmente no Brasil "por questões burocráticas". A **Folha** enviou 11 perguntas à assessoria de Moro na sexta-feira, mas ele as deixou sem resposta, preferindo enviar uma declaração genérica sobre o assunto.

"Agindo de forma diferente dos outros pré-candidatos, já prestei publicamente todos os esclarecimentos sobre essa questão, demonstrando a regularidade da relação com a Alvarez & Marsal", afirmou. "A **Folha de S.Paulo** poderia perguntar ao ex-presidente Lula sobre os valores recebidos por palestras e doações de empresas investigadas na Lava Jato, aliás, infinitamente superiores."

A juíza Gabriela Hardt, da Vara Federal em que Moro atuava em Curitiba, arquivou o inquérito que examinou as palestras feitas pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) após deixar a Presidência da República. A Polícia Federal não encontrou provas de irregularidades e o caso foi encerrado em 2020.

Nos EUA, o ex-juiz foi contratado como diretor, não mais como prestador de serviços de consultoria. O imposto de renda americano, com alíquotas de até 37% para assalariados, e outros tributos recolhidos na fonte comeram 46% dos salários de Moro, segundo dois contracheques que ele divulgou na sexta.

Considerando as alíquotas indicadas nos documentos divulgados, é possível estimar que Moro tenha ficado com US$ 470 mil dos US$ 656 mil pagos pela consultoria americana, ou R$ 2,5 milhões. Se tudo tivesse sido pago nos EUA, o valor líquido teria caído para US$ 354 mil, ou R$ 1,9 milhão.

O ex-juiz mudou-se para os EUA no período em que trabalhou para a Alvarez & Marsal, mas manteve seu domicílio tributário no Brasil. Isso significa que ele continuou obrigado a prestar contas ao fisco brasileiro, declarando os rendimentos recebidos no exterior para que sejam tributados no país também.

Na transmissão ao vivo que Moro fez com o deputado federal Kim Kataguiri (DEM-SP) nas redes sociais para se explicar, o parlamentar chegou a brincar com ele. "Então você ainda vai mandar um pouquinho de dinheiro para o caixa do Bolsonaro", disse Kataguiri. "Pois é", respondeu o ex-juiz.

O mais provável é que Moro não precise pagar nada à Receita Federal quando declarar os rendimentos recebidos nos EUA, segundo os especialistas ouvidos pela **Folha**. Em casos assim, a legislação tributária permite que o imposto pago lá fora seja compensado no cálculo dos tributos a serem recolhidos no Brasil.

A reportagem ouviu cinco pessoas sobre o caso do ex-juiz, incluindo dois ex-dirigentes da Receita Federal, um advogado tributarista, um especialista em programas empresariais de controle interno e um contador. Eles pediram anonimato para analisar a situação, por não conhecer todos os detalhes do caso concreto.

Doria encontra ex-presidentes em live e prevê 'campanha suja'

Renata Galf

SÃO PAULO Em live promovida por grupo de empresários, o governador de São Paulo e pré-candidato à Presidência da República pelo PSDB, João Doria, disse, neste domingo (30), que as eleições de 2022 terão uma "campanha suja" e fez acenos a candidatos da chamada terceira via.

Também participaram do debate virtual os ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e Michel Temer (MDB).

Doria fez ataques às gestões petistas e ao governo de Jair Bolsonaro (PL) e acenos a outros candidatos, citando Sergio Moro (Podemos), Simone Tebet (MDB), Alessandro Vieira (Cidadania) e Rodrigo Pacheco (PSD), e disse que é preciso esperar até julho para definir uma eventual candidatura única.

"Citei estes nomes, porque esses nomes eu conheço e sei que gostariam de avançar dentro desse processo democrático na defesa de um centro liberal social", afirmou.

"E teremos que ter competência, paciência, discernimento e humildade para construir essa opção fortalecida, se possível com uma única candidatura."

O tucano acrescentou: "Não é algo obrigatório, mas é algo que faz sentido, já que temos dois extremos liderando a campanha eleitoral".

Atrás nas pesquisas, o tucano diz que é preciso esperar até julho para definir eventual candidatura única. Mas não mencionou no debate deste domingo a hipótese de abrir mão da postulação, como sugerem alas do PSDB.

O governador manteve seu discurso de apontar o PT e Bolsonaro como opostos e disse que seria "um pesadelo se nós voltarmos a ter Lula como presidente ou se prosseguirmos com o atual presidente."

"Lamentavelmente teremos uma campanha dura e suja para as eleições presidenciais. Ou você tem resiliência e capacidade de fazer esse enfrentamento, ou já será derrotado antecipadamente com o nível de emparedamento e fake news", disse.

João Doria, Michel Temer e Fernando Henrique em evento neste domingo (30) Reprodução Youtube

Com o tema "o futuro de uma nação", a live foi uma iniciativa do grupo Parlatório, que reúne empresários, advogados, médicos e políticos.

Estiveram presentes neste domingo, quase cem participantes, entre eles, o ex-ministro da Fazenda e ex presidente do BNDES e que hoje integra o Banco Safra, Joaquim Levy. O encontro, porém, teve no Youtube poucas dezenas de espectadores.

O general Otávio Rêgo Barros, que foi porta-voz da Presidência da República de Bolsonaro até 2020 e que desde que saiu do governo tem sido uma voz crítica ao governo, também participou.

Questionado sobre seus percentuais nas pesquisas, o pré-candidato voltou a minimizar a importância dos resultados e disse que é preciso não ter ansiedade. "A população só será ativada de fato, com o início do horário eleitoral."

Temer questionou Doria quanto à formação de um pacto nacional, caso eleito, para zerar e sepultar "um presente e um passado apodrecidos".

Com problemas em sua conexão, FHC limitou sua manifestação a questionar o que Doria faria para melhorar a situação econômica do país, caso eleito. Na última semana, FHC voltou a indicar seu apoio a Doria no pleito.

No levantamento Datafolha de dezembro, Doria alcança 4% das intenções de votos.

mundo

Partido Socialista vence as eleições em Portugal e conquista a maioria

Sigla do premiê António Costa garante maior porcentagem de votos e assentos no Parlamento

Giuliana Miranda

LISBOA O Partido Socialista, no poder desde 2015, venceu as eleições legislativas de Portugal neste domingo (30) e garantiu, sozinho, maioria absoluta no Parlamento —resultado tido como surpreendente.

Com mais de 99% dos votos apurados, a legenda do premiê António Costa conquistou quase 42% dos votos e ao menos 117 dos 230 assentos na Assembleia da República.

Pesquisas de intenção de voto divulgadas na última semana da campanha eleitoral projetavam um empate técnico entre o PS e o maior partido da oposição, o PSD (Partido Social-Democrata).

Desde 1976, houve apenas quatro maiorias absolutas em Portugal, sendo quatro do PSD. O Partido Socialista também realizou o feito em 2005, com José Sócrates, figura hoje em desgraça na política portuguesa por conta de acusações de corrupção.

"Uma maioria absoluta não é um poder absoluto. Não é governar sozinho. É uma responsabilidade acrescida. Governar é para e com todos os portugueses. Essa será uma maioria de diálogo, com todas as forças políticas que representam na Assembleia da República os portugueses na sua generalidade", prometeu Costa, no discurso da vitória.

"Tenho de reconhecer que esta noite é muito especial para mim. Depois de seis anos de exercício de funções como primeiro-ministro, depois dos últimos dois anos num combate sem precedentes contra uma pandemia, é com muita emoção que assumo esta responsabilidade que os portugueses me confiaram."

Os social-democratas aparecem com 27,8% dos votos e garantiram, por enquanto, uma bancada de 71 deputados. Em discurso após a confirmação da vitória socialista, Rui Rio, presidente da legenda, assumiu a derrota do PSD.

"O resultado que tivemos está muito longe daquilo que entendemos que iríamos ter", disse o social-democrata. Ele destacou que o PSD ampliou o número de votos em vários distritos, mas atribuiu à mobilização da esquerda a dianteira dos socialistas nas eleições.

"Houve um voto útil à esquerda absolutamente esmagador. Ou seja: a esquerda mobilizou-se através do voto no Partido Socialista para evitar que o PSD pudesse indicar o primeiro-ministro. Não houve isso no campo da direita".

Uma grande mudança na composição do Parlamento ficará por conta do aumento expressivo da bancada do partido da extrema direita Chega, que assumiu o posto de terceira maior força política.

A legenda, que foi criada e entrou na Assembleia da República em 2019, teve pouco mais de 7% dos votos. Com isso, o Chega, que tem atualmente apenas um deputado, garantiu ao menos 12 representantes —apenas uma mulher— no Parlamento.

O partido se apresenta como antissistema e acumula propostas polêmicas, como a volta da pena de morte. Também conviveu com integrantes ligados a organizações neonazistas e é frequentemente acusado de discurso discriminatório contra ciganos.

Líder da sigla e seu único representante no Parlamento até as eleições deste domingo, o deputado André Ventura já foi condenado por "ofensas ao direito à honra" depois de ter chamado de bandidos, durante um debate na TV, os integrantes de uma família negra e moradora de um conjunto habitacional. A decisão foi confirmada em dezembro pelo Supremo Tribunal de Justiça de Portugal. O populista foi o terceiro colocado na eleição presidencial de um ano atrás.

"Se o Partido Socialista acha que vai ter a vida mais facilitada nesta legislatura, nós vamos lhe transmitir a mensagem precisamente oposta. O que não foi feito nos últimos seis ou sete anos, começará a ser feito já amanhã", afirmou Ventura, diante do resultado positivo de sua sigla.

Ao responder perguntas da imprensa, António Costa adiantou que irá se reunir com representantes de todos os partidos, menos com o Chega. A legenda da direita radical deve encontrar mais animosidade nesta legislatura.

"Cada racista eleito no Parlamento português é um deputado a mais. E lá estaremos para combatê-los todos os dias", disse, em um duro discurso, Catarina Martins, líder do Bloco de Esquerda (BE), em referência aos parlamentares eleitos pelo Chega.

Os resultados do pleito foram particularmente ruins para os partidos mais à esquerda, antigos parceiros dos socialistas na sustentação do governo. Na avaliação de analistas, as legendas desse campo político parecem ter sido responsabilizadas nas urnas pelas eleições antecipadas.

O BE e o Partido Comunista Português (PCP) votaram contra o Orçamento de Estado para 2022 apresentado pelo Executivo, o que acabou levando à rejeição da proposta e a uma crise que abalou as estruturas da geringonça, apelido dado à aliança entre os tradicionalmente divididos partidos da esquerda portuguesa.

Com o resultado na votação do Orçamento, o presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, decretou a dissolução do Parlamento e a convocação de novas eleições.

Durante a campanha, o premiê insistiu no discurso de responsabilização política dos antigos parceiros à esquerda. A estratégia parece ter funcionado, uma vez que as pesquisas indicam uma grande transferência de votos, sobretudo do BE para os socialistas.

Ao assumir a derrota, Pedro Filipe Soares, número dois do BE em Lisboa, acusou o PS de chantagem e de provocar uma bipolarização forçada do país.

Os comunistas, por sua vez, perderam representantes em alguns de seus redutos tradicionais, como o Alentejo, no sul do país. Líder parlamentar da legenda e um dos rostos da campanha, João Oliveira não conseguiu se reeleger em Évora. Foi a primeira vez, desde a redemocratização de Portugal, que o PCP não elegeu ninguém na cidade.

Conhecido pela habilidade de costuras políticas, António Costa adicionou mais uma conquista inesperada para a lista. Prefeito de Lisboa, ele chegou à liderança do PS em 2014, após desafiar o então secretário-geral da legenda, António José Seguro, nas primárias que escolheriam o candidato a primeiro-ministro.

À frente do PS nas eleições de 2015, ficou em segundo lugar nas urnas, mas garantiu o posto de premiê após articular uma inédita coalizão com as legendas do mesmo campo político —a geringonça.

O partido ambientalista PAN, que em 2019 elegeu quatro deputados, fica agora com apenas uma representante. Tradicional partido da direita conservadora, o CDS-PP, que tinha cinco deputados, perdeu a representação parlamentar. O líder da legenda, Francisco Rodrigues dos Santos, pediu demissão após o resultado do fiasco eleitoral.

O primeiro-ministro de Portugal, Antonio Costa, acena após vencer as eleições, em Lisboa Pedro Nunes/Reuters

Hackers dizem ter invadido Parlamento português e roubado dados

LISBOA Neste domingo (30), quando se realizam eleições legislativas em Portugal, hackers afirmaram ter invadido o sistema do Parlamento do país e roubado informações sensíveis. A polícia local está investigando o caso, mas ainda não houve confirmação oficial do ataque.

A ação foi reivindicada pelo Lapsus$ Group, o mesmo grupo que assumiu a autoria de um ataque ao Ministério da Saúde do Brasil e ao aplicativo ConecteSUS em dezembro de 2021, quando as duas plataformas saíram do ar.

O grupo vem acumulando possíveis ataques em Portugal. Em 2 de janeiro, o Lapsus$ reivindicou a responsabilidade por uma grande ofensiva contra o maior conglomerado de mídia em Portugal: a Impresa. Sites da empresa ficaram fora do ar, como as páginas da emissora SIC, líder de audiência na TV aberta, e do jornal Expresso, o semanário mais lido do país.

O Lapsus$ afirma ter obtido "conteúdo sensível relacionado ao governo, informações pessoais de políticos, documentos dos partidos políticos, configurações de email e senhas".

Os criminosos puseram o produto do suposto ataque à venda. O meio de pagamento exigido é a criptomoeda bitcoin. Os hackers também aproveitaram para se gabar de ataques anteriores, incluindo ofensivas "a ministérios do Brasil".

De acordo com o jornal Expresso -que faz parte do grupo atacado pelos hackers-, o site do Parlamento de Portugal chegou a ficar cinco minutos fora do ar.

A Polícia Judiciária de Portugal está investigando o caso. Ao jornal português Público, uma fonte da corporação afirmou que ainda é cedo para confirmar se houve invasão.

A Assembleia da República não respondeu ao contato feito pela **Folha**. À agência de notícias Lusa, João Leal, diretor da área de Comunicação, disse que o Parlamento investiga o eventual ataque hacker, mas que não existe qualquer evidência, de que tenha ocorrido.

O episódio foi divulgado na tarde deste domingo, quando Portugal realiza eleições antecipadas para escolher a nova composição do Parlamento.
GM

Portugal mais à esquerda

Crise da democracia pode ser, na realidade, uma crise de partidos de direita

Mathias Alencastro

Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

Muitos portugueses foram votar neste domingo atravessados pela mesma pergunta que tira o sono de muitos brasileiros: como assegurar a aliança das forças democráticas contra a extrema direita?

A tão esperada ascensão do Chega seria suficiente para colocar o PSD, tradicional partido da centro-direita, face ao dilema que tem devorado a alma dos conservadores ao redor do mundo? Isto é: aliar-se à nova direita, xenófoba, negacionista e antirrepublicana, ou buscar a preservação do pacto democrático por meio de uma aliança com a centro-esquerda? A angústia dos conservadores era hoje visível no rosto de Rui Rio, o líder do PSD que passou a campanha prometendo tudo e o seu contrário.

Do outro lado, o socialista António Costa parecia não ter vontade nem condições de reeditar a geringonça, como é conhecida a aliança das esquerdas que governou Portugal aliando disciplina fiscal e inserção internacional entre os anos de 2015 e 2019.

Apesar do sucesso da empreitada, o Partido Comunista e o Bloco de Esquerda romperam com o Partido Socialista em 2019 e, no final do ano passado, ajudaram a derrubar o seu governo minoritário. Durante a campanha, Costa pareceu cansado e sem ideias, pressionado por novos líderes do seu partido e fragilizado pelo desmonte de um projeto de poder que ele havia desenhado de cabo a rabo.

Nesse contexto moroso, ninguém esperava a vitória triunfal dos socialistas deste domingo e o melhor resultado de Costa em três eleições. Mesmo se os socialistas não conquistassem a maioria absoluta na Assembleia da República, Costa só precisaria, em princípio, de acordos pontuais com aliados para seguir no comando de Portugal num momento decisivo da sua história: caberá ao próximo governo administrar a chamada "Bazuca", os volumosos fundos europeus destinados à retomada da economia.

O resultado em Portugal também reforça algumas impressões gerais sobre a dinâmica da política na era pós-pandemia. Primeiro, experiência da crise sanitária e a tomada de consciência da crise climática estão reaproximando os eleitores dos partidos comprometidos com o Estado social.

Segundo, o que todos se acostumaram a chamar de crise da democracia pode ser, na realidade, uma crise da direita. Com a confirmação do Chega como terceira força política, fica impossível para a direita democrática portuguesa competir eleitoralmente contra a centro-esquerda. Uma situação subjacente nos Estados Unidos no meio do Partido Republicano, escancarada na França, onde o racha das direitas é ainda mais profundo e, em certa medida, no Brasil, onde o surgimento de Sergio Moro e do presidente Jair Bolsonaro colocou a direita democrática em minoria dentro do campo conservador.

Por último, é impossível não destacar a atuação de Rui Tavares, que foi eleito deputado pelo Livre. Conhecido no Brasil pelo seu podcast "Agora, agora e mais agora", ele mostrou que a melhor forma de combater a baixaria verbal de candidatos mais acostumados às redes sociais do que aos debates eleitorais é a retidão republicana, as propostas inovadoras e o otimismo com o futuro. Uma inspiração para todos os progressistas brasileiros.

| SEG. Mathias Alencastro | QUI. **Lúcia Guimarães** | SEX. Tatiana Prazeres | SÁB. Jaime Spitzcovsky

Passaporte de vacinação é adotado por vários países

Chamado de 'coleira' por Bolsonaro, documento é medida para frear Covid

Mayara Paixão

GUARULHOS O passaporte vacinal, chamado de "coleira" pelo presidente Jair Bolsonaro, já foi adotado por líderes de diferentes matizes políticas ao redor do mundo como medida para frear a disseminação da Covid e incentivar a adesão à campanha de imunização.

Os principais exemplos estão em países que possuem parcela robusta da população com esquema vacinal completo —normalmente, acima de 70%, índice elogiado por especialistas em saúde pública. É o caso de Portugal (90%), Chile (88%), França (76%), Itália (76%), Reino Unido (71%), Grécia (70%) e Israel (65,4%).

É verdade que a medida, invariavelmente, vem acompanhada de críticas. Paris tem assistido a protestos desde que o governo de Emmanuel Macron propôs, e o Legislativo aprovou, um novo passaporte vacinal para maiores de 16 anos. Mais de 2.000 se reuniram no sábado (29) em oposição ao que dizem considerar um atentado às liberdades.

A regra exige que o comprovante de vacinação seja apresentado em locais públicos, como restaurantes e bares, e entrou em vigor na última semana para, nas palavras de Macron, "irritar os não vacinados", que têm cometido uma "imensa falta moral".

Mas as manifestações nas ruas não significam que a oposição à medida seja majoritária. Quando questionados sobre a exigência do passaporte vacinal em espaços de alimentação, 47% dos franceses disseram apoiá-la, e apenas 32% se opuseram, em pesquisa conduzida em setembro pelo instituto YouGov. No caso de grandes eventos públicos, os favoráveis eram 57%, e os contrários, 23%.

O mesmo levantamento revelou que a apresentação do comprovante de vacina como condicionante para acessar locais públicos desfruta de apoio substancial em toda a Europa. No Brasil, o cenário é semelhante: pesquisa Datafolha deste mês mostrou que 81% da população é a favor do passaporte vacinal para a entrada em locais fechados, como escritórios, bares, restaurantes e casas de shows.

Nova para algumas nações, a medida já tem história em outros locais. Israel foi um dos pioneiros em adotar o passaporte, em fevereiro de 2021. À época com 20% da população com as duas doses, o país buscou reabrir espaços comuns, como sinagogas, ao mesmo tempo em que pudesse reduzir os riscos de contágio.

Desde então, pequenas flexibilizações foram feitas. Com 65% da população vacinada e a quarta dose sendo aplicada, o comprovante é exigido em eventos com mais de 50 pessoas, restaurantes, academias e universidades. Mas uma nova frente de discussão foi aberta recentemente pelas autoridades de saúde.

Homem mostra passe na Itália Guglielmo Mangiapane/Reuters

Painel consultivo do Ministério da Saúde de Israel recomendou que o chamado Green Pass seja revisado, argumentando que a alta transmissibilidade da variante ômicron torna a medida insuficiente.

A política também é uma realidade em Portugal, que sustenta o posto de país mais vacinado do mundo. Quando a ômicron se tornou a variante predominante, levando à alta de casos e hospitalizações, o premiê António Costa anunciou medidas para incentivar o reforço da vacinação —44% já tomaram a terceira dose.

O passaporte foi retomado para acessar restaurantes, estabelecimentos turísticos e espetáculos culturais. Casos específicos, como visitas a asilos ou a pacientes internados, tornam necessária, ainda, a apresentação de um teste negativo, mesmo para completamente vacinados.

Não é preciso ir muito longe para encontrar exemplos da medida, já que um deles está na vizinhança do Brasil. País mais vacinado da América do Sul, o Chile adota o chamado passe de mobilidade, comprovante de imunização exigido em grande parte dos locais.

Desde 1º de janeiro, o governo local desabilita o passe dos maiores de 18 anos que não receberam a dose de reforço, disponibilizada seis meses após a segunda dose e hoje aplicada em 65,7% da população chilena. A atualização já foi adotada de forma semelhante pela União Europeia.

O bloco europeu anunciou em dezembro que o passaporte de vacinação, que permite o trânsito de cidadãos entre os países-membros, terá validade de nove meses, começando a valer a partir da data em que o indivíduo recebeu a segunda dose ou a dose única. Para que seja renovado, será preciso tomar o reforço.

Um dos membros da UE, a Grécia também adota restrições aos não vacinados desde o segundo semestre do ano passado, a despeito de a retomada do turismo, setor que representa um quarto do PIB do país, ser uma das prioridades do governo. O setor foi duramente afetado pela pandemia: enquanto o país recebeu 34 milhões de visitantes em 2019, em 2020 essa cifra caiu para 7,4 milhões de pessoas.

A Itália é outro exemplo que reforçou as restrições. O governo excluiu a possibilidade de apresentar um teste negativo para a Covid ao acessar bares, restaurantes e o transporte público. Desde 10 de janeiro, somente a comprovação da vacina —com o certificado apelidado de "Super Green Pass"— é válida para entrar nesses espaços.

"A maioria dos problemas que estamos enfrentando hoje se deve ao fato de que existem pessoas não vacinadas, que têm muito mais probabilidade de desenvolver formas graves da doença e colocam os hospitais sob pressão", justificou o primeiro-ministro.

Também é verdade que esse tipo de política pressiona os governantes que a sustentam, e um exemplo está no Reino Unido. Quando a variante ômicron levou à explosão de casos e internações, o premiê Boris Johnson anunciou um pacote que previa o passe sanitário. O episódio gerou uma crise política, visto que membros do partido de Boris manifestaram repúdio ao endurecimento das regras.

O plano foi aprovado pelo Parlamento, mas durou pouco mais de um mês. Pressionado, desta vez devido à realização de uma série de eventos irregulares enquanto o país estava em confinamento, Boris se viu acuado por pedidos de renúncia e derrubou a exigência do passaporte sanitário.

Nos Estados Unidos, a implementação do passaporte da vacina fica a critério das administrações estaduais e municipais. Em agosto, a cidade de Nova York se tornou a primeira a exigir o comprovante de vacinação para quem quiser frequentar bares, restaurantes e outros estabelecimentos comerciais. Enquanto isso, lideranças estaduais, especialmente republicanas, aprovaram leis que proíbem medidas do tipo.

Onde o passaporte da vacinação é adotado

- Os principais exemplos são países que possuem uma parcela robusta da população com o esquema vacinal completo, normalmente acima de 70%, como Portugal (90%), Chile (88%), França (76%), Itália (76%), Reino Unido (71%), Grécia (70%) e Israel (65,4%)
- O documento serve para frear a disseminação da Covid-19 e incentivar a adesão à campanha de imunização
- A regra exige que o comprovante de vacinação seja apresentado, em geral, em locais públicos, como restaurantes e bares, além de estabelecimentos turísticos e espetáculos culturais

OTAN NÃO PLANEJA ENVIAR SOLDADOS PARA UCRÂNIA EM CASO DE INVASÃO RUSSA

Gleb Garanich/Reuters

Ao fim de uma semana de aumento da tensão na crise que se desenrola no entorno da Ucrânia, o secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg, afirmou neste domingo (30) que não há planos de enviar tropas da aliança militar para o país do Leste Europeu. O norueguês enfatizou que a aliança militar se concentra, por ora, em fornecer apoio, como modernização da defesa e entrega de equipamentos. As declarações vêm no mesmo dia em que Moscou voltou a rechaçar a possibilidade da Ucrânia se juntar à aliança militar de 30 países liderada pelos Estados Unidos. Enquanto isso, Kiev segue realizando treinamentos de centenas de civis que se juntaram aos reservistas do Exército ucraniano ao longo dos últimos meses para ajudar em uma eventual guerra. Muitos são jovens e mulheres, treinados por veteranos do país em espaços públicos para aprender a usar o armamento disponível. Reuters

TODA MÍDIA | **Nelson de Sá**
nelson.sa@grupofolha.com.br

Às vésperas de Pequim 2022, publicidade declara trégua

Os Jogos de Inverno surgiram no alto dos tópicos mais populares da rede social Sina Weibo no fim de semana, destacando entrevista do jornal Nanfang com a atriz Yang Zi, que está no vídeo de apresentação do evento em Pequim —descrita como a única "cidade de duas Olimpíadas". Começa na sexta (4).

A rede americana NBC e jornais como USA Today também dispararam no final de semana as suas coberturas, que serão concentradas, ao que parece, em pouco mais de 20 esportistas, introduzidos como personagens de reality show. O país quer "melhorar" em relação a 2018, quando foi quarto em medalhas.

Não faltou atenção à publicidade, nesse lançamento informal do evento esportivo global. A segunda postagem do tópico no Sina Weibo foi um comercial da empresa chinesa de equipamento esportivo Anta, que patrocina os Jogos e cresceu no país, tornado mais nacionalista desde o início da guerra comercial por Donald Trump.

E o New York Times produziu uma extensa reportagem crítica aos patrocinadores americanos. Seus "executivos dizem que os Jogos não devem ser politizados", e, com isso: "As latas da Coca-Cola são adornadas com anéis olímpicos. A Procter & Gamble abriu um salão de beleza na Vila Olímpica. Visa é o cartão de crédito oficial".

HU AO ATAQUE Talvez o mais conhecido jornalista chinês, Hu Xijin vem defendendo sem intervalo os Jogos de Pequim das críticas da imprensa e do governo dos EUA, em textos e vídeos publicados em suas diversas plataformas —da coluna no Global Times ao Twitter, ambos em inglês, e do Weibo ao portal Guancha, em chinês. Ele deixou a edição do jornal em dezembro.

A LISTA Caixin e outros veículos chineses divulgaram a relação dos mandatários que deverão estar na abertura das Olimpíadas, ao lado de Xi Jinping —com pouco mais de três dezenas de nomes, do Sudeste Asiático à Ásia Central, da Europa à América Latina e à Oceania. O governo Jair Bolsonaro não envia ninguém, mas o presidente do Banco dos Brics, Marcos Troyjo, ex-secretário do Comércio Exterior, está previsto para o estádio Ninho do Pássaro, na sexta.

Anúncio da empresa chinesa de roupa esportiva Anta, no Sina Weibo (em cima), e estande da Coca-Cola num mercado de Pequim, em foto da Reuters publicada pelo NYT

entrevista da 2ª

Carlos de A. Baptista Junior

Os militares irão prestar continência a Lula ou a qualquer outro presidente

Comandante da FAB nega ser o mais bolsonarista dos chefes militares e vê a radicalização da sociedade com preocupação

PODER

Igor Gielow

BRASÍLIA Questionado se irá prestar continência caso o hoje favorito nas pesquisas eleitorais, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), ou outro candidato tome o lugar de Jair Bolsonaro (PL) em 2023, Carlos de Almeida Baptista Junior é direto.

"Lógico. Nós prestaremos continência a qualquer comandante supremo das Forças Armadas, sempre", disse.

Se a resposta parece óbvia, os três anos de governo do capitão reformado do Exército em que os militares voltaram aos holofotes da política a fazem necessária neste 2022.

Não foram poucos, nesse período, que viram com temor a proximidade das Forças Armadas das ideias autoritárias e golpistas do presidente.

E Baptista não é um militar qualquer. É, desde a crise que derrubou a cúpula da Defesa em abril, o comandante da FAB (Força Aérea Brasileira).

Mais que isso, o tenente-brigadeiro-do-ar sempre é citado nos meios militares como o mais bolsonarista dos três chefes que ascenderam na ocasião. Ele dá de ombros.

"Não sei de onde saiu isso. Esse clichê me foi colocado uma hora depois da minha indicação", disse à **Folha** em entrevista no seu gabinete, na quinta-feira passada (27).

Depois ele sugere a origem: sua atuação nas redes sociais, onde interage com postagens da órbita bolsonarista. "Como comandante da FAB, sempre ratifiquei a posição apartidária da Força. Uma coisa é falar de política, outra é de política partidária", diz.

Em julho passado, Baptista Junior gerou polêmica ao reforçar a crítica feita por Walter Braga Netto (Defesa) à CPI da Covid. Citando militares investigados no Ministério da Saúde, o presidente da comissão, senador Omar Aziz (PSD-AM), falou em "lado podre" das Forças.

O brigadeiro, que havia coassinado a nota de Braga Netto com os outros dois comandantes, concedeu entrevista dizendo que "homem armado não faz ameaça". O comandante diz que estava certo.

Sua fala sobre a eleição vem na sequência de um movimento em que Exército e Marinha sinalizaram descolamento de Bolsonaro, como a **Folha** mostrou recentemente. É uma sinalização institucional a Lula, presidenciável ao qual os militares são mais refratários, e a outros candidatos.

Questionado sobre o fato de que a FAB permite que militares não vacinados contra Covid-19 trabalhem, desde que assinem termos, ele diz os protocolos de saúde são rígidos. Até dezembro, 93% dos 66 mil militares da Força haviam tomado ao menos uma dose, e 65%, as duas.

O comandante também falou sobre a carta na qual anunciou o corte de parte da encomenda da aviões de transporte KC-390 da Embraer, primeira rusga pública da Força com a empresa que foi dela de 1969 a 1994. "A partir de hoje, eu sou o cliente", afirma.

Sargento Bianca Viel/Divulgação FAB

Carlos de Almeida Baptista Junior, 61

Filho do comandante da FAB de 1999 a 2003, o brigadeiro é piloto especializado em aviação de caça, somando 2.200 das suas 4.000 horas de voo nesses modelos. Entrou na Força em 1975, e chegou ao topo da hierarquia em 2018. Assumiu o comando quando era responsável pela logística da corporação, após a crise militar que derrubou a cúpula da Defesa em abril de 2021

> "A FAB, e as Forças, tenho certeza, se manterão dentro de sua destinação constitucional [na eleição]. Não tomarão partido, a política não entrará nos nossos quartéis. Não há indução por parte do comando. Como cidadão, vejo com preocupação como estamos radicalizados

*

Na troca de comandos, o sr. foi apontado como o mais bolsonarista dos novos chefes. Houve o episódio da CPI da Covid. Como o sr. vê essa avaliação? Acho que isso veio da indicação [do presidente]. Não demorou uma hora, e um site de política me chamou de o mais bolsonarista dos novos comandantes. Não sei de onde saiu isso. Como comandante da FAB, sempre ratifiquei a posição apartidária da Força. Uma coisa é falar de política, outra é de política partidária. Esse carimbo, esse clichê, me foi colocado uma hora depois da minha indicação. Possivelmente porque eu era o único que utilizava, e ainda utilizo, as mídias sociais, com todos os riscos disso, porque acho que é ferramenta importante.

O comandante da FAB é uma figura parcialmente política, e não estou falando de política partidária, estou falando da melhor definição de política, de interlocução com autoridades do governo, em prol da missão da Força Aérea.

Foi um episódio traumático? Foi uma troca de comandantes, que são cargos de livre provimento do presidente, e não vou entrar nessa avaliação, pois não cabe a mim avaliar os atos do presidente. Mas logo depois o voo de cruzeiro voltou à Força Aérea.

Eu tenho 46 anos de FAB. Ela está dentro de seu papel constitucional. Ou seja, não há tendências político-partidárias na FAB, aliás, como as Forças fazem desde 1985.

Foi sim uma troca inesperada, mas o voo de cruzeiro está voltando, estamos focando os projetos estratégicos.

E a questão da nota contra a CPI? Cada um de nós que entra nas Forças Armadas faz um juramento, que é a defesa da pátria, e no finalzinho diz "cuja a honra, integridade e instituições defenderei com o sacrifício da própria vida". Aquela nota ocorreu porque a CPI é uma ferramenta da democracia, mas as instituições são o que garante a democracia. A instituição militar, judiciária, a imprensa. Cada um de nós tem uma responsabilidade muito grande.

Aquela nota foi apenas para que a gente firmasse a posição de que um, nós não somos lenientes com erro. Se houver algum militar errando, existe o Poder Judiciário, mecanismos de controle. Mas isso não pode transbordar para o todo. Quando alguém quer atacar a mídia, é muito ruim, se ele quer atacar um repórter que não tem a responsabilidade que deveria ter. Isso serve para militar.

Acho que [o movimento] foi bem recebido, tanto que no relatório final da comissão não foi citada a instituição, mas os indivíduos.

Eu concedi a entrevista [ao jornal O Globo] no dia seguinte porque achei que ficou faltando a gente ratificar a nossa não leniência com desvios. Logicamente, repercutiram outras palavras.

A questão do homem armado não fazer ameaça. Isso serve para qualquer pessoa com arma. É nosso mote, que a arma não serve para ameaçar ninguém. Cumpriu o objetivo.

O ano passado foi todo de crispação política extrema, até o 7 de Setembro [quando Bolsonaro protagonizou atos golpistas]. Desde então, a situação refluiu um pouco, com a entrada do centrão no governo. O sr. acha que essa situação agora reduziu a exposição dos militares? Os militares estão expostos como no governo de Fernando Henrique Cardoso [PSDB, 1995-2002] estavam expostos os acadêmicos e no governo de Luiz Inácio Lula da Silva [PT, 2003-10], os sindicalistas. O presidente Bolsonaro trouxe para o governo dele pessoas de sua confiança.

Essa exposição maior dos militares sob Bolsonaro leva também a uma incompreensão mútua, com a imprensa por exemplo. Mas a relação veio para ficar, não? O poder civil tem pouco interesse historicamente no militar? Eu acho que depende de atividades como essa conversa. O poder civil é muito pouco focado na atividade militar, e talvez dê muito pouca importância à instituição militar. Acho que isso tem a ver com longo período de paz do Brasil, graças a Deus, estamos aqui para evitar a guerra. Isso é dissuasão.

Isso é bom, mas não é bom quando não conseguimos discutir prioridades orçamentárias. Quando não conseguimos colocar a imagem de que somos um seguro de um país riquíssimo. Só se sai desse status atual com muito diálogo.

Sobre a participação das Forças no governo, a FAB, até por ser menor, tem uma participação menor. Isso é normal. Qualquer governo precisa buscar os melhores na sociedade para fazer a gestão, sejam eles civis ou militares, e aí falo de militares da reserva.

O sr. concorda que devam ser da reserva? A lei autoriza o uso de militares da ativa por até dois anos. Esse é um debate muito interessante, como a elegibilidade de militares, juízes, procuradores. Não devemos partir a casuísmos.

Como o sr. vê a tensão eleitoral em 2022, e a eventual mudança total de orientação do próximo governo? Eu receio que nossa sociedade esteja muito dividida, muito polarizada e radical. Isso é ruim para o futuro, estamos chegando a um nível de incapacidade de compreender uma visão diferente, e isso se reflete na disputa política.

A FAB, e as Forças, tenho certeza, se manterão dentro de sua destinação constitucional. Não tomarão partido, a política não entrará nos nossos quartéis. Não há qualquer indução por parte do comando da Força Aérea. Como cidadão, vejo com preocupação como estamos radicalizados, isso não é bom.

Objetivamente, vocês vão prestar continência se Lula ou qualquer outro for presidente? Lógico. Nós somos poder do Estado. A continência é um símbolo. Quando a gente entra nas Forças Armadas, a gente aprende que ela visa a autoridade. Nós prestaremos continência a qualquer comandante supremo das Forças Armadas, sempre.

Quando o sr. encontrou com o Gilmar Mendes para dizer isso [depois da crise da nota da CPI], algumas pessoas perguntaram: "Mas ele não é bolsonarista?". Não, eu sou comandante da Força Aérea, represento uma instituição.

O sr. acredita que há um dano às Forças pela associação com o governo Bolsonaro? As Forças sempre foram as instituições mais respeitadas. Não acho que haja dano como instituição, embora pense que haja uma utilização disso da parte contrária. Os exemplos que damos são as melhores ferramentas que temos, mesmo que a curto prazo isso não seja entendido. A sociedade sabe que pode continuar contando com suas Forças Armadas como instituições de Estado, apartidárias.

O sr. tem alguma percepção de politização na tropa? Não, eu mantenho a tropa informada e damos o exemplo. Logicamente, sei que num ano eleitoral essa preocupação tem de ser enfatizada, pois somos feitos de cidadãos.

O Exército mandou adiantar os exercícios militares até setembro para ter tropas à disposição em caso de confusão na eleição e depois. Haverá algo assim na FAB, isso se aplica? Não, qualquer participação nossa é mais de apoio logístico, o que já fazemos 24 horas por dia. Aqui falamos da questão dos meios.

Nós começamos a pandemia em 24 de fevereiro, a nossa primeira missão foi em 6 de março, fomos buscar os brasileiros em Wuhan. Chegar lá com os países todos fechados foi um trabalho importante. Desde 2013, o Brasil carece de um avião para essa missão. Hoje [quinta, 27] foi lançado o edital para a compra de dois aviões A330 para essa função.

Não há uma sinalização contraditória para a indústria nacional, já que foram reduzidas as compras do cargueiro KC-390 da Embraer? A FAB é feita de um arranjo muito bem pensado de meios, doutrina, infraestrutura, pessoal treinado. Quando vamos aos meios, existe um planejamento baseado em capacidades. O Brasil precisa de 28 KC-390 [encomenda inicial a ser reduzida]? Talvez até mais.

Mas temos de olhar nossa defesa como círculos concêntricos, no centro tem de ter 36 caças Gripen armados, não avião para o [desfile do] 7 de Setembro, depois helicópteros, transporte. O que estamos fazendo é que não dá para ter isso no contrato com nossa realidade orçamentária. Imagina comprar um carro 2021 para receber em 2040.

Mas sua carta aberta à Embraer foi algo inédito, os termos foram duros. Foram. Nesses 50 anos, fizemos opções. Não temos a opção de fazer a Embraer em vez de fazer a Força Aérea. Temos de fazer a Força Aérea, trazendo o spin-off de toda a indústria. Muitas vezes, a opção priorizou a Embraer, para desenvolvimento da indústria. Mas minha função aqui é fazer a Força Aérea. Isso não é algo de governo, viu?, é um processo.

O ministro Raul Jungmann [Defesa, 2017-18] falou isso quando assumiu: precisamos caminhar do possível para o necessário. O que é possível com o limite orçamentário que é dado. Se isso me deixa fazer um desembolso de prioridades e pagar R$ 1 bilhão por ano em KC-390, só posso pagar um avião e meio por ano. Comprar 28, só vamos receber daqui a 14 anos, não faz sentido para nós ou para a Embraer. Há processos de obsolescência a analisar.

Estamos próximos de finalizar a renegociação. Converso toda a semana com o CEO da Embraer. A Embraer e a FAB são indissociáveis. A lei autoriza a gente reduzir ou ampliar em 25% qualquer objeto contratual unilateralmente sem causar danos ao contratado.

O sr. acha que houve uma inversão de papéis na relação da FAB com a Embraer depois da privatização de 1994? Este é o primeiro parágrafo da minha mensagem. A partir de hoje, eu sou o cliente.

Trabalhadores relatam pressões para evitar afastamentos por Covid

Sintomas menos graves da ômicron fazem empregadores desrespeitarem regras, diz procurador

Fernanda Brigatti

SÃO PAULO Quando chegou à confecção em que trabalha, no último sábado (22), Mariana ouviu de um superior que deveria manter distância de uma colega. A mulher, disse ele, está com Covid-19, confirmado por um teste rápido de farmácia feito dias antes. Afastada durante a semana, quando a lotação do espaço é maior, a funcionária contaminada pelo coronavírus foi chamada a repor a produção no fim de semana.

A decisão temerária da confecção resultou em pelo menos mais três infecções pelo vírus confirmadas e outros quatro casos suspeitos.

"Estou desde sexta-feira com dor no corpo, náusea e quase sem voz. Soube na segunda que mais quatro pessoas estão com suspeita de Covid e estão trabalhando. Ainda não sei o que fazer", diz Mariana. Ela, como outros trabalhadores citados nesta reportagem, pediu para ter o nome preservado, pois ainda é funcionária da empresa.

A nova onda de contaminações por Covid-19 impulsionada pela variante ômicron vêm deixando desfalcadas empresas em diversos setores. Com a gravidade menor das infecções, o tempo de isolamento caiu de 14 dias para 10 dias, mas a obrigação de afastar todos aqueles que estejam contaminados ou com suspeita de contaminação continua valendo.

A regra é essa, mas o que trabalhadores de diversos setores relatam são pressões para evitar atestados, para antecipar retornos e até para continuar trabalhando, mesmo contaminados, uma vez que os quadros são mais leves.

Além disso, patrões se recusam a pagar pelos testes, segundo os empregados.

"Estamos cercados de casos positivos. O que importa é que, independentemente de não haver tantas internações ou óbitos, a primeira obrigação do empregador é cumprir a lei", diz o procurador-geral do trabalho José de Lima Ramos Pereira.

"A relação trabalhista tem direitos e obrigações do empregador, e uma delas é manter o ambiente saudável e seguro."

Na fábrica em que Regina trabalhava –ela pediu demissão–, foi o dono da empresa quem apareceu para trabalhar com Covid-19. Dias depois, quatro pessoas manifestaram sintomas e foram afastadas pelo médico do trabalho.

Aqueles que, dias depois, descobriram resultados negativos em seus testes, tiveram os dias de afastamento descontados.

Na loja em que Juliana está empregada, a ameaça chegou em tom de brincadeira. Uma gerente avisou à equipe que se mais alguém aparecesse doente, todos "ajoelhariam no milho". A vendedora calcula que mais da metade da equipe de 30 pessoas esteja afastada atualmente.

Somente no setor em que ela atua, três, de cinco, estão com Covid-19. No cadastro, somente dois, entre oito funcionários, ainda estavam trabalhando na última semana.

Na terça (25), o governo Jair Bolsonaro (PL) formalizou a atualização das portarias 19 e 20, que estabelecem um conjunto de medidas para prevenção, controle e mitigação dos riscos de transmissão.

A mudança central foi a redução no tempo de isolamento obrigatório e a possibilidade de os funcionários retornarem antes ao trabalho.

Na volta antecipada, o afastamento ainda precisa ser de pelo menos sete dias para os casos assintomáticos.

Enquanto cumpre a quarentena, o trabalhador continua recebendo a remuneração e não pode ter os dias descontados.

O chefe do Ministério Público do Trabalho diz que o descumprimento das medidas de segurança no enfrentamento à crise sanitária tem sido tratado com prioridade pelos procuradores do trabalho.

As empresas podem ser responsabilizadas judicialmente na esfera cível pela exposição dos trabalhadores ao risco.

Ele também recomenda que os trabalhadores denunciem os casos de violação de direito. A formalização das reclamações pode ser feita por qualquer pessoa que tenha conhecimento do assunto e não precisa obrigatoriamente partir de um funcionário da empresa.

"No mundo perfeito, o trabalhador comunica a contaminação ou a suspeita ao RH ou ao departamento médico, manifesta o desejo de fazer o home-office, nos casos em que isso é possível. No mundo real, esse trabalhador fica sob risco de ser dispensado", afirma o chefe do Ministério Público do Trabalho.

Além do próprio MPT, as denúncias podem ser feitas à fiscalização trabalhista, hoje novamente ligada ao Ministério do Trabalho e Emprego, e nos sindicatos de trabalhadores dos setores.

Para o advogado trabalhista Luiz Guilherme Migliora, do Veirano, a atualização das portarias foi um avanço em relação à norma anterior, que previa 14 dias de afastamento.

Com o alto percentual de adultos vacinados, o período agudo de contaminação tem sido menor, gerando uma onda de casos mais leves e de ciclos menores.

Mesmo que seja por menos tempo, a empresa ainda é obrigada a afastar o trabalhador nas três situações previstas pelas portarias do governo: com suspeita de Covid-19, com a contaminação confirmada por teste ou que tiveram contato com alguém com a doença (e que, portanto, são enquadradas como casos suspeitos).

"A empresa fica sujeita à fiscalização e pode ser multada, mas o mais grave é o risco de contaminar uma outra pessoa e o caso se agravar, o que pode resultar em dano moral coletivo", afirma.

Para Alvaro Furtado, presidente do Sincovaga (Sindicato do Comércio Varejista de Alimentos), a atualização das portarias traz insegurança jurídica para as empresas.

Ele considera que o tempo de afastamento deveria ser decidido caso a caso, por um médico. "Dez dias parece um parâmetro aleatório. As empresas não têm condições de definir isso", afirma.

"Além disso, a portaria não trata de vacinação, exigência essa assegurada até pelo Supremo Tribunal Federal", acrescenta.

O dirigente do sindicato patronal afirma que as empresas tentam equilibrar o cumprimento dos protocolos com a viabilidade dos negócios, e admite que, no dia a dia, podem ocorrer desvios. "Mas não é essa nova recomendação."

Segundo o advogado do Veirano, o tempo de afastamento previsto nas licenças médicas é superior ao que foi definido na portaria.

Se o médico definir um prazo maior ou menor de afastamento para um trabalhador, esse é o intervalo a ser seguido.

Costureiro usa máscara em confecção em São Paulo Marlene Bergamo - 15 jul 2020/Folhapress

> "Estamos cercados de casos positivos. O que importa é que, independentemente de não haver tantas internações ou óbitos, a primeira obrigação do empregador é cumprir a lei. Manter o ambiente saudável e seguro
>
> **José de Lima Ramos Pereira**
> Procurador-geral do trabalho

Conheça seus direitos

1. A pessoa que trabalha ao meu lado foi diagnosticada com Covid na segunda-feira. Estive com ela na sexta. Como fica a minha situação?
Você é considerado um caso suspeito e deve ser afastado por dez dias, contados a partir do dia seguinte ao contato com a colega contaminada

2. Fui afastada por ter tido contato com alguém contaminado, mas não tive sintomas. Meu chefe quer que eu volte. Quando devo retornar?
A empresa pode solicitar que você passe por teste a partir do 5º dia de contato e deve pagar pelo exame. Do contrário, se você não tiver sintomas, pode retornar no 11º dia, depois de cumprir dez dias de isolamento, contados a partir do dia seguinte ao contato suspeito

3. Estou com febre e sintomas respiratórios. Devo trabalhar na empresa ou aguardar para fazer o teste de Covid?
Você pode continuar trabalhando se sua atividade permitir o home-office, mas deve comunicar a empresa. As portarias 19 e 20 preveem que, a partir do dia seguinte ao surgimento dos sintomas, o trabalhador deve se afastar do trabalho presencial por pelo menos dez dias. Independentemente do resultado do teste, se for realizado, é possível voltar às atividades no oitavo dia, mas somente se estiver sem febre e sem antitérmico há mais de 24 horas e os sintomas respiratórios estiverem leves

4. Fui afastada como caso suspeito e não tive sintomas. Meu chefe quer que eu faça um teste para retornar ao trabalho. Quem paga pelo exame?
O teste de Covid-19 para retorno antecipado ao trabalho é uma obrigação do empregador. Já o teste diagnóstico de iniciativa do empregado deverá ser pago por ele, pelo plano de saúde (quando há pedido médico) ou, para quem buscou um posto de saúde, pelo SUS

5. Descobri que estou com Covid-19. Quantos dias deve durar minha licença médica? Receberei por esses dias mesmo que não vá ao médico?
A licença dura dez dias, contados a partir do dia seguinte dos sintomas ou do teste com resultado positivo. Se for ao médico, caberá a ele, com base no seu quadro, definir quanto tempo você ficará afastado. Porém, se o quadro for leve, a licença durará entre sete e dez dias, e não pode haver desconto de salário pelos dias de afastamento

PAINEL S.A.

Joana Cunha

painelsa@grupofolha.com.br

Bloco

Catadores de material reciclável vão procurar os fabricantes de bebidas nesta semana para tentar negociar um apoio financeiro durante o Carnaval. A suspensão das festas pela segunda vez na pandemia vem em um momento pior neste ano, segundo Roberto Rocha, presidente da Ancat (associação nacional de catadores), porque muitos trabalhadores de Minas Gerais e da Bahia acabam de sofrer prejuízos graves nas enchentes. O avanço da ômicron também os atingiu.

ISOLAMENTO SOCIAL "Uma das cooperativas me ligou na semana passada contando que quase todos os cooperados pegaram a Covid-19 ao mesmo tempo. Tiveram que parar. Ficaram sem renda e sem trabalho. A situação está bem crítica neste ano", afirma o presidente da Ancat.

RECICLAGEM A ideia, segundo Rocha, é pedir um suporte nos moldes do que a Ambev ofereceu no ano passado, quando a cervejaria doou R$ 100 para cerca de 3.000 profissionais. O Carnaval é uma data importante para os catadores porque eles costumam triplicar o faturamento com a coleta de latinhas de cerveja.

PASSAGEM O mercado de seguros para viagem registra alta na procura por cobertura para Covid após a explosão da ômicron. A SulAmérica diz que cresceram os pedidos para extensão de estadia no destino, serviço usado quando o viajante recebe diagnóstico positivo. Segundo a empresa, a comercialização de seguros-viagem cresceu 38% nas três primeiras semanas de janeiro ante igual período de 2021.

FÉRIAS Na Allianz Travel, a empresa diz que foi significativo o crescimento no volume de atendimentos pelo SAC a pessoas com perguntas sobre coberturas para o coronavírus. Segundo a companhia, o uso do seguro cresceu depois das festas de fim de ano.

LUZ A Nova Engevix se prepara para entrar no mercado de energia solar com a construção de uma usina fotovoltaica em Janaúba (MG). Localizado a 550 quilômetros ao norte de Belo Horizonte, o pequeno município é um dos maiores polos de investimento em energia solar do país atualmente.

MANHÃ O projeto, feito em parceria com a construtora Ferreira Guedes e a KPE Engenharia, envolve investimento em torno de R$ 235 milhões e potência de 356 MWp, segundo a empresa. O empreendimento é mais um passo no mercado de energia na nova fase do grupo após a Lava Jato, que levou à mudança de nome, reorganização e dimensionamento dos negócios.

AULA A Secretaria de Educação Superior, órgão do Ministério da Educação, instaurou processo administrativo contra a Faculdade Anhanguera de Campinas por suspeita de descumprimento das condições do Fies. Segundo a portaria publicada na última segunda (24), foram encontrados indícios de infração às obrigações assumidas nos termos de adesão ao programa.

ESTUDO O objetivo é aferir a responsabilidade da instituição e, se for o caso, aplicar penalidades. Procurado pelo Painel S.A. o MEC não informou quais são os indícios. A lei do Fies prevê a impossibilidade da adesão da faculdade ao programa por até três processos seletivos, multa e exclusão da instituição como beneficiária de novas vagas.

PROVA O órgão deu dez dias para a Anhanguera se manifestar. Procurada pelo Painel S.A., a faculdade diz que não recebeu a notificação e a nota técnica indicadas na portaria. "A instituição ressalta que está em contato com o ministério desde a data em que a portaria foi publicada, na segunda, para ter acesso ao teor da nota técnica e, assim, poder se manifestar", diz em nota.

BOLSO O serviço de emissão de boletos para pagamento por meio do Pix avança nos bancos. O próximo a lançar deve ser a Caixa. Na modalidade, que acaba de ser adotada no Santander e já é oferecida no Bradesco e no Itaú, o documento apresenta, além do código de barras, um QR Code Pix para creditar o valor instantaneamente.

CAIXA O Santander começou a oferecer o modelo para todas as empresas, incluindo microempreendedoras. Segundo o banco, para o cliente pessoa jurídica, a tarifa tende a ser mais baixa na liquidação de boleto por QR Code do que na emissão por código de barras.

CALCULADORA O Itaú afirma que as cobranças com juros, multa, desconto e abatimento do cliente pessoa física também podem oferecer o QR Code de Pix como opção de pagamento e, nos casos de inadimplência, vai ser possível realizar o protesto e a negativação.

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

INDICADORES

JUROS

Jan., em % ao mês ■ Mínimo ■ Máximo

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA

Competência dezembro

Autônomo, empregador e facultativo

Valor mín	R$ 1.100,00	20%	R$ 220,00
Valor máx.	R$ 6.433,57	20%	R$ 1.286,71

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 17.jan

MEI (Microempreendedor)

Valor mín	R$ 1.100	5%	R$ 55,00

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.100	7,5%
De R$ 1.100,00 a R$ 2.203,48	9%
De R$ 2.203,49 a R$ 3.305,22	12%
De R$ 3.305,23 a R$ 6.433,57	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 20.jan. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

IMPOSTO DE RENDA

Em R$	Alíquota, em %	Deduzir, em R$
Até 1.903,98	Isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.296,32	Valor, em R$
Empregado	116,66
Empregador	259,26

O prazo para o empregador de trabalhador doméstico venceu em 7.jan. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico pode ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

Fontes: Ibre/FGV, com base na PNADC e Ministério do Trabalho

Brasil perde bonde da grande mudança no trabalho trazida pela pandemia

Funções vão desaparecer, e falta requalificação para novo mundo digital, que exige reforma das regras trabalhistas, segundo especialistas

Douglas Gavras

CURITIBA Thiago de Campos, 34, hoje vende balas em uma rua próxima ao restaurante onde era cozinheiro e que fechou durante os primeiros meses da pandemia. "Tenho mais de dez anos de profissão, mas demitiram todo mundo, começando pelos mais experientes."

Do dinheiro que ele ganha, que às vezes chega a R$ 150 em um dia, depende a mãe, que ficou doente no ano passado. Ele conta que a pandemia causou dois baques em sua carreira: a demissão e a dificuldade de se recolocar no mercado com o salário de antes.

"Até aparecem vagas, mas, se pagavam R$ 2.100 por mês, agora as ofertas quase não passam de R$ 1 mil. Por enquanto, vendo doces, faço bicos como auxiliar de obras e sonho em abrir meu próprio restaurante. Em algum momento, as coisas vão melhorar."

Histórias como as de Campos não são incomuns. O impacto da Covid-19 foi sentido sobretudo pelos trabalhadores informais e de baixa remuneração. Já o pós-pandemia deve acelerar o processo de digitalização do trabalho e a destruição de funções repetitivas e de baixa qualificação —e o Brasil não está preparado para nenhuma das mudanças que estão por vir, segundo especialistas.

Diversos relatórios internacionais apontavam crescimento expressivo das áreas ligadas à tecnologia da informação e algumas dessas mudanças já aconteceram no Brasil, ainda que de forma mais lenta, dada a falta qualificação para as áreas mais demandadas, diz Janaína Feijó, pesquisadora da área de Economia Aplicada do FGV/Ibre (Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getulio Vargas).

"O Brasil continua tendo um mercado de trabalho fragilizado; a retomada tem se dado pela volta do trabalho informal e manutenção do desemprego elevado. Embora a desocupação deva cair aos poucos, o quadro ainda é muito preocupante", diz.

Segundo a Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) Contínua, a desocupação do trimestre encerrado em novembro era de 11,6%. A taxa teve uma leve queda, mas os dados também mostram que a renda real dos trabalhadores voltou a cair na média, para R$ 2.444.

Feijó colaborou em um estudo publicado no ano passado, que avaliou as ocupações que devem emergir nos próximos anos. Pelo levantamento, a classificação "Outros Vendedores", que inclui vendedores remotos, a domicílio e por telefone, deve mais que dobrar entre 2019 e 2029, passando de 3,27% dos postos de trabalho para 11,84%.

Por outro lado, é esperada uma leve queda entre os vendedores de lojas físicas (de 7,43% para 7,1%) e de trabalhadores domésticos e auxiliares de limpeza em escritórios (de 7,85% para 5,68%).

"A tecnologia traz novas oportunidades de ocupações e a tendência é crescer a demanda por trabalhadores na chamada economia verde, na engenharia e na computação em nuvem. O país precisa, no entanto, estar pronto para aproveitar isso", diz Feijó.

Em busca de oportunidades em um setor que se destacou durante a quarentena, Felipe Henrique, 21, conseguiu uma vaga de assistente de ecommerce de uma rede de pet shop em São José dos Campos (SP) há dois anos.

"Sempre vi que era um mercado com potencial e a minha experiência anterior, como auxiliar de logística, ajudou bastante. Acabei apostando em um setor que foi impulsionado pela digitalização forçada e que deve continuar crescendo."

"Alguns profissionais mantêm o pensamento linear, esperando um tipo de trabalho que já não existe mais, com previsibilidade nas atividades, mas em um mundo cada vez mais imprevisível. É preciso mudar isso", diz Daniela Diniz, diretora de Conteúdo e Relações Institucionais da consultoria GPTW.

Para reverter a perda de postos de trabalho, seria preciso um investimento por parte das empresas em atualizar quem já está empregado, um esforço do sistema de ensino para treinar as novas gerações e políticas públicas para requalificar os atuais desempregados, resume o professor do Insper Sergio Firpo.

Um estudo da IBM publicado no fim de 2020, o primeiro ano da pandemia, apontava que 51% dos executivos brasileiros tinham na digitalização de suas empresas sua prioridade de investimentos nos próximos dois anos.

Firpo ressalta que as medidas de isolamento social e trabalho remoto, mesmo que paulatinamente reduzidas, também devem fazer com que alguns segmentos revejam suas práticas e aplicação de mão de obra. "Os ganhos de produtividade que o trabalho remoto trouxe também podem fazer com que alguns postos sejam destruídos."

Segundo o especialista, o trabalho exercido de diferentes cidades e o aumento dos chamados nômades digitais —profissionais que trabalham para uma empresa a partir de qualquer lugar— devem gerar uma mudança a favor dos trabalhadores mais qualificados, enquanto o vendedor de café e bolo que montava sua banquinha na porta de uma empresa pode ficar sem trabalho.

Além dos desafios impostos pela pandemia, com a proximidade da eleição também ganha força uma possível revisão de trechos ou mesmo revogação da reforma trabalhista aprovada pelo governo de Michel Temer (MDB) em 2017.

Segundo as entidades sindicais laborais, as mudanças feitas na CLT, flexibilizaram contratações, mas também aumentaram a vulnerabilidade dos trabalhadores.

"A legislação favorece uma precarização e não sabemos a dimensão dos impactos da pandemia", diz o sociólogo do Dieese Clemente Ganz Lúcio.

Segundo ele, o trabalho por aplicativo e outras modalidades virtuais vão demandar um reforço das regras.

Outro impacto são processos trabalhistas. Segundo o TST (Tribunal Superior do Trabalho) foram julgados de março de 2020 a setembro de 2021 mais de 523 mil processos —alta de 24,5%.

Para o professor de direito Ricardo Calcini, a legislação atual não estava preparada para a pandemia, e medidas criadas no período pioraram o quadro. "Cresceu a litigiosidade de temas, como o teletrabalho e doenças do trabalho."

Até aparecem vagas, mas, se pagavam R$ 2.100 por mês, agora quase não passam de R$ 1 mil. Vendo doces, faço bicos como auxiliar de obras e sonho em abrir meu próprio restaurante. Em algum momento, as coisas vão melhorar

Thiago de Campos, 34
cozinheiro com dez anos de experiência

Sempre vi que era um mercado com potencial e a minha experiência anterior, como auxiliar de logística, ajudou bastante. Acabei apostando em um setor que foi impulsionado pela digitalização forçada e que deve continuar crescendo

Felipe Henrique, 21
assistente de ecommerce de uma rede de pet shop

folhainvest

O regime de tributação definitiva

Tributação é exclusiva na fonte, e não há impacto na declaração do Imposto de Renda

Marcia Dessen
Planejadora financeira CFP ("Certified Financial Planner"), autora de "Finanças Pessoais: O Que Fazer com Meu Dinheiro"

O regime de tributação definitiva, também denominado tributação exclusiva na fonte, é muito comum, embora os investidores talvez não o reconheçam dessa forma. Significa que a retenção do imposto na fonte foi feita de forma definitiva, não cabendo à Receita Federal o direito de cobrar imposto adicional na declaração anual, nem ao contribuinte solicitar restituição, mesmo que seja isento.

Na DIR-PF, os rendimentos tributados exclusivamente na fonte serão lançados em uma ficha específica que não se comunica com a renda tributável do contribuinte.

Geralmente as aplicações financeiras recebem esse tratamento fiscal, o investidor não tem a possibilidade de fazer escolhas. A única exceção são os planos de previdência, que, além desse regime, permite que o contribuinte escolha o regime tributável, tratado na coluna da semana passada.

Assim como fiz na coluna anterior, vamos falar o português claro, respeitando os conceitos da Receita Federal e explicando os regimes como se deve.

Nesse regime de tributação, as alíquotas são definidas em razão do prazo de acumulação, de 35% (até dois anos) a 10% (a partir de dez anos). Não depende da faixa de renda do contribuinte, como acontece no regime tributável.

Importante notar que a contagem do tempo será feita a partir da data de cada depósito. Se o investidor estiver disposto e tiver capacidade financeira de esperar dez anos, vai se beneficiar da menor alíquota atribuída às aplicações sujeitas à incidência de imposto. Só perde para as aplicações isentas.

A opção por esse regime é irreversível. Não será possível alterar o regime por meio de portabilidade, por exemplo.

Base de cálculo

A base de cálculo é a mesma do regime tributável. O valor do imposto depende do produto, VGBL ou PGBL (e similares). No caso do VGBL, a alíquota incide sobre os rendimentos. No caso do PGBL, que admitiu o diferimento de parte do Imposto de Renda devido no ano em que o aporte foi feito, a alíquota incide sobre o valor total do resgate ou benefício de renda.

A quem interessa

O regime de tributação definitiva é adequado para quem pode esperar dez anos. O investidor renuncia à liquidez para reduzir a carga fiscal. Interessa especialmente no caso do PGBL e planos similares que admitem o diferimento do imposto sobre o valor do aporte. O contribuinte troca a alíquota de 27,5%, por exemplo, pela de 10%, dez anos depois.

A possibilidade de resgate antes do prazo é admitida. Entretanto, a alíquota do imposto será punitiva. Assim, é importante optar por esse regime somente quando o investidor tem outras aplicações de prazo mais curto, isentas, ou com tributação de 15%, alíquota aplicável às aplicações de renda variável, e às de renda fixa, a partir de dois anos.

O investidor que estiver interessado em contratar esse regime de tributação deve expressar claramente essa opção na adesão ao plano. Quando o contribuinte deixa de escolher o regime de tributação, a seguradora adota o regime tributável.

Curiosidades sobre esse regime: caso ocorra a morte do titular, a alíquota máxima aplicável será de 25%. Investidor não residente será sempre tributado de forma definitiva, não pode optar por outro regime e pagará imposto de 15%, se VGBL, e 25%, se PGBL. Se residente em paraíso fiscal, 25% em ambos os casos.

No regime tributável, abordado na semana passada, nada muda no caso da morte do titular; o regime se aplica aos beneficiários herdeiros.

marcia.dessen@gmail.com

|DOM. Samuel Pessôa |SEG. Marcia Dessen, Ronaldo Lemos |TER. Michael França, **Cecilia Machado** |QUA. Helio Beltrão |QUI. Cida Bento, Solange Srour |SEX. Nelson Barbosa |SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Substack defende liberdade de publicar autor antivacina

Nelson de Sá

SÃO PAULO Reportagem do Washington Post, a partir de estimativas de uma organização inglesa, publicou que a plataforma jornalística Substack "fatura milhões com conteúdo contra vacinas". No título, "Teóricos de conspiração, banidos de redes sociais, conectam-se com o público através de newsletters e podcasts".

A publicação foi ecoada por personalidades como Chelsea Clinton, filha do ex-presidente Bill Clinton: "Por que o Substack está ajudando negacionistas a lucrar com mentiras (e lucrando também)?".

A denúncia se concentra em Joseph Mercola, que foi banido do YouTube e do Facebook após denúncias semelhantes, e segundo o Center for Countering Digital Hate, ganha mais de US$ 1 milhão por ano com sua newsletter.

O três cofundadores da plataforma responderam que "a confiança na mídia tradicional está em seu nível mais baixo", e disseram que o Substack toma "decisões com base em princípios e não em relações públicas". "Defendemos a liberdade de expressão [...] mesmo quando significa tolerar a presença de autores dos quais discordamos."

"Censores têm a fantasia de que, se se livrarem dos Mercolas, todos os que agora resistem irão correndo tomar vacina", endossou uma das estrelas da cobertura política, Matt Taibbi. "É o oposto. Se eliminar os críticos, as pessoas terão certeza de que há algo errado com a vacina."

No final de 2021, o Substack anunciou ter passado de 1 milhão de assinantes, contra 250 mil no final de 2020. Além de jornalistas, escrevem personalidades como o médico Eric Topol, um defensor proeminente das vacinas nos EUA, o escritor Salman Rushdie e a cantora Patti Smith.

Gêneros musicais, privacidade e bloqueio do Telegram

Mal começou 2022 e parece que vivemos um ano todo em janeiro

Ronaldo Lemos
Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

Mal começou 2022 e parece que vivemos um ano todo em janeiro. No front musical —que é sempre termômetro de mudanças que depois se espalham por toda a sociedade—, tem muita coisa para prestar atenção.

Em artigo na semana passada, Kieran Press-Reynolds levantou a discussão sobre como os gêneros musicais estão se multiplicando e se tornando microgêneros. Em vez de termos como "rock", "pop", "soul", há estilos que se denominam hoje como "hyperplugg", "robloxcore", "sigilkore", "murder metal 2k13" e assim por diante. Descrevem cenas originadas diretamente na internet, todas com pretensão de criar estéticas próprias.

Já mencionei aqui o site Everynoise.com, que funciona como um mapa de todos os gêneros existentes. Reynolds nota que esses microgêneros nem sequer entraram no Everynoise, continuam abaixo do radar.

O que importa como reflexão é como esses micronichos podem rapidamente se tornar fenômenos de massa e inclusive arma política. Basta lembrar como a cena chamada vaporwave foi apropriada por correntes extremistas. Vivemos em um mundo em que a mudança pode estar aqui do lado, minúscula, invisível e, de repente, gerar perturbações em todo o tecido social.

Além disso, essa fragmentação representa na verdade o fim da ideia de gênero. Vivemos um mundo "pós-classificações", em que tudo é fluxo (algumas das repercussões dessas mudanças estão descritas em texto na Ilustríssima sobre a Grande Ruptura).

Outro tema da semana foi a tentativa de usar a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), que resguarda a privacidade de dados no Brasil, como escudo contra a vacinas e os certificados de vacina. O argumento —simplório— é que mostrar o certificado de vacina implicaria violação ao direito à privacidade. Infelizmente esse uso deturpado da LGPD tem se tornado cada vez mais comum.

Há quem queira usar a lei também para impedir acesso a dados governamentais públicos. Não faz sentido. A LGPD deve ser aplicada em harmonia com princípios como o direito à saúde e à transparência pública.

Outro tema polêmico diz respeito ao aplicativo de mensagens Telegram. O app tem 50 milhões de usuários no Brasil e tem sido criticado por não atuar contra a chamada Desinformação Adversarial, Táticas e Técnicas de Influência (Datti).

Em outras palavras, foi para o Telegram que correu boa parte das campanhas massivas e ocultas de desinformação que hoje têm dificuldade de serem propagadas em outras redes. Uma das razões é que o Telegram não tem sede ou representação no Brasil e vem ignorando completamente as tentativas de contato do Tribunal Superior Eleitoral.

O que fazer? Primeiro, aplicar o "follow the money" e ir atrás de quem financia campanhas ocultas de desinformação. Subsidiariamente, lembrar que o Marco Civil estabelece que a lei do Brasil se aplica para empresas que desempenham atividades no território nacional, mesmo que não tenham sede no país.

Com isso, abre-se a possibilidade de medidas mais drásticas, como bloquear o acesso ao Telegram no país. Se isso acontecer, deverá respeitar o princípio da necessidade e proporcionalidade. A decisão deverá ser solicitada legitimamente e ser implementada apenas por tribunal superior, informado por contribuições multissetoriais que deveriam se iniciar desde logo.

Tempos difíceis.

READER

Já era Gêneros simples como rock e pop

Já é Moods (classificar música pelo "sentimento")

Já vem Multiplicação e fragmentação das formas de classificar conteúdos

Nasdaq, bolsa de ações de tecnologia, nos EUA
Brendan McDermid - 9.nov.2021/Reuters

Ano deve ser de oscilação para as ações das big techs

Entenda por que e veja o que recomendam gestores de grandes carteiras

Lucas Bombana

Ações das principais empresas globais de tecnologia devem enfrentar um cenário movimentado em 2022, após o Federal Reserve, o banco central dos Estados Unidos, ter indicado que elevará os juros para controlar a inflação.

As empresas de tecnologia têm como característica necessitarem de níveis elevados de investimentos, para ganharem escala e participação de mercado, até atingirem a lucratividade no futuro.

No entanto, com os juros mais altos previstos para os próximos anos em escala global, investidores começaram em meados do ano passado a rever os modelos traçados para o crescimento desses negócios. Essa revisão deve se intensificar nos próximos meses, segundo Ruy Alves, gestor especialista em ações globais da Kinea Investimentos.

No acumulado de 2022, até 27 de janeiro, a Bolsa americana Nasdaq, conhecida pela alta concentração de ações de tecnologia, recua quase 15%. Só na terceira semana do mês a desvalorização foi de 7,5%, a maior para o intervalo desde o início da pandemia, em março de 2020.

"Os retornos das ações nos Estados Unidos vão ser menores e mais voláteis neste ano do que foram anteriormente", afirma o gestor da Kinea, empresa de investimentos controlada pelo Itaú.

A expectativa que começa a ganhar força e que tem levado à reprecificação em curso das ações é que, com o fim da era de dinheiro fácil se aproximando, as empresas de tecnologia devem ter mais dificuldade de rentabilizar sua operação, acrescenta Gabriela Santos, estrategista de mercados globais do JP Morgan Asset Management.

Segundo ela, para investidores que já têm uma parcela relevante de seus investimentos em papéis do setor de tecnologia, a recomendação é vender uma parte.

"A realização de lucros tem sido forte entre as companhias com as ações mais caras, especialmente no setor de tecnologia. É importante que os investidores pensem no preço que estão pagando", afirma Gabriela, que fica baseada em Nova York.

Em seu lugar, diz a especialista, os investidores deveriam priorizar papéis de empresas mais dependentes da conjuntura econômica atual, em setores como bancos, indústria e materiais básicos.

"Faz sentido ter uma reorientação das carteiras para setores como bancos, indústria, energia, que estão com os descontos mais altos em 20 anos", diz a estrategista.

"O que funcionou no último ciclo não necessariamente vai ser o que vai funcionar daqui para frente", observa.

Na mesma linha, Ruy Alves, da Kinea, diz que os fundos multiestratégia da casa, na parcela de renda variável, têm investido neste momento em papéis de empresas mais ligadas ao consumo doméstico, "que ficaram muito baratos", no lugar de ações globais nos Estados Unidos.

Entre eles, Alves destaca ações na Bolsa brasileira de empresas como Assaí, Hapvida, Vivara e Vamos. Enquanto a Nasdaq recua quase 15% em 2022, o Ibovespa avança cerca de 7%, até o dia 27.

O gestor da Kinea diz que a instabilidade provocada pelo aperto monetário do Fed vai afetar não apenas ações das big techs americanas, mas também as de empresas brasileiras como os bancos digitais Nubank e Inter e plataformas de ecommerce tais como Magazine Luiza.

"É o tipo de ação que é muito baseada em uma expectativa de crescimento futuro, e não no presente."

Para Gabriela Santos, do JP Morgan Asset, "no curto prazo a realização de lucros [das ações de tecnologia] pode continuar, porque esse é um ciclo de aperto monetário incerto". A estrategista diz que, caso o investidor ainda não tenha papéis de tecnologia, este pode ser um bom momento para aproveitar a queda nos preços, visando valorização no longo prazo.

Alves, da Kinea, afirma que já tem começado a olhar com mais carinho para alguns negócios que parecem estar com descontos excessivos. Ele cita o caso da Netflix e do Twitter. "São papéis que já tiveram quedas da ordem de 50% desde os picos alcançados em meados de 2021."

Gestor da Franklin Templeton especializado em tecnologia, Jonathan Curtis reconhece que, com os juros maiores, os investidores devem ficar mais seletivos ao colocarem dinheiro em empresas da nova economia digital.

Mas diz também que, como a utilização das ferramentas oferecidas pelas big techs avançou tremendamente na pandemia, as ações devem se recuperar com mais facilidade que as de empresas de pequeno e médio porte.

"Não deve haver tanta pressão em cima das maiores empresas, porque elas já são grandes geradoras de caixa e os investidores devem se sentir mais confortáveis em manter essas ações em carteira", afirma Curtis, que é baseado na Califórnia.

O gestor afirma que, diante de um ambiente de pressão inflacionária persistente nos Estados Unidos, as empresas têm buscado cada vez mais automatizar suas operações ao máximo, de forma a ganhar eficiência e reduzir os custos.

"Vamos ver volatilidade, principalmente entre as menores empresas do setor, mas os fundamentos ainda seguem muito fortes", afirma Curtis.

O médico de família Lucas Vinicius de Lima, 29, que diz ter perdido a conta das ameaças de violência que sofreu no trabalho, em uma UBS de São Paulo Zanone Fraissat/Folhapress

Ômicron inunda unidades de saúde e gera onda de agressões a profissionais

Para especialistas, população está esgotada e desconta insatisfação em médicos e enfermeiros

Cláudia Collucci

SÃO PAULO No pronto-socorro de um hospital público em Maceió, a médica Marília Magalhães, 33, e seus colegas têm atendido pacientes com dois seguranças na porta do consultório. "As pessoas chutam e batem na porta, gritam, ameaçam a equipe. Algumas se comportam de forma animalesca com profissionais esgotados, que estão trabalhando sem parar há dois anos nessa pandemia, muitas vezes com carga horária triplicada para ocupar o espaço dos colegas que estão doentes", diz ela.

No centro de saúde da Praia dos Ingleses, em Florianópolis, a enfermeira Andressa Albrecht, 35, levou um soco no olho no início do mês ao tentar separar uma briga entre pacientes iniciada porque os dois médicos do posto interromperam o atendimento por alguns minutos para tentar estabilizar um doente grave trazido pela ambulância.

"No fim do expediente, eu e o segurança patrimonial, que também foi agredido, tivemos que sair da unidade escoltados por policiais. No dia seguinte, esvaziaram os quatro pneus do meu carro", relata.

No Rio de Janeiro, capital, o enfermeiro Ronaldo, 40, também precisou chamar a PM após sofrer agressões físicas. As verbais já viraram rotina. "As pessoas nos chamam de vagabundos, dizem que são elas que pagam os nossos salários. Chegam quando a unidade já está fechada e querem ser testadas, gritam, xingam."

Em uma UBS na zona oeste de São Paulo, o médico de família Lucas Vinicius de Lima, 29, já perdeu as contas das vezes em que foi ameaçado de morte e de agressões desde o início deste ano.

"O usuário vem e te ameaça de te pegar no final do plantão. Geralmente, é o cara hígido [saudável], encrenqueiro, de 20, 30 anos, que quer passar na frente dos outros e não aceita que tem outras pessoas com mais prioridade."

Com a explosão de casos de ômicron e de gripe influenza, prontos-socorros e unidade de saúde que já operavam além do limite viram a situação piorar ainda mais com o aumento da demanda e o afastamento de funcionários contaminados. Em São Paulo, a Secretaria Municipal da Saúde registrava até a última quinta (27), 4.707 profissionais afastados por Covid ou síndrome gripal — o triplo do início do mês (1.585).

A demora no atendimento tem gerado revolta na população e aumentado os casos de violência contra profissionais de saúde. Os relatos vêm de todo o país e afetam, principalmente, médicos e pessoal da enfermagem da APS (Atenção Primária à Saúde) e dos pronto-atendimentos.

Não há estatísticas que mensurem essa violência atual, mas, segundo levantamento recente do Coren (Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo), com 252 trabalhadores do setor, 40,9% dos profissionais relatam ter sofrido agressões verbais e outros 9,5% já foram vítimas de ataques físicos. O Sindicato dos Médicos de São Paulo também está levantando esses dados.

"Violência a gente sofre diariamente, mas agora, com esse tsunami da ômicron, aumentou muito. A maioria dos usuários reclama do tempo de espera, acha que a espera de seis horas é culpa do médico, do enfermeiro", diz Lima, que já chegou a atender 120 pacientes em 12 horas de trabalho.

Há também muitos afastamentos de colegas por burnout, segundo a enfermeira Glaycie de Abreu Branco, 41, que trabalha na mesma UBS de Lima. "É muita sobrecarga de trabalho, poucos funcionários para a demanda e há um esgotamento mental geral. São dois anos nessa pegada louca", diz ela.

A sobrecarga de trabalho, o esgotamento físico e psíquico dos profissionais da saúde e os problemas estruturais (falta de medicamentos básicos, EPIs, testes, papel higiênico, entre outros) têm sido denunciados reiteradamente pelo Sindicato dos Médicos da capital, que já aprovou indicativo de greve, mas a paralisação foi suspensa por decisão do Tribunal de Justiça de São Paulo.

Para Branco, que está escrevendo sobre o tema da violência contra a enfermagem, muitas agressões ocorrem pelo fato de a população não entender que as equipes de saúde têm que seguir protocolos do Ministério da Saúde com critérios e prioridades para atendimentos no SUS.

"Tem gente assintomática que quer fazer teste da Covid para viajar. Aí a gente tenta explicar que o SUS não pode bancar o teste nessas situações e aí a pessoa já fica nervosa, te xinga e acha que você é que não quer fazer", conta.

Para Gabriela Lotta, professora de administração pública da FGV (Fundação Getulio Vargas), o aumento de violência pode ter várias causas, que demandam diferentes intervenções.

Ela lembra que a população também está esgotada, após dois anos de pandemia, e isso se reflete em aumento de ansiedade, em dificuldade de interação social e outras questões que podem gerar uma reação negativa contra os profissionais da linha de frente.

"Há relatos no mundo todo mostrando como os profissionais da linha de frente dos serviços [não só de saúde], por serem as primeiras pessoas com quem interagimos, estão sofrendo a consequência desse longo período de distanciamento e tendo que lidar com pessoas com baixa tolerância e muito nervosismo."

Mas, para os especialistas, seria possível minimizar essa hostilidade contra profissionais da linha de frente da saúde se os serviços estivessem mais bem preparados para enfrentar essas novas demandas.

Segundo Michelle Fernandez, pesquisadora do Instituto de Ciência Política da UnB (Universidade de Brasília), a sinalização vinda dos Estados Unidos e da Europa de que a chegada da variante ômicron sobrecarregaria os serviços de saúde estava clara, mas foi ignorada por muitos gestores.

"Para a população, os profissionais de saúde são a cara do Estado. As pessoas chegam em um serviço de saúde, demoram horas para ser atendidas e descontam em quem está na linha de frente. Os profissionais, por sua vez, estão vulneráveis, se contaminando muito, se sobrecarregando para dar conta de cobrir os colegas doentes."

Segundo ela, os profissionais de saúde passam hoje por um processo de desumanização, muitas vezes sem conseguir almoçar, ir ao banheiro, tudo em prol do "bom funcionamento da unidade de saúde". "Mas o bom funcionamento tem que ser garantido por quem está na gestão, pensando em toda essa dinâmica."

O episódio de violência em Florianópolis ilustra bem isso. O centro de saúde da praia do Ingleses, o maior da cidade, atende normalmente a uma população de 7.000 pessoas, quase o triplo da capacidade. E nesse período do ano também é muito procurado pelos turistas.

"A gente compreende, tem empatia pelas pessoas que ficam cinco horas em pé, no sol, mas as pessoas precisam entender que não somos nós os responsáveis pela falta de organização. Algumas coisas já eram previstas, como a chegada ômicron e o aumento do fluxo de turistas", diz a enfermeira Andressa Albrecht.

Após as agressões que Albrecht e o segurança sofreram, a Secretaria Municipal da Saúde enviou mais profissionais de saúde para ajudar no atendimento e abriu mais consultórios no centro de saúde. "O atendimento ficou mais ágil e os usuários não estão mais tão agressivos", conta.

Segundo Rudi Rocha, diretor do Ieps (Instituto de Estudos para Políticas de Saúde), cabe à gestão cuidar diretamente da segurança e responder de maneira efetiva, jurídica e criminalmente, a ofensas e agressões, mas também falta treinamento aos profissionais da saúde e de outras áreas que dão suporte, como o pessoal da segurança e do almoxarifado, para lidar com essas situações de violência.

> “
> Violência a gente sofre diariamente, mas agora, com esse tsunami da ômicron, aumentou muito. A maioria dos usuários reclama do tempo de espera, acha que a espera de seis horas é culpa do médico, do enfermeiro
>
> **Lucas Vinicius de Lima, 29**
> médico de família em uma UBS de São Paulo

> Os profissionais estão vulneráveis, se contaminando muito, se sobrecarregando para dar conta de cobrir os colegas doentes
>
> **Michelle Fernandez**
> pesquisadora do Instituto de Ciência Política da UnB

Para além da atual crise provocada pela ômicron, Gabriela Lotta lembra que há uma demanda reprimida enorme por outros cuidados, e os serviços de saúde terão que gerenciá-la. "Muitas pessoas ficaram dois anos longe das unidades de saúde, não fizeram os tratamentos e consultas preventivas, e agora estão com baixa tolerância para fazê-los e esperar o tempo e os trâmites dos serviços. E isso acaba sendo descontado nos profissionais."

Ela sugere campanhas de conscientização tentando sensibilizar a população para a necessidade de maior tolerância dada a sobrecarga atual, além de suporte técnico e apoio psicológico aos profissionais.

"Eles estão na ativa há dois anos, sem descanso, sob muito estresse, e precisam conseguir lidar com isso e com as possíveis reações violentas dos usuários. A gestão precisa estar muito próxima do cotidiano desse profissional, precisa acompanhar as filas e salas de espera para tentar aliviar esses problemas."

Ela diz que outra causa da violência tem sido o negacionismo de parte da população, especialmente em relação às vacinas. "Os antivacinas explicitam sua discordância aos profissionais de saúde de forma violenta. Está mais complicado em algumas áreas os agentes comunitários de saúde irem aos domicílios sozinhos para convencer a população a se vacinar. É melhor a gestão criar grupos maiores."

Em nota, a Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo diz que tem respondido ao aumento da demanda desde o início da pandemia, com a entrega de dez hospitais, ampliação do número de leitos de UTI de 507 para mais de 1.400, no auge da pandemia, além da ampliação de seus leitos de enfermaria.

Diz ainda que para atender a demanda, as UBSs estão atendendo pacientes com sintomas gripais sem agendamento prévio e 39 AMAs (Assistências Médicas Ambulatoriais) e UBSs Integradas tiveram o horário ampliado.

A secretaria ressalta que, mesmo com o empenho de todos os profissionais, a colaboração e compreensão dos usuários é primordial, em especial, para seguir o fluxo no atendimento nos equipamentos.

O governador João Doria (PSDB), participa de entrega de lote da Coronavac ao Ministério da Saúde Danilo Verpa - 17.mar.21/Folhapress

Saúde acionou CGU, Justiça e PGR por preço da Coronavac

Butantan diz que não há como comparar sua oferta com a do Covax Facility

Marianna Holanda e Mateus Vargas

BRASÍLIA O Ministério da Saúde pediu apuração da PGR (Procuradoria-Geral da República), do Ministério da Justiça e da CGU (Controladoria-Geral da União) sobre o preço da vacina Coronavac ofertado pelo Instituto Butantan.

O ministério apontou que o órgão ligado ao governo de SP vendeu cada dose por US$ 10,30 (cerca de R$ 55,50; todas as conversões se referem à cotação mais recente do dólar), enquanto o Covax Facility, consórcio ligado à OMS (Organização Mundial da Saúde), ofereceu ao Brasil a mesma vacina por cerca da metade do preço.

Os ofícios aos órgãos de controle foram enviados de julho a novembro de 2021. Interlocutores da pasta dizem, em um contexto de auge da CPI da Covid, que a determinação era passar adiante qualquer sinal de divergência nos contratos.

Em resposta à Saúde, no ano passado, o Butantan disse que não há como comparar os valores, pois entregou 100 milhões de doses ao governo federal. Já a proposta mais barata seria de 500 mil unidades, segundo o laboratório.

O instituto disse ainda que era preciso observar o contexto econômico dos contratos, com seis meses de diferença.

Procurada, a PGR confirmou que o procedimento está em análise, mas sob sigilo. Na mesma linha, a CGU disse que analisa processos de aquisições de vacina, mas que, por ainda estarem em andamento, não pode dar mais informações. Já a PF arquivou o caso.

O Butantan afirma que "não recebeu nenhum comunicado oficializando a investigação por parte do governo federal".

As negociações sobre a Coronavac foram tema de disputa entre o presidente Jair Bolsonaro (PL) e o governador paulista, João Doria (PSDB), durante a pandemia.

A Saúde afirma, em ofícios obtidos pela **Folha**, que recebeu em 9 de julho oferta do Covax com o preço mais baixo da Coronavac do que foi pago ao Butantan meses antes. No dia 19 do mesmo mês, o ministério abriu os questionamentos sobre o preço da vacina, em documento enviado ao Butantan.

"Faz-se necessário justificar a diferença de preços, haja vista que tem sido rigorosamente exigida, pelos órgãos de controle, justificativa fundamentada acerca da vantajosidade econômica quanto aos valores praticados nas contratações", disse a Saúde.

Em 23 de julho, antes de receber a resposta do Butantan, a pasta comandada por Marcelo Queiroga entregou as informações sobre os preços da Coronavac à CGU e ao Ministério da Justiça, para "conhecimento e adoção de providências que julgar pertinentes".

Um dia antes, Bolsonaro havia dito que pediu para Queiroga acionar os órgãos "para que seja investigado o porquê da metade do preço agora, o que aconteceu com o Butantan".

O Ministério da Justiça acionou a Polícia Federal, que disse, em nota, não ter encontrado "informação que pudesse configurar notícia de crime e que viabilizasse o início de investigação por inquérito policial".

O presidente da Fundação Butantan, Rui Curi, respondeu os questionamentos da Saúde em 28 de julho, em ofício de sete páginas.

"Referido consórcio trabalha para a aquisição e distribuição de vacinas contra a Covid-19 para países de baixa renda e em altíssima vulnerabilidade, ou seja, ele possui fins exclusivamente sociais e ainda assim, frise-se, o preço da dose praticado pela Fundação Butantan para entrega de suas vacinas foi inferior ao da Covax adquirida pelo Ministério da Saúde", disse Curi.

De acordo com o documento do Butantan, a vacina vendida ao governo Bolsonaro custou US$ 10,30, enquanto o valor de cada dose em contrato assinado pelo ministério com o Covax, no fim de 2020, foi de US$ 10,80 (cerca de R$ 58,20).

Curi diz ainda que não é possível comparar preços sem analisar contexto histórico e condições de ofertas dos itens.

"Tenha-se certeza que não se pode comparar o preço de um equipamento, qualquer que seja, que é praticado por uma empresa hoje [julho] com o preço praticado pela mesma empresa em 2020, quando do início da pandemia, pois as circunstâncias são distintas e ensejam diferentes planos de ação", completou.

Mesmo diante da resposta, a Saúde encaminhou o caso para o gabinete de Augusto Aras, em novembro de 2021.

O Brasil aderiu ao consórcio Covax Facility por meio de contrato de R$ 2,5 bilhões. A previsão de compra de 42,5 milhões de vacinas por cerca de US$ 10,90 (R$ 58,75) cada dose, segundo estimativa da Saúde de outubro de 2020.

> "Faz-se necessário justificar a diferença de preços, haja vista que tem sido rigorosamente exigida, pelos órgãos de controle, justificativa fundamentada acerca da vantajosidade econômica quanto aos valores praticados nas contratações
>
> **Ministério da Saúde**
> em ofício

A entrada no consórcio teve impacto tímido na campanha de imunização do SUS. A iniciativa da OMS centralizou esforços nas entregas de vacinas aos países mais pobres e colocou em segundo plano a distribuição ao Brasil. Dos 407,4 milhões de vacinas entregues ao governo até agora, cerca de 13,9 milhões eram do Covax.

O governo pagou cerca de R$ 1,2 bilhão do contrato e fez acordo para o consórcio redirecionar as doses restantes a outros países.

O Ministério da Saúde recebeu 3,9 milhões de doses da Coronavac via Covax Facility. Segundo a pasta, a proposta para entrega destas doses foi oficializada em agosto.

Procurada, a pasta não explicou se pagou cerca de US$ 5 (R$ 26,95) ou cerca de US$ 10 (R$ 53,90) por essas doses.

A pasta também não apontou as diferenças entre a proposta de julho, citada em ofício, que o Butantan diz ser de 500 mil doses, e de agosto, que levou à compra de 3,9 milhões de vacinas Coronavac.

A **Folha** apurou, contudo, que o ministério desembolsou cerca de US$ 5, mais cerca de US$ 2 (R$ 10,78) pelo frete. Interlocutores da pasta, reservadamente, negam que tenha havido proposta de 500 mil doses.

Procurada, a Aliança Gavi não informou preços e acordos de imunizantes. Em nota enviada à reportagem, disse que o Covax está em negociação com vários produtores de vacinas, e que divulgar informações sobre esses acordos pode prejudicar negociações futuras. Contudo, a Unicef publicará todos os detalhes, disse, sem fornecer data.

Na resposta aos questionamentos da Saúde, o presidente da Fundação Butantan disse que a pergunta sobre a composição do preço da Coronavac "mostra total desapego à realidade". Ele argumentou que estes valores já haviam sido apresentados em reuniões com o ministério.

Na mesma resposta, o laboratório paulista enviou à Saúde planilha de custos da Coronavac. A compra do "produto importado" para fabricação da vacina responde por 66,41% do valor do imunizante, segundo a tabela.

Na sequência, o maior gasto é com pesquisa e desenvolvimento (28,74%). Este percentual foi um dos pontos que chamou atenção de técnicos do Ministério da Saúde. Para eles, a precificação da Coronavac ainda não estava clara.

Saúde e Butantan discutem agora contrato por 7 milhões de doses da Coronavac. A ideia é usar estas vacinas no público de 6 a 17 anos.

A oferta atual do Butantan é de US$ 7,30 (R$ 39,35) por dose, apurou a **Folha** com autoridades que acompanham a negociação. O volume e a composição do imunizante são iguais às de adultos, ofertadas no ano passado.

Bebida alcoólica ajuda a dormir, mas também pode piorar a noite de sono

Amelia Nierenberg

THE NEW YORK TIMES Um par de taças de vinho ou alguns coquetéis à noite provavelmente farão com que você caia no sono mais rápido do que costuma. Quem é que nunca deixou a louça para lavar na manhã seguinte ou decidiu negligenciar a rotina de cuidar da pele depois de um jantar com amigos ou uma noitada festiva?

Mas mesmo que você seja uma das pessoas que embarcam facilmente para o mundo dos sonhos, há uma boa probabilidade de que consumir álcool demais venha a causar uma noite de sono irrequieto. Isso acontece porque o álcool perturba a chamada arquitetura do sono, as fases normais de sono mais profundo e mais leve pelas quais passamos a cada noite.

"Na segunda metade da noite você paga por ter bebido", disse a médica Jennifer Martin, professora de medicina e psicóloga na Universidade da Califórnia em Los Angeles. O álcool "inicialmente tem efeito sedativo, mas ao ser metabolizado se torna um forte ativador".

Eis como o ciclo acontece. Na primeira metade da noite, quando níveis ainda elevados de álcool estão circulando na corrente sanguínea, a pessoa provavelmente dormirá de modo profundo e sem sonhos.

Mais tarde na noite, à medida que o teor de álcool cai, o cérebro entra em operação acelerada. A pessoa pode se debater na cama.

"À medida que o nível [de álcool] cai, a pessoa enfrenta mais problemas de fragmentação", disse a médica R. Nisha Aurora, que faz parte do conselho de diretores da Academia Americana de Medicina do Sono. É provável também que a pessoa tenha sonhos mais vívidos ou estressantes.

O álcool também é um diurético, ou seja, aumenta a produção de urina, o que aumenta a chance de que a pessoa precise se levantar para ir ao banheiro. As pessoas também podem roncar mais quando bebem.

A maioria dos especialistas concordam que o álcool desordena o sono não importa a idade ou sexo da pessoa que o tenha consumido. E porque o álcool deprime o sistema nervoso central, os especialistas acautelam contra usá-lo quando a pessoa também usa medicamentos para dormir, ou até suplementos como a melatonina.

Tradução de Paulo Migliacci

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Solidária, sempre tinha uma palavra de conforto e ânimo

FRANCISCA DAS CHAGAS ESTRELA DE MORAIS (1950 - 2022)

Isabela Lobato

BELO HORIZONTE Durante décadas, a cidade de Sousa, na Paraíba (a 430 km de João Pessoa) recebeu Chica (ou Ditinha, como Francisca também era conhecida) e sua família, todo ano, religiosamente. Foi lá, ainda no colégio, que ela conheceu o homem com quem se casaria, teria um filho e se referiria para sempre como o amor de sua vida, Dimas.

Na juventude, o rapaz servia no Exército e se mudava constantemente. O romance acontecia por correspondência, em cartas de amor. Logo, Dimas voltou para buscá-la e levá-la para São Paulo, onde os dois criaram o filho, Hebno Morais.

Dimas trabalhava fora como engenheiro, e Chica trabalhava em casa, como dona de casa. Os dois não conseguiam ficar muito tempo longe da família paraibana: todo ano, nas férias escolares de Hebno, eliminavam os mais de 2.600 quilômetros que separavam Chica dos seus pais e 14 irmãos, a quem era muito apegada.

Quando ainda morava pertinho, sempre ajudava o pai no comércio da família e passava roupas para um dos irmãos. Gostava de contar a história de como livrou outro irmão de um casamento indesejado: no dia da cerimônia, quando o rapaz confessou as inseguranças, Chica o tranquilizou e orientou que fosse embora; resolveu tudo com a família e a noiva.

Sua solidariedade e alto-astral eram marca registrada. "Ela gostava sempre de conversar sobre tudo. Gostava muito de ter conversas agradáveis sobre religião, quando ela te encontrava de baixo-astral, gostava de te animar e te dar uma palavra de conforto, falar um pouquinho da palavra de Deus", conta o filho, Hebno.

Chica era católica, devota de Nossa Senhora de Aparecida, mas gostava de dizer que o importante era que Deus era um só, independente da religião. Todos os dias, conversava com alguns irmãos e irmãs, vizinhos, a nora e o filho. Adorava usar o celular e figurinhas do WhatsApp.

Gostava de sua independência e, durante a pandemia, deu alguns perdidos no filho para poder sair de casa sozinha. Usava as idas ao banco e ao mercado como justificativa para ver gente, tomar conta da própria vida.

Em 2001, perdeu o marido em um acidente de trânsito. Depois disso, guardou fidelidade a Dimas, que continuou sendo o amor da sua vida.

Francisca, ou Chica, ou Tidinha, morreu no dia 15 de janeiro de 2022, aos 71 anos, em decorrência de complicações de um aneurisma. Deixou um filho e 11 irmãos.

MARIA ELZA DE ALMEIDA MOGADOURO Aos 94, viúva de Edmundo Mogadouro. Sábado (29) às 13h. Cemitério da Consolação.

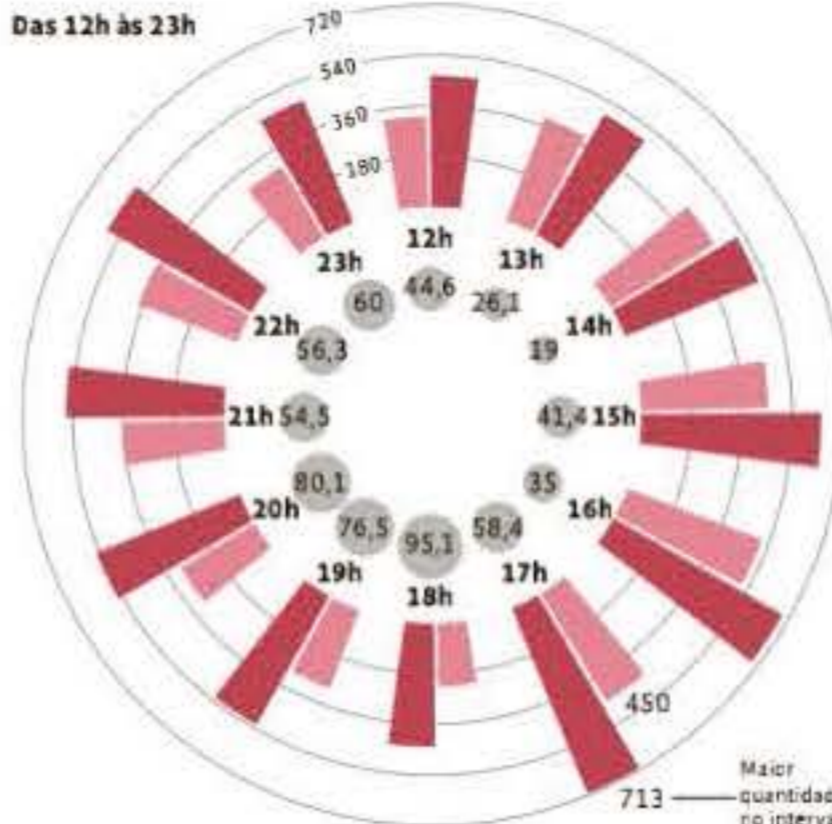
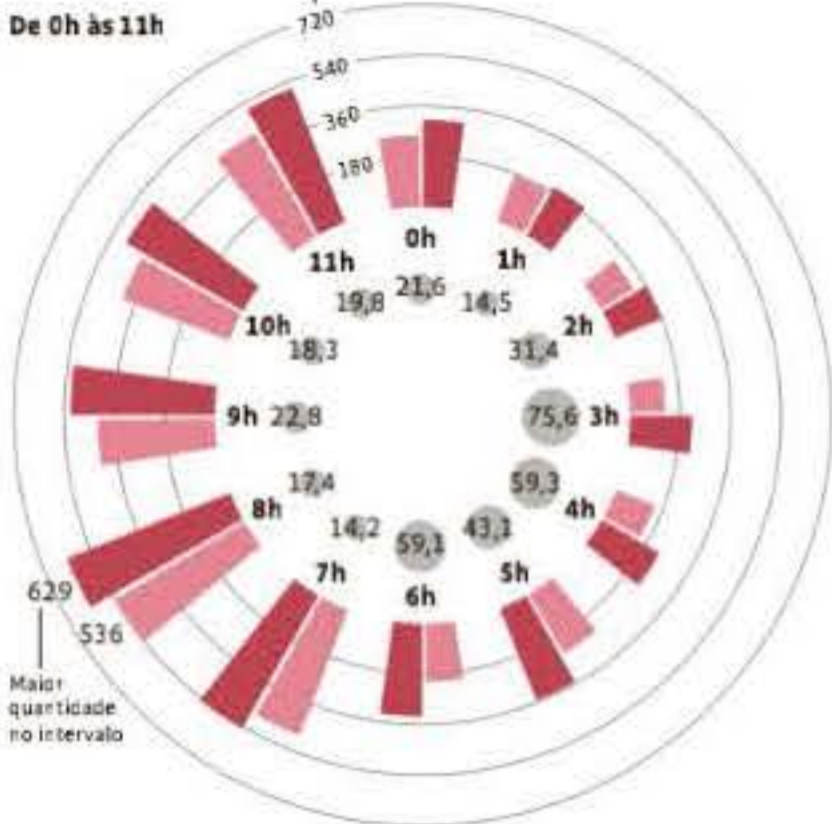
Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

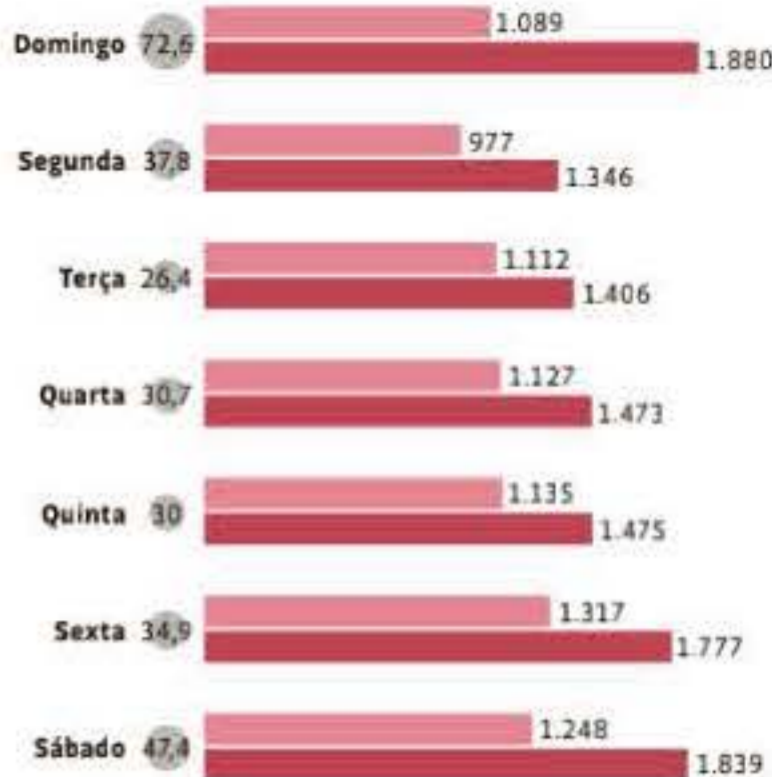
Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (15h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Atendimentos pelo Samu

18h, 19h e 20h foram os horários com maior aumento entre 2019 e 2021

Número de atendimentos, por hora cheia

Sábado e domingo foram os dias com maior aumento

Número de atendimentos, por dia da semana

Fonte: Prefeitura de São Paulo

Atendimentos do Samu no trânsito sobem 40%

Levantamento mostra aumento entre janeiro e novembro de 2021, ante o mesmo período de 2019, antes da pandemia

William Cardoso

SÃO PAULO De repente, a fila de carros reduz a velocidade, as faixas se estreitam e um agente de trânsito sinaliza com as mãos para que o tráfego siga em frente. Ao olhar pela janela, uma ambulância estacionada e uma pessoa estendida no chão, recebendo atendimento. A cena, mostram os números, se tornou mais comum no último ano.

Dados obtidos pela **Folha** via LAI (Lei de Acesso à Informação) mostram que a quantidade de atendimentos realizados pelo Samu (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência) a acidentados de trânsito cresceu 40% na capital paulista entre janeiro e novembro de 2021, na comparação com igual período de 2019, pré-pandemia.

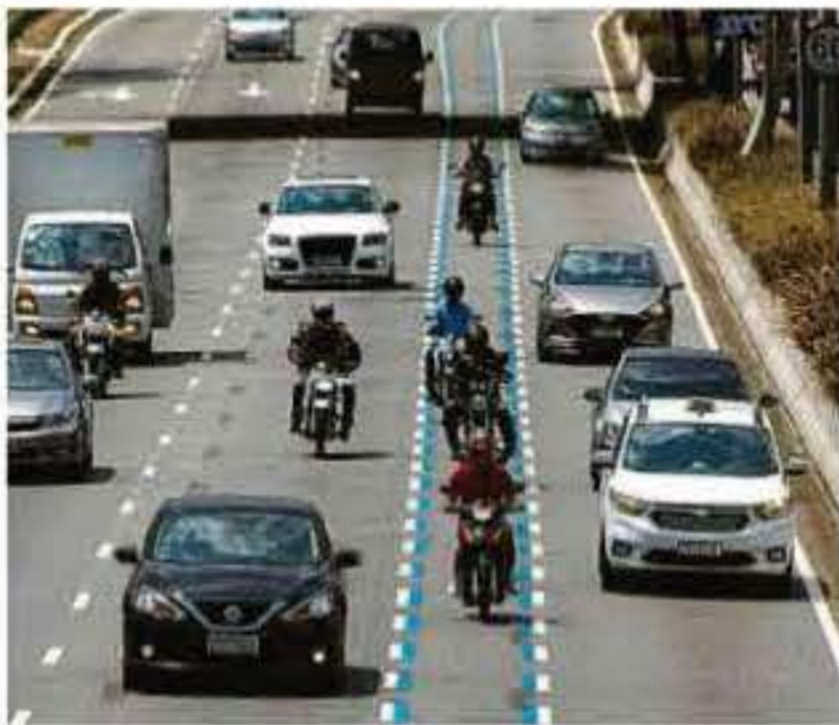
Segundo os informações da própria Prefeitura de São Paulo, foram 11.196 chamados para atender a acidentes nos 11 primeiros meses de 2021, ante 8.005 de janeiro a novembro de 2019.

A quantidade é excepcional também quando se olha para os demais anos. Trata-se do maior número ao menos desde 2016, a partir de quando foi feita a consulta à base da prefeitura, por meio da LAI.

Professor de medicina do trânsito da Unifesp, Flávio Adura afirma que o aumento na gravidade dos acidentes durante a pandemia pode estar relacionado a outro fenômeno que ganhou força nos últimos dois anos. "A motocicleta, pelo seu custo menor de manutenção e agilidade, passou a cumprir uma função elogiável", diz. "Está permitindo que as pessoas façam distanciamento, recebam as coisas em casa, mas sabemos que é extremamente vulnerável no trânsito", explica.

Durante a apresentação da motofaixa da avenida 23 de Maio, em 10 de janeiro, projeção da própria CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) apontou 394 motociclistas mortos em 2021, o maior número desde 2014.

Segundo Adura, acidentes envolvendo motos matam, por quilômetro rodado, 16 vezes mais do que os outros modais. Outras questões também colocam os entregadores na linha de fogo dos atendimentos do Samu. O uso do celular aumenta em 400% o risco de um sinistro. "Motociclistas têm que acionar o dispositivo para fazer a entrega. Têm que pilotar e ver as demandas", diz.

Outro fator também é apontado pelo especialista como um problema grave. "Desnecessário dizer que estamos estressados, deprimidos. Está no ar, pairando, estados emocionais exacerbados, o que por si só é um risco", diz. "Muitas dessas pessoas ansiosas e deprimidas vão usar medicamentos, que dão sono, letargia", conta.

Motociclistas na nova Faixa Azul, destinada a motos, na av. 23 de Maio, na zona sul de SP Danilo Verpa - 24 jan 22/Folhapress

Para Adura, o fato de as motos serem vetor de acidentes graves não é motivo para jogar a responsabilidade toda sobre os motociclistas. "A maioria não tem vínculo empregatício, não tem seguro. Eles são obrigados a cumprir horários fora das leis trabalhistas. Se não for assim, não trabalham. A responsabilidade maior não é deles, mas de legisladores e fiscalizadores que deveriam tentar diminuir esses eventos tão trágicos", explica.

Consultor em mobilidade, o urbanista Flaminio Fischman afirma que as cidades, em geral, não incluem os motociclistas de forma adequada. "Quais medidas a gente adotou para protegê-los? Estamos com déficit tecnológico na engenharia de tráfego que contemple motos e bicicletas", diz.

Fischman explica que o desenho urbano é voltado para carros. Como exemplo, cita o dimensionamento de vagas e até mesmo a fiscalização pela maioria dos radares, que detecta a placa dianteira dos veículos, o que uma moto não tem. "A gente precisa de uma nova geração de engenharia de tráfego, preocupada com motocicletas e motociclistas", afirma.

Questionada sobre o aumento no número de chamados, a Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal da Saúde e do Samu, diz que, ao longo dos anos, tem se estruturado para atender a demanda crescente dos grandes centros urbanos com aumento nas frotas de transporte e incidência de acidentes, principalmente com motos.

Segundo a prefeitura, o Samu participa de projetos com outras instituições para diminuir incidentes com motociclistas. A secretaria diz que, na comparação entre o ano inteiro de 2021 com 2019, o aumento no número de atendimentos de acidentes de trânsito pelo Samu foi de 27% —nos números de janeiro a novembro, fornecidos pela própria prefeitura, o aumento foi de 40%, como registrado acima.

Em nota, a prefeitura diz que, "em razão da pandemia, uma tendência que já era observada desde 2018 sofreu forte influência do novo panorama: o crescimento do número de trabalhadores de entrega por aplicativo que utilizam moto". A administração cita a criação da Faixa Azul, na avenida 23 de Maio, como uma das ações específicas para motociclistas.

Já a Secretaria de Mobilidade e Trânsito diz que tem adotado uma série de medidas para proteger a vida de pedestres, ciclistas, motociclistas e condutores, como redução de velocidades máximas, aumento do tempo de travessia para pedestres e ampliação da malha cicloviária.

A Amobitec (Associação Brasileira de Mobilidade e Tecnologia), que representa aplicativos como iFood e Uber Eats, afirmou, em nota, que não teve acesso aos dados que apontam que o aumento no número de óbitos de motociclistas está ligado às entregas por aplicativo. "A associação reitera que suas associadas incentivam através de campanhas e comunicações constantes a importância do respeito às leis de trânsito, e não há qualquer incentivo por longas jornadas ou pela adoção de altas velocidades nas corridas", diz.

O Rappi, que não faz parte da Amobitec, diz que busca constantemente a sustentabilidade de seu ecossistema, o que compreende soluções para beneficiar todos os seus elos, como os entregadores independentes. Centros de atendimento presenciais, suporte em tempo real, capacitação online, informativos com dicas de segurança no trânsito, botão de emergência para situações de risco de saúde ou segurança e seguro para acidente pessoal, invalidez permanente e morte acidental são algumas das medidas.

Lugares onde o Samu é mais acionado para atender acidentados, em 2021

Distritos com maior número de atendimentos

	Distrito	Atendimentos
1º	Grajaú	395
2º	Jardim São Luís	393
3º	Cidade Dutra	372
4º	Capão Redondo	300
5º	Cidade Ademar	289
6º	Jardim Ângela	274
7º	Parelheiros	250
8º	Santo Amaro	217
9º	Jaraguá	211
10º	Itaquera	210
11º	São Mateus	209
12º	Campo Limpo	197
13º	Pinheiros	192
14º	Campo Grande	191
15º	Itaim Bibi	188

Distritos onde houve maior aumento

Em número		2019	2021	Variação %
1º	Rio Pequeno	55	132	140,0
2º	Sé	33	78	136,4
3º	Carrão	36	84	133,3
4º	Cambuci	17	39	129,4
5º	Lajeado	51	115	125,5
6º	Cidade Tiradentes	75	168	124,0
7º	Penha	63	141	123,8
8º	Mooca	38	81	113,2
9º	Raposo Tavares	50	106	112,0
10º	Jaraguá	101	211	108,9
11º	Iguatemi	91	187	105,5
12º	São Rafael	56	114	103,6
13º	Guaianases	45	90	100,0
14º	Ermelino Matarazzo	29	58	100,0
15º	Jabaquara	73	142	94,5

Distritos onde houve maior redução

Em número		2019	2021	Variação %
1º	Casa Verde	107	62	-42,1
2º	Marsilac	4	3	-25,0
3º	Santo Amaro	248	217	-12,5
4º	Moema	73	66	-9,6
5º	Cursino	48	44	-8,3
6º	Pari	23	22	-4,3
7º	Campo Grande	198	191	-3,5
8º	Limão	63	61	-3,2

Fonte: Prefeitura de São Paulo

Ocorrências no início da noite dobram em São Paulo

O início da noite foi o período em que mais aumentou o número de chamados ao Samu para socorrer pessoas acidentadas no trânsito da capital paulista. Dados obtidos pela reportagem via Lei de Acesso à Informação mostram que das 18h às 18h59, por exemplo, o crescimento foi de 95,1%, na comparação entre janeiro e novembro do ano passado com igual período de 2019.

Especialistas apontam o aumento na circulação de motos como vetor de violência no trânsito. Também citam o começo do período noturno como o horário em que as pessoas costumam fazer pedidos de comida por aplicativos.

Médico de tráfego e diretor administrativo da Abramet (Associação Brasileira de Medicina de Tráfego), José Heverardo Montal afirma que o início da noite é um momento crítico. "Somos animais preferencialmente diurnos. A gente começa a sofrer um determinado prejuízo com o pôr do sol."

Segundo Montal, algumas coisas são evidentes na mobilidade, como o fato de a velocidade ser a grande vilã. Para o especialista, o setor de entregas contribuiu com isso durante a pandemia, com mais motociclistas circulando por vias menos congestionadas, mais rapidamente.

Médico patologista e professor do IEA (Instituto de Estudos Avançados) da USP, Paulo Saldiva também aponta a explosão na circulação de motofretistas como indício da maior violência do trânsito. "O problema está na forma de pagamento. Você paga por produtividade e o indivíduo precisa ter velocidade na entrega", diz.

O levantamento também mostra que oito bairros vizinhos na zona sul têm, entre os 96 distritos da capital, o maior número de atendimentos do Samu a acidentados no trânsito. Juntos, eles representam 22,2% dos chamados da cidade.

"É fruto da sinalização precária e da falta de fiscalização do trânsito", diz Saldiva.

A Amobitec afirma que "análises internas mostram que os picos de demandas do food delivery não coincidem com os horários de aumento no número de acidentes de trânsito —mais relacionados com horário do 'rush'", diz, em nota.

Era da Mentira

Temos que conhecer de forma objetiva as estratégias dessa velha arte

Maria Homem

Psicanalista e ensaísta, com pós-graduação pela Universidade de Paris 8 e FFLCH-USP. Autora de "Lupa da Alma" e "Coisa de Menina?"

Nos últimos dias temos escutado muitas mentiras. Tem de todo tipo: mentira deslavada, ambiguidade intencional, retirada de contexto, projeção, inversão. Como são muitas e concorrentes, disputam hegemonia. Um nome educado para isso é "disputa de narrativas", no grande mercado simbólico que rege o mundo. Ganha quem souber mentir mais tempo para mais gente.

Roubar no jogo é o novo jogo. Alterar os dados, as imagens, os fatos? Pode. Ocultar informações? Pode. Invadir domínios públicos e privados? Pode. Roubar dados? Deve. Afinal, guerra é guerra e lucro é lucro. Lentamente naturalizamos o uso de tais estratégias.

Já adianto o final da coluna: precisamos criar um campo específico do saber chamado mentirologia. Temos que conhecer de forma objetiva as estratégias dessa velha arte, assim como as estruturas subjetivas aí atreladas. Vejamos alguns cases recentes.

O Intelectual. Ele queria nos mostrar que vítimas também são algozes, retomando o intrincado problema da dominação. Foi soltando um fio de exemplos justapostos para demonstrar sua tese, usando invariavelmente a metodologia metonímica de tomar a parte pelo todo (uma parte mínima, minúscula). Um dos seus argumentos: vejam Abdias, uma referência do movimento negro no Brasil e no mundo, na verdade fez parte de um movimento autoritário e, por que não dizer, fascista. Abdias viveu quase um século, fazendo de sua vida uma grande obra, com todos os elementos da clássica "trajetória do herói" (produtores do Brasil, #ficaadica). Participou durante poucos meses —entre os mais de 1.100 que viveu— de um movimento que se dizia "integrador" e que lhe interessou por pretender ser crítico do imperialismo e valorizar o Brasil e sua cultura. Abdias logo percebeu o embuste e saiu para fazer as outras e mais interessantes coisas que realizou em 99% do seu tempo de vida. Por que Antonio alterou a história, inclusive mensurável e documentada? Precisava desesperadamente preservar seu desenho de mundo para conseguir estar nele?

Será que a gente sempre sabe quando e quanto mente? Pintar um quadro tão falseado da realidade é mentir. E não precisa nenhum Platão expulsar artista da pólis e criticar a mimese para gente entender isso.

Tem o Juiz. Ele faz mágica e joga em todas as posições: acusa, defende, julga. Compra e vende. Compra e vende informação, ganha (muito) dinheiro. Trama trama e esconde-esconde. Uma parte da arquibancada tenta investigar, a outra tenta acreditar. Na boa-fé ou na loucura da autoilusão, o que normalmente dá na mesma e é sempre uma má ideia de fé. Aliás, fé não é uma boa ideia.

O case presidente ainda vai render trabalho final de curso e mil doutorados em mentirologia. Você frauda e vence o jogo dizendo que o outro frauda (roubа). Depois você começa a perder, então frauda (por ex., o TSE) e diz que o outro frauda (por ex., a urna). Espiral satânica.

O último case é o mais curioso: o personagem ficou famoso por denunciar fetos em refrigerantes e debochar de vírus, vacinas e cigarros. Morreu, coitado. E sim, investigar a gigantesca indústria química contemporânea é um trabalho necessário, de preferência chegando do lado certo da história (confesso: tive pena do idiota sabichão que escolheu ser contra a vacina e a favor do cigarro). Mas minha pergunta hoje é outra: como alguém que se diz astrólogo, e portanto estuda um pouco dos astros, pode afirmar que a gente não sabe porra nenhuma então por que caralho a Terra não pode ser plana? No século 3 a.C., Eratóstenes conseguiu calcular, com varetas fincadas em Siena e Alexandria, a circunferência da Terra. Sim, há 2.200 anos, um grego calculou essa medida, com um erro mínimo, a partir da premissa de um planeta redondo habitado por animais racionais.

O que me assusta, na verdade, é que entramos numa era em que fica cada vez mais tênue a borda entre a mentira, a pilantragem e a loucura.

Mentirologia ou morte.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | **TER. Vera Iaconelli** | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Para qual escola retornarão milhões estudantes hoje?

Volta às aulas ocorre sob o signo da ansiedade e da esperança de um ano normal

OPINIÃO

Alexandre Schneider

Pesquisador da Universidade Columbia (EUA) e da FGV/SP e ex-secretário municipal de Educação de São Paulo

Desde que a pandemia eclodiu, a discussão pública no Brasil e no exterior gira em torno da comparação entre a aprendizagem dos estudantes privados de frequentar a escola em decorrência da pandemia e daqueles que frequentaram a escola em anos anteriores, medida por testes padronizados. Algo que —erroneamente, a meu ver— denominou-se "perda de aprendizagem", uma vez que ninguém perde o que não "recebeu".

Como tem sido usual nos últimos anos, além do diagnóstico comum para realidades educacionais distintas, a receita para enfrentar e vencer os desafios tem sido a mesma: a realização periódica de avaliações, a "desidratação" do currículo com a escolha do mínimo a ser ensinado, e a ampliação da carga horária escolar para que os estudantes sejam submetidos a um volume maior de conteúdos em uma espécie de regime intensivo de ensino e aprendizagem.

Alunos do Colégio Pio XII, em São Paulo, durante aula híbrida Eduardo Anizelli - 23.abr.21/Folhapress

[...]

Tornar a escola mais humana, fortalecer os laços entre educadores, estudantes e suas famílias, integrar a escola aos equipamentos públicos e privados no território não são medidas laterais à missão da escola pública

Estas são medidas alinhadas ao que o foi a escola antes da pandemia, mas talvez não sejam tão próximas do que será a escola pós-Covid e certamente estão distantes do que deve ser: uma instituição que invista na formação de indivíduos capazes de guiar sua aprendizagem de forma mais autônoma, engaje os estudantes e garanta o direito de aprender a todos. Sugiro aqui três medidas simples, que podem eventualmente ser adotadas em conjunto com as anteriormente citadas.

Ouvir os estudantes. Cada um de nós viveu a "sua" pandemia. Que tal usar os primeiros dias para discutir com os estudantes como cada um deles viveu esse período tão desafiador? Uma conversa guiada, com perguntas previamente estruturadas em pequenos grupos, sobre a experiência de aprender em casa, qual o impacto da pandemia em suas vidas, que escola gostariam de encontrar neste ano, são algumas das possibilidades.

Talvez os educadores se surpreendam ao ouvir dos estudantes menos queixas em relação à "perda de aprendizagem" do que ao convívio com os colegas, dentro e fora da escola, ou de atividades que exigiam mais interação do que as aulas expositivas. Uma escuta ativa dos estudantes poderá proporcionar pistas relevantes para melhor organizar a escola para a aprendizagem.

Ouvir os educadores. Desde 2020, os educadores lançaram mão de uma série de estratégias que os aproximaram ainda mais da realidade vivida por seus estudantes e suas famílias, bem como de suas necessidades de formação para lidar com a realidade imposta pela pandemia. A escuta ativa dos educadores pode ser muito eficaz para apoiar a estruturação de redes de proteção social necessárias a combater os fatores extraescolares que impactam na aprendizagem, a organização da escola para que possa atender às necessidades de aprendizagem individuais e, sobretudo, desenhar programas alinhados às demandas de formação de professores decorrentes dos novos desafios impostos.

A terceira medida é a de investir intensivamente na formação dos professores para que sejam capazes de integrar os desafios da aprendizagem com os desafios da formação de indivíduos críticos e adaptáveis a um mundo em transformação.

Tornar a escola mais humana, fortalecer os laços entre educadores, estudantes e suas famílias, integrar a escola aos equipamentos públicos e privados no território não são medidas laterais à missão da escola pública, mas fortalecem as comunidades escolares e as preparam para garantir a melhoria contínua da aprendizagem de seus estudantes.

Chuvas causam deslizamentos de terra e matam ao menos 19 em SP

Grande São Paulo foi uma das regiões mais afetadas, com 12 vítimas; Doria anuncia aporte de R$ 15 mi

SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO As fortes chuvas que atingem São Paulo desde a noite de sexta (28) causaram deslizamentos de terra, transbordamento de rios e córregos, deixaram cidades alagadas, rodovias interditadas e ao menos 19 mortos, sendo pelo menos sete crianças. Há 500 famílias desalojadas em todo o estado, segundo o governo.

De acordo com o governo e prefeituras, desde sexta foram registradas quatro mortes em Franco da Rocha, quatro em Francisco Morato, três em Embu das Artes, uma em Arujá (todas na Grande SP), cinco mortes em Várzea Paulista (54 km de SP), uma em Jaú (287 km de SP) e uma em Ribeirão Preto (313 km de SP).

Em Franco da Rocha, três corpos foram resgatados de um deslizamento na rua São Carlos e uma quarta vítima morreu no hospital.

"Até o momento, 15 moradias foram atingidas e seis pessoas foram resgatadas com vida. Ainda não há o registro do número de desaparecidos", afirmou a Prefeitura de Franco da Rocha, em nota.

Segundo o governador João Doria (PSDB), que sobrevoou a região, até as 16h havia quatro desaparecidos em Franco da Rocha. "A Defesa Civil ficará aqui o tempo que for necessário até que todos sejam resgatados", afirmou o tucano.

A cidade, que decretou situação de emergência, registrou diversos pontos de deslizamento de terra. Segundo a prefeitura, o rio Juquery e o ribeirão Eusébio transbordaram e os dois lados da cidade estão inundados. Em 12 horas, choveu 115 mm na cidade.

A represa Paiva Castro atingiu 71,2% de sua capacidade no meio da tarde e provocou "alerta máximo", segundo a prefeitura, que junto à Sabesp está fazendo o bombeamento da água e manobras para evitar abertura de comportas.

Os deslizamentos fizeram com que o estudante Felipe Lima, 31, se juntasse a um grupo de voluntários que ajuda as vítimas das enchentes na cidade. O coletivo recebe doações, mobiliza pessoas por meio das redes sociais e realiza atendimentos médicos gratuitos com profissionais da saúde.

Lima vive próximo ao local dos deslizamentos e viu amigos e conhecidos perderem suas casas. "São pessoas que convivem conosco no futebol, no posto de saúde, no supermercado, não são pessoas desconhecidas. Então isso termina machucando muito a gente, é como se fosse um parente nosso", diz o estudante.

Em Várzea Paulista, cinco pessoas de uma mesma família morreram após a casa em que moravam ser atingida por um deslizamento de terra, por volta das 8h deste domingo (30). Segundo a prefeitura, as vítimas são um homem de 41 anos, a esposa, de 30, e os três filhos do casal —um menino de 12 anos e duas meninas, de 10 e 1 ano.

Em Embu das Artes, um deslizamento de terra deixou três mortos na madrugada deste domingo. Segundo o Corpo de Bombeiros, as vítimas foram uma mulher de 45 anos e seus dois filhos —um rapaz de 21 anos e uma menina de 4.

Antes da chegada dos bombeiros ao local do deslizamento, outras quatro pessoas já haviam sido retiradas dos escombros pela população local. Todos viviam na mesma residência, na rua Jatobá.

Em nota, a Prefeitura de Embu das Artes afirmou que o acidente atingiu duas casas —uma delas estava vazia e a outra onde estavam as vítimas. A prefeitura também diz que "foram interditadas 16 casas, mas algumas famílias insistem em retornar ao local de risco".

Em Francisco Morato, três crianças e um adulto morreram em dois soterramentos nos bairros Jardim Arpoador e Recanto Feliz.

A chuva ainda provocou a interdição da linha 7-rubi da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos) neste domingo. Os trens não circulam entre as estações Caieiras e Francisco Morato.

A rodovia Anhanguera, principal ligação entre a capital e o interior do estado, chegou a ser totalmente interditada no km 30, em Cajamar, na Grande SP. A liberação da última pista ocorreu às 15h22, segundo a concessionária CCR AutoBan.

Segundo o governo do estado, serão liberados R$ 15 milhões para dez municípios mais prejudicados.

"Os recursos anunciados serão destinados aos municípios de Arujá (R$ 1 milhão), Francisco Morato (R$ 2 milhões), Embu das Artes (R$ 1 milhão) e Franco da Rocha (R$ 5 milhões), na Região Metropolitana de São Paulo, e Várzea Paulista (R$ 1 milhão), Campo Limpo Paulista (R$ 1 milhão), Jaú (R$ 1 milhão), Capivari (R$ 1 milhão), Montemor (R$ 1 milhão) e Rafard (R$ 1 milhão), no interior do estado", diz trecho de nota enviada pela gestão estadual.

Na entrevista à imprensa, Doria cobrou ajuda federal. "O governo federal tem responsabilidade também e deve ser solidário, tem obrigação de oferecer apoio, não apenas com manifestações, mas com recursos e equipes.

Algumas cidades do interior paulista também contabilizam estragos. Em Bauru (a 366 km de SP), a enxurrada abriu uma cratera na avenida Rodrigues Alves, perto da saída para a rodovia Comandante João Ribeiro de Barros, interditando os dois sentidos.

Em Jaú, que decretou estado de emergência, o grande volume de água fez o rio Jaú transbordar em vários pontos da cidade, afetando serviços de saúde e o centro de testagem contra Covid-19 no ginásio de esportes Dr. Flávio de Mello.

Capivari (a 137 km de SP) também decretou estado de emergência após o rio Capivari extravasar e inundar as ruas. Segundo a prefeitura, por volta das 16h de domingo o rio atingiu o nível de 3,58 metros —o transbordamento ocorre a partir da marca de 2 metros.

Segundo o balanço oficial, pelo menos 23 famílias ficaram desabrigadas. Outras 30 famílias precisaram deixar suas casas em razão dos alagamentos.

Já a Prefeitura de Piracicaba (a 160 km de SP) informou que o rio Piracicaba entrou em estado de emergência. Às 12h10, o nível do rio era de 4,36 metros. O limite antes de transbordar é de 4,70 metros.

A rodovia Raposo Tavares também chegou a ser totalmente interditada no km 631 por causa do rompimento de uma barragem, segundo a Polícia Militar Rodoviária.

Samuel Fernandes, Fábio Pescarini, Victoria Damasceno e Leonardo Vieceli

Divulgação/Defesa Civil

Rivaldo Gomes/Folhapress

1 Local onde deslizamento de terra atingiu uma casa em Várzea Paulista, deixando cinco mortos da mesma família 2 Moradores de Franco da Rocha são resgatados de bote em rua alagada; ao menos quatro pessoas morreram na cidade após desabamento de casas

Chuvas e deslizamentos deixam mortos em SP

Número de mortes

1 Ribeirão Preto
5 Várzea Paulista
1 Jaú
4 Francisco Morato
4 Franco da Rocha
1 Arujá
3 Embu das Artes

Nadal renasce após ter a carreira em xeque e se isola com recorde de Slams

Espanhol vira contra Medvedev na Austrália, leva 21º troféu e deixa Federer e Djokovic para trás

A vitória épica de Nadal sobre Medvedev emocionou o espanhol na Rod Laver Arena Asanka Brendon Ratnayake/Reuters

Daniel E. de Castro

SÃO PAULO De desacreditado a recordista. Numa das maiores partidas da carreira, Rafael Nadal transformou uma final quase perdida em virada épica para conquistar o Australian Open neste domingo (30).

Mais do que isso, seu 21º troféu em um torneio do Grand Slam consagrou o espanhol como maior vencedor entre os homens, deixando Novak Djokovic e Roger Federer para trás, ambos com 20. É a primeira vez que ele supera o suíço nessa contagem. A lista feminina é liderada pela australiana Margaret Court, com 24.

Nadal bateu Daniil Medvedev por 3 sets a 2, parciais de 2/6, 6/7, 6/4, 6/4 e 7/5, após cinco horas e 24 minutos.

Esse foi o segundo título de Nadal na Austrália, 13 anos após o primeiro. Era o único dos quatro maiores torneios do esporte que ele havia ganhado apenas uma vez.

Apesar do currículo extenso do multicampeão de 35 anos, foi o russo de 25 que entrou como favorito para a final. Na ausência de Djokovic, o vice-líder do ranking era o tenista mais cotado da chave pelo seu ótimo desempenho na quadra dura e por ter batido justamente o número 1 do mundo no US Open de 2021.

Nadal, por sua vez, chegou à Austrália com expectativas moderadas. Ausente do circuito desde agosto do ano passado para tratar uma lesão crônica no pé esquerdo, ele precisou usar muletas e refletiu seriamente sobre sua continuidade no esporte por causa das dores frequentes. Em dezembro, ainda contraiu Covid-19 e, mesmo devidamente vacinado, relatou ter passado dias difíceis com a doença.

> Para ser honesto, há um mês e meio eu não sabia se conseguiria voltar ao circuito e jogar tênis novamente. Vocês realmente não sabem quanto eu lutei para estar aqui
>
> **Rafael Nadal**
> na cerimônia de premiação do Australian Open

O espanhol retornou no começo deste ano, com o título no ATP 250 de Melbourne. No Grand Slam, ele manteve a sequência vitoriosa, mas não sem sacrifícios. Já havia enfrentado cinco sets para bater Denis Shapovalov, 22, após abrir vantagem de 2 a 0 e sofrer o empate nas quartas de final. Além do jovem canadense, o veterano precisou superar uma desidratação e a perda de 4 kg naquele dia.

"Para ser honesto, há um mês e meio eu não sabia se conseguiria voltar ao circuito e jogar tênis novamente. E hoje, na frente de todos vocês [torcedores] ter esse troféu comigo... Vocês realmente não sabem quanto eu lutei para estar aqui", afirmou um emocionado Nadal na premiação.

O título, o recorde e principalmente as circunstâncias em que tudo ocorreu dão ânimo para que ele persiga novas marcas. Enquanto isso, seus maiores rivais vivem momentos complicados.

Federer está ausente do circuito por lesão no joelho e sem previsão de retorno aos 40 anos. Djokovic, além da imagem desgastada pela deportação da Austrália, terá uma agenda limitada de torneios para disputar caso insista em não tomar vacina. Um dos locais em que o sérvio deverá ter dificuldade para jogar por exigência de passaporte vacinal será a França, palco de Roland Garros. Justamente o Slam que Nadal venceu 13 vezes e onde poderá ampliar suas contagens em junho.

Federer e Djokovic escreveram mensagens de congratulações a ele neste domingo.

"Que jogo! Ao meu amigo e grande rival, Rafael Nadal, meus sinceros parabéns por se tornar o primeiro homem a ganhar 21 títulos de Grand Slam de simples. Há alguns meses, estávamos brincando sobre nós dois estarmos de muletas. Incrível", publicou o suíço. "Sempre impressionante o espírito de luta que já prevaleceu em outras ocasiões", destacou o sérvio.

Já Medvedev, derrotado pelo mesmo adversário que o superou em sua primeira final, no US Open de 2019, dá passos cada vez mais sólidos rumo à liderança do ranking. Apesar de ter feito um discurso pacífico na cerimônia, com muitos elogios ao campeão, o incendiário russo deixou claro na entrevista coletiva seu aborrecimento com as provocações e vaias que recebeu de parte do público durante o jogo.

Homens com mais títulos de Grand Slam

Posição	Tenista	Títulos
1º	Rafael Nadal	21
2º	Roger Federer	20
2º	Novak Djokovic	20
4º	Pete Sampras	14
5º	Roy Emerson	12

OS TÍTULOS DE RAFAEL NADAL

- **Australian Open: 2** 2009, 2022
- **Roland Garros: 13** 2005, 2006, 2007, 2008, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2017, 2018, 2019, 2020
- **Wimbledon: 2** 2008, 2010
- **US Open: 4** 2010, 2013, 2017, 2019

Bia fica com o vice de duplas e prega pés no chão após final histórica

SÃO PAULO A ótima campanha de Beatriz Haddad Maia e Anna Danilina no Australian Open está marcada na história do tênis brasileiro, mas não terminou como a paulista e sua parceira cazaque gostariam.

Neste domingo (30), elas começaram a final de duplas na frente das favoritas tchecas Barbora Krejcikova e Katerina Siniakova, porém levaram a virada em uma partida muito equilibrada e acabaram derrotadas por 6/7 (3), 6/4 e 6/4, após 2 horas e 42 minutos.

Bia Haddad, 25, não conseguiu encerrar o jejum de 54 anos sem que uma tenista do país triunfe num torneio do Grand Slam. A 19ª conquista de Maria Esther Bueno, no US Open de 1968, permanece como a última nesse nível.

Com a presença na final, Bia tornou-se a terceira representante brasileira a alcançar uma decisão de Slam. A mais recente até então já fazia 40 anos: Cláudia Monteiro foi vice-campeã de Roland Garros nas duplas mistas em 1982.

A atleta afirmou em entrevista após a final que enquanto está no torneio não costuma pensar muito nesses marcos e até evita entrar nas redes sociais ou ler notícias a seu respeito para se manter equilibrada.

"A gente vive num país de muita cobrança. Já basta minha cobrança comigo, com meu time, não posso ficar a minha vida pensando dos outros. Fico muito feliz de quebrar recordes, de proporcionar essa felicidade, contribuir com o tênis brasileiro, principalmente o feminino, e quebrar esses tabus, mas ao mesmo tempo tenho muito os pés no chão", disse.

"Não é fácil ser uma promessa brasileira desde os 14 anos. É muita gente falando e colocando uma expectativa muito grande em mim, me chamando de Sharapova brasileira", completou.

O vice permitirá grandes saltos no ranking de duplas. Bia passará da 150ª para a 41ª posição, e Danilina, da 53ª para a 25ª. "Se eu jogar de 25 a 30 semanas de simples no ano, talvez jogue 15 de duplas, nos torneios maiores. Com certeza algumas semanas a gente vai acabar fazendo juntas. Mas a minha prioridade vai ser simples", disse Bia. DEC

O fenomenal Nadal sem igual

O que o Touro Miura fez na Austrália merece um livro de Norman Mailer

Juca Kfouri
Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

O espanhol Rafael Nadal tem 35 anos. O russo Daniil Medvedev é dez anos mais moço.

Quando começaram a decidir o Aberto da Austrália, em Melbourne, o moscovita era o favorito, segundo colocado no ranking, muito menos desgastado.

Nadal havia se desidratado e perdido quatro quilos nas quartas de final, além de ter pegado Covid em dezembro último e de conviver com um problema crônico no pé esquerdo, responsável pela cirurgia que o manteve longe das quadras no segundo semestre de 2021.

Medvedev lutava pela segunda conquista de Grand Slam e Nadal pela 21ª para superar os rivais Roger Federer e Novak Djokovic e se tornar o maior vencedor da história.

Ambos vacinados, diferentemente da grande decepção sérvia, apelidado para sempre de Djocovid, sobre quem a cada dia se conhecem detalhes deprimentes, seja por suas preferências políticas, sempre pelos autoritários, seja por seus nebulosos negócios.

Medvedev fez 2 a 0 no jogo e, no sexto game do terceiro set, chegou a fazer 0/40 para quebrar o serviço do rival e, provavelmente, tornar a vitória inevitável.

A manutenção do saque àquela altura serviu como senha para o Touro Miura se transformar em fera indomável.

O jogo havia começado às 5h30 da madrugada brasileira e, a partir dali, desafio maior que o dos dois tenistas só mesmo o de tentar dormir e deixar para ver o resultado ao acordar.

Simplesmente impossível tirar os olhos da TV, embalado também pela transmissão sempre informativa, inteligente e bem-humorada da dupla de Fernandos, Nardini e Meligeni.

Ao cabo de 5 horas e 24 minutos, 15 mil privilegiados na Arena Rod Laver, e sabe-se lá quantos milhões de pessoas pelo mundo afora, se comoveram com a virada épica de Nadal, que empatou o jogo em 2 a 2 e buscou a vitória no quinto set, sempre com mais dificuldade para confirmar seus saques que o gigantesco adversário.

Foram 23 aces do russo, contra apenas três do espanhol, o derradeiro, porém, no penúltimo ponto da decisão. Demolidor!

Estivesse entre nós e o imortal papa do novo jornalismo, o americano Norman Mailer, escreveria outro "A Luta", o espetacular relato da decisão entre Muhammad Ali e George Foreman, no Zaire, em 1974, pelo cinturão dos pesos-pesados do boxe mundial.

Lançado no Brasil pela Companhia das Letras, são 272 páginas históricas sobre a chamada "Luta do Século".

Porque faltam palavras à altura aos simples mortais para descrever o duelo entre Nadal e Medvedev.

Pelo que este pobre jornalista se desculpa, não atribui a incapacidade à madrugada insone, e se limita a informar as parciais para a rara leitora e o raro leitor que exigem mais informação e menos literatura: 2/6, 6/7, 6/4, 6/4 e 7/5.

Depois de enfrentar tantas dificuldades, Nadal cogitou a hipótese de se aposentar: "Tive seis meses muito duros. Em termos de vida, não posso reclamar de nada, especialmente nos tempos que estamos enfrentando, com tantas pessoas morrendo ao redor do mundo. Meus meses não foram nada duros comparando com as famílias que perderam pessoas. Isso é duro na vida, não o que eu passei. Mas em termos pessoais, sim, porque todos dias foram uma questão por causa de problemas no pé. Tive dúvidas ainda aqui. Duvidei se estaria aqui", desabafou. Que diferença para Djocovid!

Melhor: na celebração do título, disse que esperava voltar no ano que vem.

Brasileiros jogam 20 partidas a mais por ano que europeus

Com calendário inflado por estaduais, equipes do Brasil enfrentam gargalos

DELTAFOLHA

Cristiano Martins, Daniel Mariani e Diana Yukari

SÃO PAULO Um jogo a cada três dias e meio. Para disputar até o fim todos os títulos da temporada, a exemplo do que fizeram recentemente Palmeiras, Flamengo e Atlético-MG, os clubes brasileiros precisarão novamente se desdobrar diante de uma agenda exaustiva em 2022.

Depois dos adiamentos provocados pela Covid, a novidade deste ano é a tabela apertada pela Copa do Mundo do Qatar, transferida de junho para novembro devido ao clima no país-sede. Mas o debate em torno da maratona de partidas já é muito mais antigo.

Análise realizada pela **Folha** com dados de 65 mil jogos, disputados de 2014 a 2019 em 25 países, confirma a anomalia do calendário brasileiro e detalha o fenômeno observado desde antes da pandemia.

Segundo o levantamento, um time da elite faz em média 69 partidas por ano. São 20 a mais na comparação com os representantes das principais ligas europeias, ou 22 em relação aos vizinhos sul-americanos.

No centro da discussão estão os campeonatos estaduais. Sem o mesmo valor de outrora para a maioria dos grandes clubes, eles ocupam 16 datas, de janeiro a abril.

O levantamento mostra que times da Espanha e da Inglaterra —donos dos melhores desempenhos nas copas europeias— disputam respectivamente 15 e 16 duelos a menos.

Mesmo sem estaduais, esses dois países e a Colômbia seriam os únicos com estatísticas equivalentes às do Brasil. O time brasileiro com menos jogos vai a campo mais vezes do que os protagonistas de praticamente todas as outras ligas.

Em 2015, o Barcelona vencedor de Champions League, Copa do Rei, Campeonato Espanhol, Mundial e Supercopa disputou 70 jogos. Foi o maior total de um clube europeu no recorte analisado, só uma partida acima da média brasileira.

Para fins estatísticos, foram consideradas as agremiações presentes na primeira divisão durante todo o período e descartados os eventos dos últimos dois anos, em razão de distorções pela pandemia. Os dados são do site Sofascore.

Não é coincidência que seis dos dez goleiros e quatro dos dez atletas de linha com mais minutos jogados em 2021 atuassem no Brasil, segundo o Centro Internacional de Estudos do Esporte (CIES).

O calendário não comporta os dias necessários. Prova disso é que a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) não suspende suas competições nos períodos conhecidos como Data Fifa, janelas em que os calendários domésticos são interrompidos pelo mundo para os confrontos entre seleções.

O início da maioria dos estaduais em plena noite de Eliminatórias para a Copa foi representativo. Como também foi simbólica a estreia antecipada do Palmeiras no Paulista devido à participação no Mundial de Clubes, em fevereiro.

As convocações tiraram o goleiro Weverton e os zagueiros Gustavo Gómez e Kuscevic da última semana de preparação para o torneio. O embarque para Abu Dhabi ocorrerá na quarta-feira (2), dia seguinte ao duelo entre Brasil e Paraguai no Mineirão.

Corinthians, São Paulo, Flamengo e Atlético-MG também cederam atletas às seleções. Menos mau para os dois últimos, pois começaram o ano com escalações alternativas.

O gargalo é também técnico e financeiro. Para brigar em várias frentes, é preciso investir em elencos numerosos, departamentos médicos qualificados e estrutura logística —voos fretados, por exemplo.

"O clube acaba priorizando objetivos. Mas há um lado negativo em poupar demais, pois o time pode chegar aos principais torneios em um nível inferior de competitividade", afirma o preparador físico Felipe Rabelo, com passagem pelo Athletico-PR e hoje no Real Valladolid, da Espanha.

Neste ano, o Palmeiras pode disputar até 83 jogos. Se chegar a todas as finais, terá entrado em campo a cada três dias e 13 horas. O Flamengo tem 79 partidas no horizonte, e o Atlético-MG, 78.

Times brasileiros são os que mais jogam no planeta

Equipe da elite nacional faz em média 20 partidas a mais que uma europeia

Como ler:

Quanto mais **distante do centro**, maior o número de **partidas realizadas por um time em um ano**

Países com maior média de jogos disputados por ano

ligas · copas nacionais* · copas continentais · estaduais · outros

País	Média
Brasil	69
Colômbia	55
Espanha	54
Inglaterra	53
México	49

0 · 20 · 40 · 60

*Em países com mais de uma copa nacional, como a Inglaterra, o torneio secundário foi classificado como "outros". Fonte: Sofascore. Foram analisados os 65.051 jogos realizados ao longo de seis anos completos (2014 a 2019) pelos clubes que disputaram todas as edições da primeira divisão nacional de 25 países das temporadas de 2013 a 2020

PRANCHETA DO PVC

Paulo Vinicius Coelho
pranchetadopvc@gmail.com

Rogério Ceni precisa provar seu talento neste ano

O investidor John Textor, do Botafogo, faz questão de dizer que não se preocupa em ganhar o próximo jogo. Não se incomodaria com uma derrota, em vez da vitória conquistada neste domingo (30) contra o Bangu.

Disse também que não gosta da ideia de contratar jogadores por terem trabalhado com o técnico em outros lugares. Quer ver a estatística.

Futebol não é tão exato quanto o beisebol, mas olhar os números ajuda muito.

Rogério Ceni segue sendo o mais promissor técnico do Brasil. Mas vai na contramão. Incomodou-se com negociações que não deram certo, a ponto de citar o caso de David, que não acertou com o São Paulo e foi negociado com o Internacional.

David foi jogador do Fortaleza, sob o comando de Rogério, em 2020. Excelente jogador. Mas a cobrança do treinador sobre a direção parece indevida. David não poderia ser contratado apenas por ter jogado com ele.

Até mesmo porque o atual treinador do São Paulo saiu do Flamengo sob argumentos de que pretendia trazer jogadores com quem trabalhou no Fortaleza, em detrimento das análises de desempenho. Nomes citados foram os do goleiro Felipe Alves e David, o mesmo que pretendeu treinar agora.

O São Paulo foi irregular nos dois primeiros jogos do ano. Perdeu do Guarani, empatou com o Ituano, manteve a estrutura tática com linha de quatro homens, um volante, quatro armadores atrás de um avante. De um jogo para outro, trouxe Alisson para o lado esquerdo, com Patrick por dentro.

No segundo tempo contra o Ituano, Alisson já tinha voltado a ser o meia direita, com Patrick aberto na esquerda. As decisões táticas podem dar certo. Nenhuma das opções de Rogério é absurda.

Mas, por ora, o time não anda. Ok, é apenas o segundo jogo da temporada.

Todo mundo imagina ver o time de Rogério vencendo. Mais do que isso, jogando bem. O São Paulo não consegue fazer isso ainda.

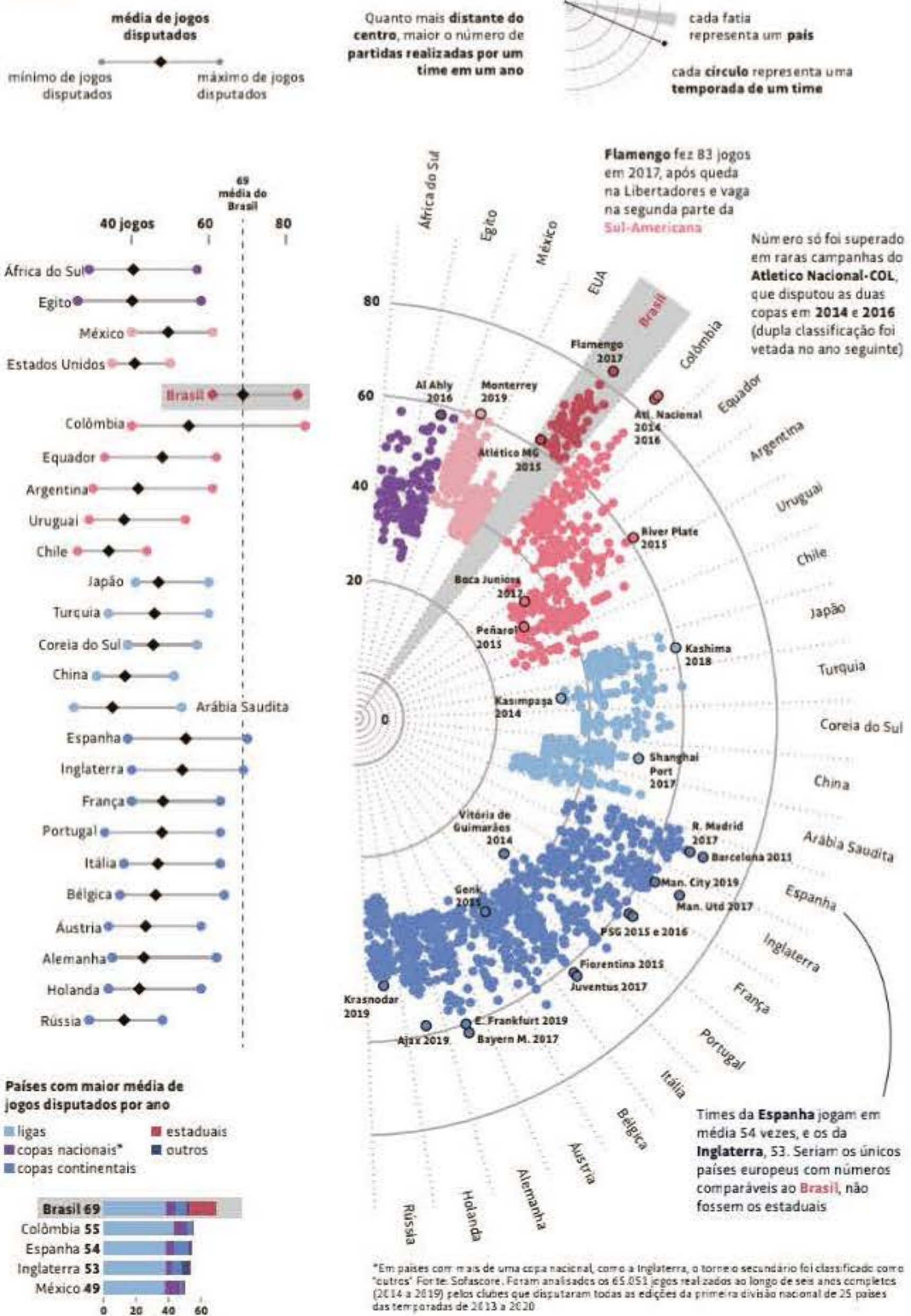
O time precisará se confirmar competitivo nas estreias da Copa do Brasil e Sul-Americana. Tempo para Ceni estruturar a equipe, brigar por títulos. Não importa ter perdido para o bom time do Guarani e empatado com o campeão da Série C, o Ituano. Importa melhorar.

Mas é de se perguntar por que o técnico que, supostamente, pode ser o mais moderno do Brasil, precisa indicar e cobrar contratações de atletas com quem trabalhou. Por que não ser parceiro da diretoria e compreender que não se conseguiu o jogador de velocidade que pretende. E, na sequência, procurar pelas estatísticas, à moda Textor, as soluções para ter a equipe competitiva.

O que há algum tempo era novo, jovem, hoje é antigo...

A frase é de Belchior, em 1975.

Rogério precisa ser o novo. Faz cinco anos que se espera isso. Foi campeão brasileiro pelo Flamengo, fez bom trabalho, saiu criticado injustamente, mas se iguala aos demais com trocas seguidas de clube e cobranças semelhantes às de técnicos do passado.

Quem sustentará a carreira de Rogério Ceni, como de qualquer grande treinador no mundo, serão os craques com quem trabalhar. Não serão seus homens de confiança.

São Paulo contra o Guarani, com Alisson por dentro

São Paulo manteve a estrutura tática contra o Ituano

DUAS SEMANAS

O Palmeiras disputou três partidas no ano, com três formações diferentes, mas com uma carta de intenções de Abel Ferreira. A semifinal do Mundial será de construção de jogo, como contra Ponte Preta e São Bernardo. Contra o Chelsea, se houver, será jogo de estratégia.

SELEÇÃO

O Brasil precisa jogar bem contra o Paraguai, nesta terça. Não se trata da confiança do grupo, que acredita no trabalho feito por Tite. Trata-se de mostrar ao país que o time pode fazer uma grande Copa. O time precisa ser um pouco mais solto, como foi contra o Uruguai.

O designer gráfico Matheus Diniz, 28, criou o Greengo Dictionary em 2018 e tem 1,6 milhão de seguidores no Instagram; acima uma postagem da página Divulgação

Greengo Dictionary politiza humor e ensina brasileiros a rir de si mesmos

Ivan Finotti

SÃO PAULO "Pode tirar o cavalinho da chuva" é uma expressão que a maioria dos brasileiros vai entender. Mas como explicar isso para um americano, ou qualquer outro turista que fale inglês? O designer gráfico Matheus Diniz resolveu traduzir ao pé da letra e colocou no Instagram: "You can take your little horse out of the rain".

Para arrematar, deu uma definição em "dicionarês": "[expression] 1. Used to tell a person to give up", algo como "expressão dita a uma pessoa para desistir". O sucesso foi enorme.

Com mais de 1,6 milhão de seguidores no Instagram e quase 300 mil no Twitter, o Greengo Dictionary pode até parecer um dicionário para estrangeiros aprenderem expressões bem brasileiras, mas, na verdade, é um bem-humorado convite para rirmos de nós mesmos.

"Nossa página é sobre cultura brasileira e humor", diz o designer gráfico de 28 anos, morador de Goiânia, que começou a brincadeira em seu próprio perfil nas redes sociais em 2018. "Somos um pequeno espelho do Brasil, traduzindo nossa cultura para os gringos", ele conta. Outras sacadas do Greengo (que, aproveitando o green do título, tem todos os seus posts em verde): "Too much sand for my truck", o nosso velho é muita areia pro meu caminhão. Pois o Greengo explica ao gringo: "[expression] 1. Designates someone who is out of our league" (designa alguém fora de nosso alcance).

Como se vê, é necessário saber um pouco da língua para se divertir com as traduções literais. Mas, às vezes, um inglês de primeira viagem dá conta, como em "Papaya with sugar [expression] 1. Very easy".

Algumas expressões são tão a pé da letra que o autor traduz em português: "So it's good then /Então tá bom/ [phr.] Brazilians trying to end a phone call politely". E dá o exemplo de como nós tentamos desligar educadamente uma ligação telefônica: "So it's good then... It's good... Then it's .... good... Bye".

"A gente fala do que está sendo falado. Ficamos ligados em datas comemorativas, por exemplo", fala Diniz, que tem conseguido monetizar o Greengo ao bolar alguns posts a pedido de marcas.

"São parcerias sazonais, campanhas específicas para o lançamento de algum produto ou filme", ele conta. O perfil já publicou posts para HBO Max, Disney+, Adidas, Giorgio Armani e Lancome.

Mesmo com esse olhar comercial, Matheus Diniz não se furta a incluir política em suas piadas. "O principal é o humor, mas o viés político e meu posicionamento vêm também, como em qualquer charge."

Para comemorar o dia mundial da liberdade de imprensa, o Greengo escreveu em português mesmo: "5 facadas de Bolsonaro na liberdade de imprensa/5 times Pocketnaro stabbed freedom of press". Em seguida, traduziu para o inglês algumas falas do presidente atacando jornalistas.

"Sou antibolsonarista e anti qualquer ameaça à democracia e à minha vida como um homem gay", afirma Diniz. "Como parte de uma minoria, também tento abrir os olhos para outras injustiças sociais agravadas neste governo."

Sua tradução para a pergunta "quem mandou matar Marielle?" é "who ordered Marielle's murder?" e recebeu 65 mil likes no post de dezembro de 2020. E, se você acha que política não combina com humor, you can take your little horse out of the rain.

IRLANDA DO NORTE REGISTRA EVENTOS PARA LEMBRAR OS 50 ANOS DO DOMINGO SANGRENTO
O domingo (30) no país foi marcado por manifestações que foram desde postagem nas redes sociais pelo grupo U2, com versão acústica do sucesso "Sunday Bloody Sunday", até ato com pessoas segurando cruzes em Derry, diante de mural em memória dos 13 manifestantes que foram mortos a tiros pelo Exército britânico em 30 janeiro de 1972, durante passeata por direitos civis Paul Faith/AFP

MENSAGEIRO SIDERAL

Salvador Nogueira
folha.com/mensageirosideral

Pesquisadores trazem 2 novos lances à busca por vida em Marte

A busca por evidências de vida em Marte teve dois novos lances neste começo de 2022. No lado do copo meio vazio, uma análise das moléculas orgânicas presentes num meteorito marciano indica que sua origem é geológica, não biológica. No lado do copo meio cheio, o rover Curiosity, da Nasa, detectou algo que, se fosse visto na Terra, seria interpretado como evidência de atividade biológica. Em Marte, claro, a barra é mais alta.

Começando pela história do meteorito. Estamos falando do mais famoso exemplar conhecido, o ALH84001, achado na Antártida em 1984. Foi essa a pedra que, depois de ser analisada pela equipe de David McKay, da Nasa, causou alvoroço em 1996, com o anúncio de que havia possíveis microfósseis provenientes de Marte nela. Desde então, tornou-se consenso que não eram microfósseis.

Agora, realizando uma análise mineralógica nanoscópica da rocha de 4 bilhões de anos, o grupo de Andrew Steele, da Instituição Carnegie para Ciência, nos Estados Unidos, mostrou que a origem das moléculas orgânicas presentes no meteorito é abiótica, ou seja, não tem conexão com vida. Em vez disso, ela foi produzida por reações de carbonatação e serpentinização, processos geológicos que envolvem a interação de minerais com água e que também ocorrem na Terra. O trabalho foi publicado na Science.

Na sequência, foi a vez de cientistas envolvidos com um dos principais instrumentos do rover Curiosity publicarem novos resultados da perambulação do veículo por Marte. Em artigo na PNAS, a revista da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos, os pesquisadores indicaram que a análise de várias amostras de rocha transformadas em pó pelo rover apresentaram um enriquecimento em um tipo de carbono que, na Terra, é associado a processos biológicos.

Sabemos que átomos podem vir em vários "sabores", os chamados isótopos, em que varia a quantidade de nêutrons no núcleo. A vida, ao menos aqui em nosso planeta, prefere carbono-12, o mais comum e leve. Por isso, sinais de carbono deixados por formas de vida costumam ser enriquecidos nesse isótopo.

E foi exatamente esse padrão o observado em algumas das amostras do Curiosity. Se fossem rochas da Terra, a aposta na explicação biológica seria de longe a mais simples. Em Marte, é preciso pensar fora da caixa.

Então os pesquisadores apresentaram três possibilidades: a primeira seria vida deixando para trás essa assinatura de carbono ao liberar metano na atmosfera. A segunda seria fruto da interação da luz ultravioleta do Sol com o dióxido de carbono na atmosfera, produzindo moléculas orgânicas que assentariam na superfície. E uma terceira hipótese especula que o padrão poderia ser explicado por um raro evento em que o Sistema Solar teria passado por uma nuvem molecular gigante rica em carbono-12.

As três são plausíveis, e só será possível dizer qual está certa com mais estudos.

ACERVO FOLHA

Há 50 anos **31.jan.1972**

Domingo sangrento na Irlanda do Norte deixa 13 mortos a tiros

A Irlanda do Norte viveu um domingo sangrento, neste dia 30, na cidade de Londonderry, com a morte a tiros de 13 pessoas em uma ação do Exército britânico, que procurava dissolver a manifestação de católicos que defendiam direitos civis —uma outra vítima encontra-se gravemente ferida.

O grupo protestava contra a política do governo local de prender sumariamente pessoas com a alegação de que seriam suspeitas de atos terroristas.

O bispo católico de Londonderry, Neil Farren, enviou mensagem de protesto ao primeiro-ministro britânico, Edward Heath, por causa da operação da tropa britânica.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

FOLHA DE S. PAULO

Pequim quer milhões de nossos sapatos

ilus
FOLHA DE S.PAULO ★★★
SEGUNDA-FEIRA, 31 DE JANEIRO DE 2022

Vem, meteoro

Diretor de 'Independence Day' e 'O Dia Depois de Amanhã' imagina mais um fim da Terra em 'Moonfall', que estreia agora

Pôster de 'Moonfall – Ameaça Lunar', novo filme do cineasta alemão Roland Emmerich Divulgação

Rodrigo Salem

LOS ANGELES Uma rara chuva forte castiga Los Angeles. Estamos no dezembro mais chuvoso da metrópole californiana em mais de uma década. O tráfego já caótico e intenso ganha o acréscimo do perigo com as ruas molhadas.

Nada mais adequado para servir de pano de fundo para o encontro com Roland Emmerich, o cineasta alemão mais hollywoodiano que existe. Ele já ameaçou a Terra com alienígenas em "Independence Day". Com mudanças climáticas em "O Dia Depois de Amanhã". E com o aquecimento do núcleo do planeta em "2012".

"Esse clima maluco foi planejado por você?", pergunta, em tom de brincadeira, a este repórter. O diretor solta uma risada rouca e sobe para a sala de montagem da sua produtora Centropolis Entertainment, em Hollywood, onde finaliza "Moonfall – Ameaça Lunar", seu novo filme-catástrofe, que estreia esta semana.

A Folha foi o único veículo brasileiro a ter acesso às primeiras cenas completas da ficção científica protagonizada por Patrick Wilson, Halle Berry e John Bradley —o último, o Samwell Tarly de "Game of Thrones". Nesta primeira hora de filme, Berry e Wilson fazem ex-astronautas em decadência depois de sua missão orbital ser estranhamente atacada por um evento inexplicável.

OUTROS APOCALIPSES
Mais filmes de desastre de Emmerich

'Independence Day' (1996)

'O Dia Depois de Amanhã' (2004)

'2012' (2009)

Anos depois, a dupla se torna uma das esperanças da Terra quando a Lua sai da sua órbita e inicia uma trajetória catastrófica rumo ao planeta.

A ideia surgiu quando o cineasta leu "Who Built the Moon", ou quem construiu a Lua, livro em que Christopher Knight e Alan Butler teorizam que o satélite não é um objeto natural, mas um construto artificial que poderia ser fruto de alienígenas, Deus ou de uma viagem no tempo. "Não dava para acreditar, então criamos nossa própria solução sobre quem construiu a Lua e quando. Nos deu uma perspectiva interessante, pois obviamente havia algo antes de nós. A Terra é um planeta jovem. O Sistema Solar é relativamente jovem. O filme é sobre a origem da raça humana."

Ao contrário de "Não Olhe Para Cima", não existe a opção de descrença diante da tragédia iminente em "Moonfall".

Continua na pág. C2

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Fabio Bartelt/Divulgação

A atriz, escritora e apresentadora Mônica Martelli é a capa de fevereiro da Marie Claire. Aos 53 anos, ela fala à revista sobre a perda do ator Paulo Gustavo, seu melhor amigo, e de temas como etarismo, sucesso, carreira e arte. "A gente está entendendo que pode fazer o que quiser com qualquer idade", afirma. "O meu reconhecimento profissional veio aos 37 anos. Eu fui mãe aos 41. Me apaixonei novamente aos 50. Estou sendo capa da Marie Claire pela primeira vez aos 53." A edição chega às bancas nesta quarta-feira (2)

DÚVIDA VIVA

O deputado estadual José Américo (PT-SP) formulará um novo pedido de informações sobre a internação do escritor Olavo de Carvalho no Instituto do Coração (InCor) do Hospital das Clínicas da USP, em 2021. Ele insiste em respostas sobre a suspeita de que o guru bolsonarista, morto na semana passada, furou a fila na unidade.

SEQUÊNCIA A desconfiança é de tratamento privilegiado, com a entrada de Olavo na instituição pública sem obedecer à ordem do SUS. Américo acionou o Ministério Público de São Paulo, que diz que o inquérito do caso está em andamento, sem fornecer detalhes.

ULTIMATO O petista enviará um novo ofício cobrando respostas do InCor, que nega irregularidades. Ele afirma que, se as explicações "não forem satisfatórias", recorrerá novamente ao Ministério Público.

NÃO DÁ E o deputado federal Alex Santana (PDT-BA), que ordenou apuração interna na Câmara sobre a curtida, pela conta oficial da Casa no Twitter, em um post ironizando a morte de Olavo de Carvalho, diz que o perfil é institucional e não pode ser usado para manifestar preferências.

RECADO "Não é esse o papel que a Câmara deve desempenhar. É inadmissível esse tipo de comportamento", afirma ele, que ocupa o cargo de secretário de Participação, Interação e Mídias Digitais. O parlamentar é simpático ao presidente Jair Bolsonaro (PL), cuja eleição foi apoiada por Olavo, e está de saída do PDT.

ERRO Ao se desculpar, a Câmara disse que houve "interação equivocada" com o perfil RealMorte, que se propõe a fazer humor com temas mórbidos.

*

No post se lia: "Olavo de Carvalho, Check", simulando uma tarefa concluída.

ZONA NEUTRA O nome do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) quase não foi lembrado durante o encontro com mulheres realizado no apartamento da ex-prefeita Marta Suplicy, em São Paulo, na sexta-feira (28). A anfitriã, apoiadora da candidatura dele ao Planalto, cumpriu o plano de fazer um evento suprapartidário, com foco na discussão de projetos para as mulheres. Nem mesmo a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, fez menção direta a Lula.

EMBARQUE O senador Jaques Wagner (BA) foi a única liderança nacional do PT a viajar para Vitória (ES) na sexta-feira (28) para participar da cerimônia de filiação do senador Fabiano Contarato (ex-Rede). O evento foi misto, com dirigentes e Lula participando virtualmente. Wagner, que ajudou a aproximar Contarato do partido, representou a cúpula petista presencialmente.

VEM AÍ O ex-secretário municipal de Cultura de São Paulo Alê Youssef será o diretor cultural do Complexo Cidade Matarazzo, a convite do empresário francês Alexandre Allard, responsável pelo empreendimento. Ele também cuidará da gestão das atividades culturais de dois parques do entorno recém-concedidos. "É uma satisfação continuar trabalhando pela cultura brasileira, desta vez por meio de um projeto privado", diz Youssef.

ROTEIRO Mais de 130 mil estudantes do estado de São Paulo tiveram contato com a disciplina de turismo, inédita nos currículos escolares até 2021. Oferecida às escolas públicas, a eletiva foi lecionada por 599 unidades da rede estadual, chegando a 980 turmas dos ensinos fundamental e médio.

DE LÁ PRA CÁ O novo espetáculo de stand-up do ator e apresentador Fabio Porchat, que estreia em fevereiro em Portugal, começará a rodar o Brasil em abril, tendo Niterói (RJ) como ponto de partida. Das cinco apresentações no país europeu, quatro já estão com ingressos esgotados.

NA TV Porchat ficará por lá até 22 de fevereiro. Ele conciliará a temporada teatral com o fim das gravações de seu primeiro programa para um canal português, "Viagem a Portugal".

Joelmir Tavares (interino), com Lígia Mesquita, Bianka Vieira e Manoella Smith

Vem, meteoro

Continuação da pág. C1

Na trama, tsunamis destroem cidades litorâneas e ondas de gravidade causam terremotos devastadores. Os heróis precisam resgatar um antigo ônibus espacial para, ao lado do cientista maluco de Bradley, provarem que existe algo movendo o satélite natural.

Tudo com a assinatura exagerada de Emmerich, um diretor que pode não ser amado pelos críticos, mas que entrega exatamente o que se espera dele.

"Consegui virar meu próprio gênero de cinema", brinca o alemão. "Foi algo que aconteceu naturalmente depois de 'Independence Day', quando pus pessoas normais em um cenário de invasão alienígena e fim do mundo. Virou minha fórmula, apesar de ter feito outras obras diferentes."

Aos 66 anos, Emmerich diz que é "uma pessoa otimista", mas que se sente cada vez mais pessimista em relação ao futuro, principalmente por causa das mudanças climáticas, segundo ele um assunto muito falado, mas pouco confrontado hoje. "Quando vamos aprender? Nunca, não é?", questiona o diretor de "O Dia Depois de Amanhã", talvez o primeiro blockbuster a tratar do tema de modo espetacular, porém cada vez mais profético.

"Sinceramente, concebi 'O Dia' como uma espécie de alerta, pois precisava gritar: 'Se não tomarmos cuidado, vamos ser esmagados por um martelo'. Agora, enfrentamos incêndios, secas e tempestades mais violentas. Estamos no meio de uma grande mudança."

Surpreendentemente, Emmerich não tem a mínima intenção de explorar a pandemia em um dos seus filmes-catástrofe. "Precisamos ter um distanciamento", diz. Mas, conta, pensa em criar outro longa sobre mudanças do clima, desta vez focando os refugiados climáticos.

"Precisa ser algo radical, talvez passado dez anos no futuro. Imagine 120 milhões de refugiados por causa do clima. Todos os países vão se trancar, virar ilhas. Ninguém poderá entrar ou sair", imagina o diretor, que emenda: "Mas não tenho nada de concreto. Quero tirar férias, porque foi difícil trabalhar dois anos e meio em 'Moonfall' com a pandemia surgindo no meio das filmagens."

Por causa da paralisação inicial, em 2020, Emmerich retomou os trabalhos de maneira inédita. Os setores foram divididos em bolhas, e diretor, elenco e áreas técnicas não tinham contato uns com os outros.

A Covid também levou o cineasta a uma conclusão extrema. "Aparentemente, apenas um evento de extinção em massa vai corrigir nosso curso. É um pensamento terrível, não quero que aconteça, mas é o que sinto. Onde estão as soluções políticas?", questiona ele, que também vê a indústria do cinema enfrentando seu pior momento.

"O cinema está mergulhado profundamente na merda", afirma Emmerich. "Só há streaming hoje e eles só fazem uma grande produção de vez em quando. Já recebi ofertas para trabalhar para eles, mas gentilmente recuso", ressalta o diretor, que diz não ser seduzido nem mesmo pela Marvel. "Odeio filme de super-heróis, apesar de alguns deles serem ótimos."

Moonfall – Ameaça Lunar
EUA, Canadá e China, 2022. Direção: Roland Emmerich. Com Halle Berry, Patrick Wilson, John Bradley. 14 anos. Estreia nesta quinta (3)

Filmes previram 2022 com piora da Covid e dia de mortes liberadas

Ficções como 'Uma Noite de Crime' e 'Alien - A Intrusa' imaginaram ano de crise climática e invasões alienígenas

Leonardo Sanchez

SÃO PAULO O ano virou com clima de esperança. Muita gente achava que 2022 já seria, logo de cara, menos pandêmico e mais alegre do que seu antecessor. Mas o aumento de casos de Covid causado pela variante ômicron frustrou essa largada, deixando muita gente reticente quanto ao que esperar deste ano novo.

Nada, no entanto, deve ser pior do que as previsões que o cinema fez para 2022, que desenham um cenário distópico, de destruição por diferentes motivos, para os dias à frente. Antes de entrar nos extremos da ficção científica, um filme chama a atenção por estar mais calcado na realidade e ser fruto dessa mesma pandemia.

Lançado há cerca de um ano, "Pânico em Casa" está longe de ser memorável. Ele se destaca, no entanto, por ter sido feito durante o isolamento pela Covid-19 e por ter sua história centrada nela.

O roteiro nos leva até abril de 2022 para imaginar como estaria o mundo após meses de coronavírus —e a previsão não é nada boa.

Continua na pág. C3

2022 NA TELA

'No Mundo de 2020'
EUA, 1973. Direção: Richard Fleischer. Com Charlton Heston, Edward G. Robinson, Leigh Taylor-Young. 14 anos. Compra e aluguel no Apple TV

'Uma Noite de Crime'
EUA e França, 2013. Direção: James DeMonaco. Com Ethan Hawke, Lena Headey, Max Burkholder. 14 anos. Disponível na Netflix, no Amazon Prime Video e no Globoplay

'Tempestade – Planeta em Fúria'
EUA, 2017. Direção: Dean Devlin. Com Gerard Butler, Jim Sturgess, Abbie Cornish. 12 anos. Disponível na Netflix e no HBO Max

'A Guerra do Amanhã'
EUA, 2021. Direção: Chris McKay. Com Chris Pratt, Yvonne Strahovski, J.K. Simmons. 14 anos. Disponível no Amazon Prime Video

'Pânico em Casa'
EUA, 2021. Direção: Will Wernick. Com Alisa Allapach, Adwin Brown. 16 anos. Disponível no Amazon Prime Video

Cena do filme 'No Mundo de 2020', ou 'Soylent Green', dirigido por Richard Fleischer em 1973 Reprodução

Continuação da pág. C2
O vírus causador da doença já mutou diversas vezes e, na trama, chegou a uma variante que é três vezes mais transmissível e duas vezes mais letal. Isso elevou o número de vítimas fatais para 253 milhões em todo o mundo.

Também causou a desintegração do Reino Unido, que, em crise, decidiu se dividir em dois Estados, e transformou o Central Park, em Nova York, num enorme hospital de campanha. Muros dividem áreas das cidades para pessoas com anticorpos e sem, enquanto as ruas são patrulhadas por policiais brutos que usam máscaras de gás daquelas à la Tchernóbil.

Em "Pânico em Casa", o mundo mergulha num quase estado de exceção, algo que também acontece em "Uma Noite de Crime", lançado em 2013 e que mostra os Estados Unidos, em 2022, como um país que superou a criminalidade e com taxas de desemprego na casa do 1%. Mas essa utopia não foi conquistada sem que se pagasse um preço altíssimo por ela.

No que hoje é uma franquia que engloba cinema e televisão, descobrimos que o país entrou em colapso no início dos anos 2010 devido ao crime e ao aumento populacional. Para contornar o problema, um grupo de políticos cria o "expurgo", um feriado nacional em que qualquer tipo de delito é permitido —de roubo a assassinato.

O primeiro filme da franquia se passa justamente em 2022, quando a data é finalmente aceita pela maioria da população, que já está totalmente adaptada ao feriado sangrento, com casas paramentadas com sistemas de segurança ultramodernos —para os que podem pagar— e muita gente com coleções extravagantes de armas, mesmo que de uso anual.

O crescimento desenfreado da população também está por trás da nova sociedade concebida para o filme "No Mundo de 2020", que, apesar do ilógico título em português, se passa em 2022. Originalmente batizado de "Soylent Green", o longa de Richard Fleischer foi lançado em 1973 e trazia Charlton Heston no papel de um policial que investiga o assassinato de um empresário influente.

A vítima é uma das mentes por trás do "soylent green" do título, uma barrinha milagrosa capaz de alimentar boa parte da população num planeta onde já não há campos para a agricultura ou animais para o abate. "Manteiga de verdade" e "alface fresco" deixaram de circular até mesmo nos círculos mais elitistas e, numa cena, a esposa de um milionário recebe a chance de comprar um produto exclusivíssimo —um bife.

Este é um privilégio que apenas os muito endinheirados têm e que, guardadas as devidas proporções, ecoa um pouco a atual impotência do povo brasileiro diante do preço da carne bovina no país, que no fim do ano passado apresentou uma inflação de mais de 10% em relação ao ano anterior.

Outro acerto é que muitos figurantes do longa são vistos de máscara. Não por causa de uma pandemia específica, mas pela alta densidade demográfica na Nova York do filme e pelos altos índices de poluição na cidade.

"Soylent Green" também previu, nesse caso erroneamente, que mulheres seriam como mobília e, quando seu "dono" morresse, elas ficariam disponíveis para o próximo locatário do imóvel em que moram. Nas ruas, quando há protestos, retroescavadeiras removeriam os manifestantes sem qualquer pudor.

E, para controlar a população, o governo ofereceria clínicas de suicídio assistido, onde os mais velhos poderiam encurtar a vida em troca de 20 minutos de regalias às quais não têm mais acesso.

O aumento populacional, desta vez dentro das cadeias, é um problema também em "Fuga de Absolom", de 1994. Para resolver a questão, os países exilam seus condenados em ilhas prisões, que têm um funcionamento próprio e sem qualquer acesso ao continente —mas isso cria territórios controlados na base da violência pelos próprios prisioneiros. Em 2022, o personagem de Ray Liotta é mandado para uma delas, mas parece determinado a escapar.

As ameaças que o cinema previu para os próximos meses, no entanto, não são só motivadas por ideias ruins de gente importante. É no espaço que moram alguns dos personagens dispostos, na ficção, a aniquilar uma boa porção de seres humanos.

No ano passado mesmo tivemos a estreia de "A Guerra do Amanhã". No longa estrelado por Chris Pratt, uma invasão alienígena só ocorre nos anos 2050, mas é em 2022 que os terráqueos do futuro vão buscar ajuda, por meio de uma tecnologia que permite viajar no tempo. O objetivo é recrutar a população da época para lutar na guerra contra os colonizadores.

Os personagens do futuro aparecem para seus antepassados durante a disputa da final da Copa do Mundo do Qatar, programada para novembro. Apesar da iminente destruição do planeta por alienígenas, a boa notícia, ao menos para os brasileiros, é que a nossa seleção está na partida, prestes a tomar a dianteira do placar quando é interrompida pelos viajantes temporais.

Máquinas capazes de transportar as pessoas para o passado também ajudam a combater os alienígenas de "Time Runner", estrelado por Mark Hamill em 1993. Aqui, a invasão acontece em 2022 mesmo e o protagonista precisa voltar para os anos 1990 para tentar mudar o futuro.

Outro astro da franquia "Star Wars" que tentou prever como 2022 seria nas telas foi Billy Dee Williams, em "Alien – A Intrusa", também lançado em 1993. Desta vez, a ameaça vem da realidade virtual usada de forma problemática pelos homens, que querem ter fantasias eróticas com as mulheres de seus sonhos. Só que essas projeções irreais ganham muito poder e a tecnologia vira uma ameaça.

Ainda no espaço, "O Lado Sombrio da Lua", filme de 1990 de D.J. Webster, acertou ao imaginar que hoje nós teríamos mais facilidade de para explorar o universo. Mas definitivamente errou ao criar uma trama em que a tripulação de um ônibus espacial, perdido durante uma missão em 2022, seria aterrorizada por uma possessão demoníaca.

Haja criatividade para tantas previsões excêntricas. Ao menos em "Tempestade: Planeta em Fúria", que também não impôs limites à imaginação em 2017, a motivação para o caos que toma a Terra vem acompanhada de uma denúncia bem realista.

Estrelado por Gerard Butler, o filme mostra um 2022 em que vários países se uniram para construir uma espécie de escudo que protege o planeta das mudanças climáticas. Quando os satélites a cargo do serviço começam a falhar, catástrofes naturais se tornam frequentes.

Se for levar o roteiro a sério, espere tsunamis colossais invadindo cidades costeiras, chuvas de granizo do tamanho de carros e aviões congelados caindo sobre a população e tornados aparecendo simultaneamente em várias regiões nos próximos meses.

Esse cenário parece um tanto extremo para 2022, mas quem sabe não se torne realidade daqui a algumas décadas se nós nada fizermos em relação à crise do clima. "Tempestade: Planeta em Fúria" é um péssimo exercício de futurologia, mas talvez também seja um ótimo alerta.

Ariadna afirma que transexuais ainda vivem sob peso de violência

Primeira mulher trans no BBB, ela diz esperar que Linn da Quebrada ajude comunidade a dar alguns passos hoje

Martha Alves

SÃO PAULO Antes mesmo de as alianças começarem, foi um pronome que mobilizou os fãs do Big Brother Brasil 22. Mesmo com o aviso nada discreto estampado na testa da cantora Linn da Quebrada, ou apenas Lina, alguns de seus colegas não conseguiram entender que ela é "ela", e não "ele".

Ariadna Arantes, de 37 anos, não passou por isso, mas houve outros problemas. A primeira mulher trans a participar do reality, em 2011, assiste agora à colega retomar sua luta por representatividade. É apenas a segunda trans a lutar pelo prêmio no programa.

Passados 11 anos desde a sua participação, Ariadna diz que não houve grandes mudanças na sociedade e que as pessoas transgênero ainda vivem sob o peso da violência, do preconceito, da falta de oportunidades e da invisibilidade.

"Se tivessem [ocorrido] mudanças, você estaria vendo mulheres trans fazendo faculdade, trabalhando em bancos, em grandes cargos. Claro que tivemos alguma melhoria, não é que eu queira generalizar, mas mudou pouca coisa, não é o suficiente ainda para o século em que estamos", diz.

Apostando na carreira de influenciadora, ela diz que ainda não é contratada por grandes marcas para fazer propaganda, mesmo com um milhão de seguidores no Instagram. Após a participação do reality No Limite, ela conta que foi procurada por algumas empresas, mas não consegue viver como influenciadora.

"Estamos na semana da visibilidade trans e nenhum trabalho rolou. Você não está vendo nenhuma trans influenciadora famosa fazendo trabalhos. [A transfobia] é algo que é muito descarado na sociedade", afirma ela, se referindo ao Dia Nacional da Visibilidade Trans, celebrado no último sábado (29).

Nascida no Rio de Janeiro, Ariadna diz conviver com o preconceito desde cedo. Como acontece com muitas trans, ele começou em casa, da qual foi expulsa aos 14 anos.

Depois disso, Ariadna chegou a se candidatar a uma vaga de serviços gerais em um banco e ouviu que não era da política da empresa dar emprego para pessoas como ela.

Aos 19, uma cafetina lhe ofereceu a oportunidade de trabalhar na Itália como prostituta. Ela conta que a mulher cobrou 12 mil euros, que seriam pagos com o dinheiro que recebesse dos programas. "Como não tinha perspectiva, vi a possibilidade de sair do pesadelo [que era a vida no Brasil] e, depois de pagar a dívida, poderia juntar dinheiro para fazer a cirurgia de redesignação sexual."

Ariadna Arantes, que participou do BBB em 2011 Instagram/Reprodução

O procedimento aconteceu cerca de sete anos depois, em 2009, em Bangkok, na Tailândia. Ariadna então voltou à Itália, onde viveu por 19 anos, até retornar, no ano passado, para o Brasil para investir na carreira de influenciadora, chegando recentemente ao marco de um milhão de seguidores.

A esperança da influenciadora é de que a participação de Linn no BBB ajude a comunidade a dar alguns passos, como quebrar a ideia de que as trans são polêmicas, briguentas e associadas à prostituição.

Ariadna afirma que sofreu com comentários e ataques da mídia e de pessoas que estavam fora da casa mais vigiada do Brasil. Ela chegou a comentar recentemente em suas redes sobre uma capa do jornal Meia Hora que a abalou então, com uma piada vulgar sobre o fato de ela ser trans.

O pedido de desculpas do jornal chegou apenas este ano, via redes sociais, e Ariadna diz que não respondeu. Também optou por não processar a publicação na época. "As pessoas estão acostumadas a um pedido de desculpas, mas não me procuram para falar 'vamos fazer uma capa falando sobre o que as trans sofrem?'."

Em tom de desabafo, Ariadna diz que está cansada de ser taxada como polêmica. "Eu estou há 11 anos gritando por respeito, reconhecimento, querendo trabalho e ajudar as outras meninas como eu. E o meu grito é legítimo."

Fundador da Newsweek tem mistérios esclarecidos em longa

Ivan Finotti

SÃO PAULO O britânico Thomas John Cardell Martyn, que fundou a revista americana Newsweek em 1933, levou muitos segredos para o túmulo. E um deles é por que raios ele está enterrado na pequena cidade de Agrolândia, de 10 mil habitantes, no interior do estado de Santa Catarina.

Esse é o mistério revelado no documentário "Tio Tommy – O Homem que Fundou a News-week", primeiro longa de Loli Menezes, que acaba de chegar às plataformas de streaming. O título do documentário usa o nome da revista na época de sua fundação, "News-week", com hífen.

Um mistério que tomou mais de uma década de buscas, segundo conta a diretora. "Faz uns 12 anos que um amigo meu chegou na minha produtora e disse: 'Você sabia que o fundador da Newsweek está enterrado na minha cidade? O túmulo diz 'founder of Newsweek'. Na mesma hora começamos a investigar", lembra Menezes.

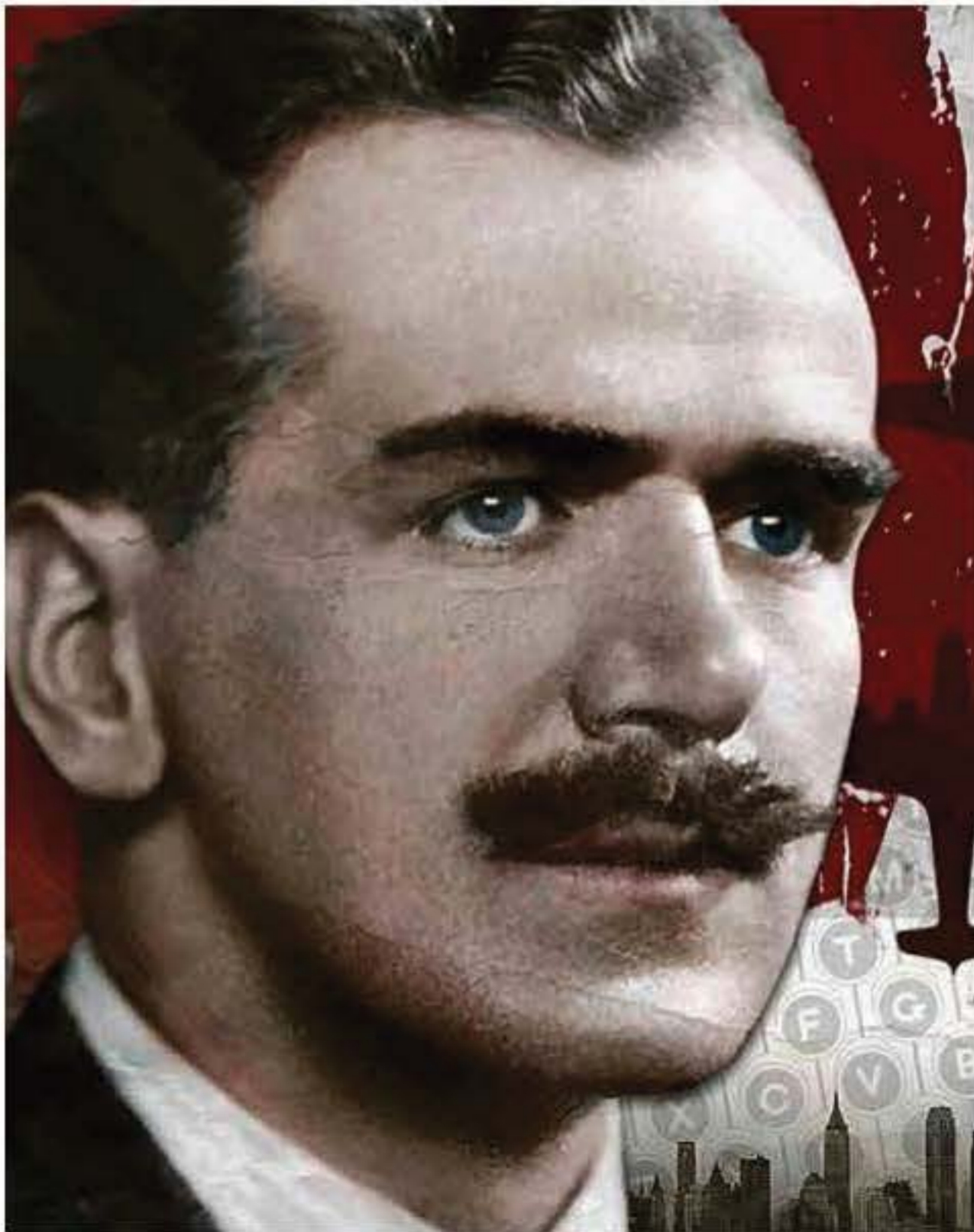
Na época, ela não encontrou nada na internet a respeito do personagem. O jeito, então, foi começar a investigação pelo próprio túmulo.

Em um feriado, aquele amigo da diretora, o ator Malcon Bauer, foi a Agrolândia e descobriu que Cardell Martyn fora casado com sua tia-avó. Era o seu tio Tommy.

Aos poucos, Menezes foi desvendando diversos mistérios e descobrindo mais facetas fascinantes de Tommy. Sua família era da Cornualha e ele batizou sua chácara em Santa Catarina de Tintagel, o castelo na região onde teria nascido o rei Arthur. Havia sido aviador na Primeira Guerra Mundial. Sua aeronave fora abatida pelos alemães e, do acidente, restou-lhe uma perna mecânica.

Tommy havia trabalhado na revista Time e no jornal New York Times. Havia fundado, e perdido anos depois, a Newsweek, após uma negociação de venda de que acabou excluído. Morou na Argentina por dez anos. Depois, em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde vendeu equipamentos para o Jockey Club nos anos 1950. E foi em alguma dessas capitais que conheceu a agrolandense Mary Irmgard Stahnke, que viria a ser sua terceira esposa. Nos anos 1970, o casal foi morar em Agrolândia, onde ambos morreram, primeiro ela, e, seis anos depois, ele, em 1979.

Além do Brasil, as filmagens do documentário levaram a equipe à Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha e Argentina, onde historiadores, netos e familiares foram entrevistados, cada um fornecendo respostas ou pequenas pistas para o quebra-cabeças chamado Tommy. A edição, assinada por Marcos Martins, foi outra saga, tomando quatro anos de trabalho.

Mas um dos grandes mistérios parecia rolar por baixo dos panos. Na página de internet de um historiador inglês, Thomas John Cardell Martyn foi apontado como um dos participantes de uma operação da CIA, a agência de inteligência americana, chamada de Mockingbird, uma suposta infiltração de agentes em órgãos da imprensa americana nos anos 1950 —o nome faz referência a um pássaro conhecido no Brasil como tordo-dos-remédios, capaz de imitar o canto de outras aves.

O britânico Thomas John Cardell Martyn, que inspirou o documentário 'Tio Tommy' Divulgação

"Tudo indica que Thomas tenha continuado a fornecer informações para o governo americano quando se mudou para a América do Sul", conta Menezes. Antes de se estabelecer no Brasil, Tio Tommy passou anos viajando por países da região, notadamente Argentina e Peru. Em cada documento, mudava dados pessoais, como o seu próprio nome, o nome da mãe, seu local de nascimento etc.

"Não dá para provar que ele tenha sido um informante da CIA, mas todas as informações que levantamos estão no documentário. Deixo em aberto para que o espectador tire suas próprias conclusões", afirma a diretora.

"Tio Tommy - O Homem que Fundou a News-week" estreou no festival É Tudo Verdade do ano passado e, além do streaming, vai ser exibido no Canal Brasil nas próximas semanas. Ganhou ainda um prêmio na Argentina e outro no New York Movie Awards.

Tio Tommy – O Homem que Fundou a News-week
Brasil, 2021. Direção: Loli Menezes. Aluguel no Looke (R$ 14,90). Livre

Joni Mitchell pede que Spotify retire suas músicas

LOS ANGELES (EUA) | AFP A cantora canadense Joni Mitchell foi mais uma a abandonar o Spotify. A decisão, anunciada na sexta (28), veio em apoio a Neil Young, que pediu que o serviço excluísse toda a sua discografia depois que ele se negou a banir o podcast "The Joe Rogan Experience", que recentemente entrevistou um médico antivacina.

O Spotify não se pronunciou sobre o caso Mitchell. Ao acatar o pedido de Young, disse que busca "balancear segurança para os ouvintes e liberdade para os criadores".

'Maus' vira best-seller após ser barrado em escolas

SÃO PAULO Depois de ter sido retirado do currículo de escolas nos Estados Unidos, "Maus" se tornou um dos livros mais vendidos da Amazon americana. Ele liderava a categoria de HQs no sábado (29) e no domingo (30) era o terceiro mais vendido do site.

Na obra, Art Spiegelman reúne lembranças do pai, sobrevivente do Holocausto.

Apesar da relevância, autoridades escolares de um condado do Tennessee, no sul dos Estados Unidos, proibiram o título por considerar o seu conteúdo "impróprio".

Ricardo Cammarota

Vaticínio de Cassandra

A sensação de que velhos fedem a mofo virou um argumento intelectual

Luiz Felipe Pondé

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'Política no Cotidiano'. É doutor em filosofia pela USP

Não se pode mais —ainda bem— atacar alguém por causa de sua orientação sexual, sua cor de pele ou sua religião. É uma falta de modos. Como mastigar de boca aberta, peidar ou arrotar à mesa. Mas é possível xingar alguém de tiozão com propriedade intelectual presumida e justificativa ideológica sustentada.

Não há muita saída para os idosos. A categoria de idoso repousa sobre a noção de idade avançada, a partir dos 65 anos e, no mercado de trabalho, dos 45 anos.

Se você for rico ou relevante, a categoria de idoso-lixo não é aplicada de forma imediata a você. Como se o dinheiro e o sucesso profissional adiassem o reconhecimento dessa condição de lixo etário. E isso de fato acontece. Ser velho é estar fora da cadeia de relevância.

Claro que a idade implica mais adoecimento, o que demanda dinheiro e cuidados. Idosos pobres são um refugo social claro. É justamente o aspecto social e econômico que dá o tom do desprezo intelectual e ideológico dirigido a essa população refugo.

Idosos morrerão antes dos jovens. Salvo no caso de acidentes de percurso, terão menos espaço de trabalho. Receberão menos investimentos. Terão menos disposição para participar na violência do mundo corporativo e do circo produtivo contemporâneo.

Você pode, tranquilamente, identificar a invalidade do que diz alguém a partir da sua idade e relacionar suas ideias a coisas ultrapassadas, seu universo a um mundo que já morreu. Ninguém vai te considerar um reacionário se você comparar alguém mais velho a um idiota maluco.

Está inscrito na condição moderna enquanto tal a não legitimidade da idade avançada —"o sujeito é um medieval".

Para escapar dessa falta de legitimidade, você deve parecer "em dia" com o que pensa e diz a parcela mais recente, digamos, da humanidade. Um exemplo disso são os pais ridículos que querem ser mais recentes no mundo do que seus filhos. A própria ideia de progresso implica a desqualificação dos mais antigos na face da Terra.

Mesmo grupos como os negros, as mulheres, os trans ou os gays —sem entrar no mérito do debate— conseguem fazer frente à desqualificação que sofrem porque, além do seu traço identitário, são jovens. Pelo menos aqueles desses grupos que importam e são ativistas, na sua maioria.

Nelson Rodrigues usava a expressão "razão da idade" para descrever um fenômeno nascente por volta dos anos 1960, de sempre se dar razão aos jovens.

Podemos usar esse seu conceito em sentido reverso, como está na moda dizer hoje. Razão da idade reversa significaria, assim, que você pode jogar pedra em alguém desqualificando-o como "tiozão". A sensação estética de que velhos fedem a mofo se transformou em um argumento intelectual.

*Hoje tudo é polarização. Na universidade, nas redes sociais, nas entranhas desta **Folha**. Aliás, virou modinha entre os inteligentinhos querer decidir quem deve ou não escrever nesta **Folha**. Uma vergonha.*

O ethos da polarização é o silêncio da ideia. Este mesmo silêncio que destruiu o pensamento na universidade se alarga e se aprofunda. O medo da ideia assolará o debate público.

Fosse eu pensar em termos identitários sobre a polarização entre jovens e velhos, seria obrigado a afirmar que só velhos podem falar de assuntos que envolvem velhos como sujeitos sociais e políticos. Nesse caso específico, a polarização não se constitui porque os velhos não têm lugar de fala, só para gemer e dizer idiotices.

Dizem os mais velhos que o Diabo está nos detalhes. Na forma como você xinga alguém, posso identificar sua pertença moral. O ódio é o melhor marcador moral que existe. A condição de lixo está presente na falta de legitimidade estrutural da relação entre idade avançada e discurso legitimado. Aqui, o drama não está no passado, mas no futuro.

A valorização do futuro em detrimento do passado implica a desvalorização da ação realizada —a vida de uma pessoa real— em favor de uma vida que nada fez de fato —a vida de quem acabou de chegar no mundo. Eis a tragédia do contemporâneo, essa época banal e ruidosa.

A passagem do tempo é mortal —redundância proposital. Independente de sua identidade social, você, um dia, pagará a conta.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | **TER. João Pereira Coutinho** | QUA. Marcelo Coelho | QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

Meu cafofo, minha vida

Entre altos e baixos, vivendo o doce pesadelo da casa velha própria

Bia Braune

Jornalista e roteirista, é autora do livro 'Almanaque da TV'. Escreve para a TV Globo

Só ontem o descobri, atirado atrás de uns livros e um par de luvas, o cartãozinho de visita. E logo me lembrei do agente imobiliário miúdo que veio duas vezes, querendo comprar meu sobrado para virar estacionamento.

"É... Será que chegou a hora?", pensei, entre baldes e panos de chão, enquanto tentava conter meu pânico e a água de chuva que escorria do ventilador de teto—praticamente uma ducha no meio da sala.

O arquiteto Le Corbusier dizia que toda casa é uma máquina de morar. Porém, quando tal máquina tem mais de um século, imagine os problemas que ela não dá. É por isso que quase ninguém entende por que cismo de viver num imóvel tão antigo e de beira de rua.

As confusões começam pela fachada colorida, que sempre confundem com a da casa de festas da esquina. Certa vez, tive de enxotar um palhaço muito do mal-encarado, que apareceu junto com um mágico para cobrar uma dívida. Milícia para baixinhos.

Piscina? A menos que você considere o dia em que um cano de ferro estourou no banheiro, criando uma Catarata do Niágara. Só faltou o Pica-Pau para descer num barril.

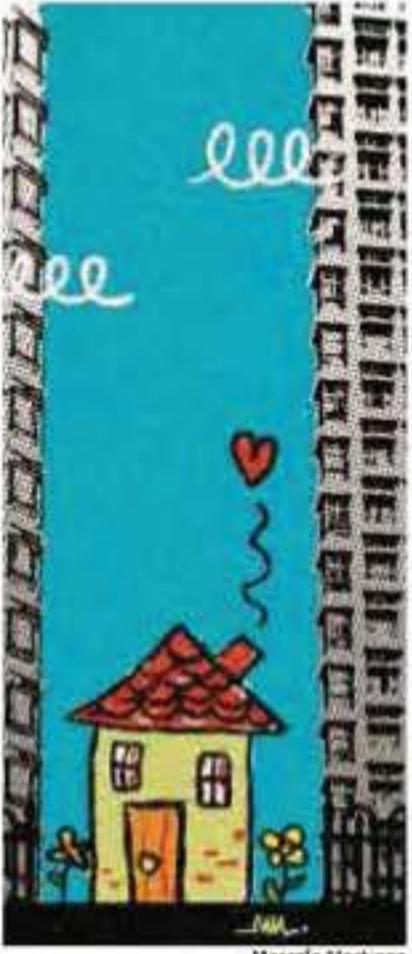
Convite à intervenção urbana, até minha porta de garagem já acordou com um "Não fui eu" escrito em letras garrafais. Achei conceitual, mas logo depois vieram "Nem eu", "Eu também não" e um imenso pênis com asinhas.

Casa velha tem disso. Que nem a gente depois do 40, precisa de check-ups regulares. Cada martelada leva a uma expedição arqueológica própria, trazendo consigo o receio de encontrar o tataravô de alguém emparedado. E quando um amigo pergunta se tal patrimônio tem potencial para tombamento, eu peço pelo mor de deus para nem dar essa ideia em voz alta. Aqui, literalmente, tudo pode acontecer.

"Arranca tudo e taca porcelanato!". "É, vem morar no meu prédio! Tem varanda gourmet". Eu poderia, mas é nessas horas que a professora da creche ao lado toca a campainha.

"E aí? Tá boa? Então: chegamos à lição dos cômodos!". Todo ano é assim. No que as crianças começam a aprender sobre o que é uma casa, sou invadida por uma nova excursão de carinhas muito curiosas. "Não tem jeito, elas pedem pra vir. Acham que é museu!".

Ao me lembrar disso, ainda passando rodo no chão, atirei convicta o cartãozinho para trás dos livros e das luvas, onde estava antes.

Marcelo Martinez

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | **TER. Manuela Cantuária** | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes

tonygoes@uol.com.br

Documentários sobre máquinas chegam a canal em sequência

Maravilhas Modernas: Máquinas

History, 10 anos

Noite de estreias no History. Às 22h10, o canal exibe o primeiro episódio de "Maravilhas Modernas: Máquinas", que percorre os Estados Unidos mostrando como são fabricadas algumas das máquinas mais incríveis da atualidade. Em seguida, às 23h, é a vez de "As Máquinas que Mudaram o Mundo", que conta a história da origem de inovações como a televisão e os tratores agrícolas.

Muhammad Ali

DirecTV GO, 14 anos

A plataforma oferece com exclusividade esta minissérie documental em oito episódios, sobre a vida de um dos maiores boxeadores de todos os tempos. A produção é da PBS, a rede pública de TV dos Estados Unidos.

Pecado Capital

Globoplay, 12 anos

Criada às pressas por Janete Clair em 1975 para substituir a censurada "Roque Santeiro", a novela sobre um taxista que encontra uma mala de dinheiro foi um grande sucesso. Com Francisco Cuoco, Betty Faria e Lima Duarte.

Séries Britânicas

Belas Artes à la Carte

Mais três séries produzidas pela BBC Studios entram para o catálogo da plataforma Belas Artes à la Carte: "Maigret", sobre o detetive criado por Georges Simenon, e as humorísticas "French and Saunders" e "Fry and Laurie".

Roda Viva

Cultura, 22h, livre

A bióloga Mayana Zatz, pioneira nas pesquisas sobre células-tronco no Brasil e crítica dos defensores de medicamentos ineficazes contra a Covid-19, é a entrevistada da vez.

Todos Mentem

HBO, 22h, 16 anos

Nesta série espanhola, a vida de uma mulher é abalada pelo vazamento de um vídeo íntimo. Dias depois, o corpo de um de seus vizinhos aparece no fundo de um penhasco.

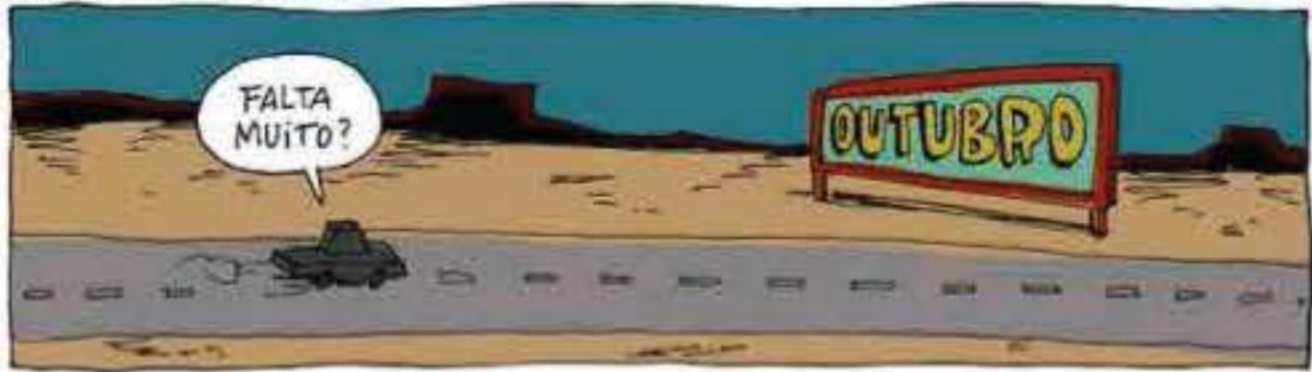
O Túnel

Globo, 23h35, 12 anos

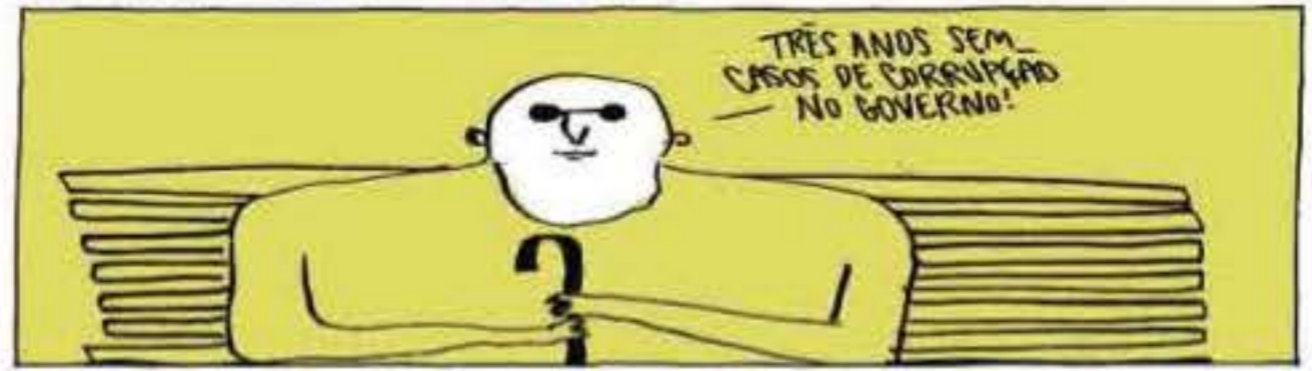
Um acidente dentro de um túnel provoca um grande incêndio e deixa dezenas de pessoas encurraladas. Thriller norueguês baseado num caso real. Inédito na TV aberta.

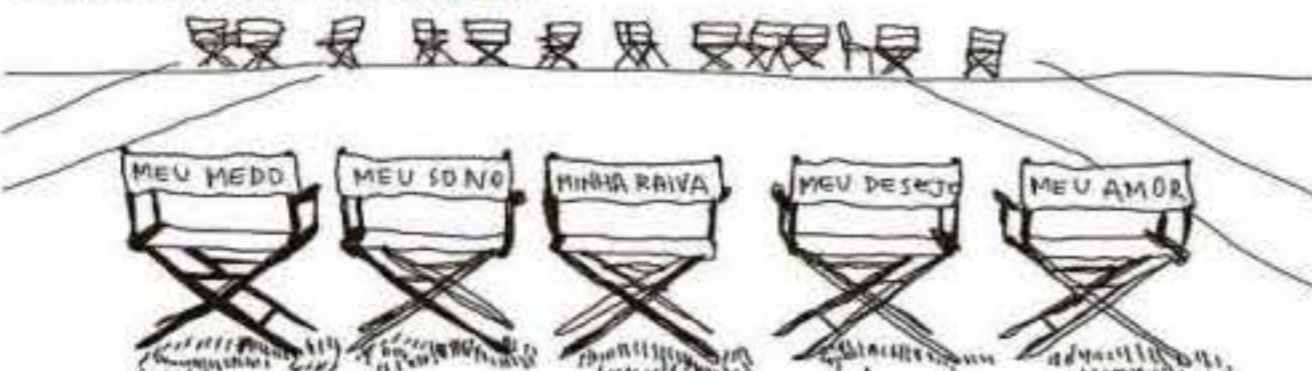
QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

SUDOKU

texto art.br/fsp

FÁCIL

8				6	1			
		4					9	
		9	2			5		
	8			9	7			
		3	4		6	9		
			5	1			8	
		5			4	6		
	7					1		
			6	5				3

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Animal como o golfinho **2.** A maior quantidade **3.** Enxame de abelhas **4.** (de Graças) Um feriado dos EUA e Canadá / Máquina que realiza trabalhos e movimentos humanos **5.** Ingrediente básico no sanduíche / Fio em que se penduram as roupas para secar ao sol **6.** Europa Oriental / A atriz e apresentadora Iozzi **7.** Fazer passar através de coador **8.** Indígena de tribo tupi-guarani / (Red.) Campeonato vencido por uma equipe por duas vezes **9.** Linguagem típica de certa classe de pessoas / Um dos lemas hippie **10.** A cantora Regina (1945-1982) / Sequência de coisas alinhadas **11.** Trapacear, enganar **12.** Uma iguaria que acompanha o frango assado **13.** Reza católica dedicada à Nossa Senhora

VERTICAIS

1. Travessura, diabrura **2.** Impulso que causa o movimento / (Fr.) Arroz típico do Oriente **3.** Vara que se leva apoiada ao ombro para carregar peixes / Reduzir a pó os cereais moídos **4.** Abreviatura de excelentíssimo / O responsável do governo por pastas como a agricultura, saúde, educação etc. **5.** (Black) Um traje para ocasiões formais / Contorno / A Aurora, no mito grego **6.** Planta ornamental, de flores vermelhas, purpurinas, aveludadas / A cantora de Belém **7.** Aplicar tons de vermelho, verde, azul etc. / (Gír.) Perder o contato com a realidade, em consequência do uso excessivo de droga **8.** Uma cidade do Maranhão **9.** Transformar preços na cotação do US$

HORIZONTAIS: 1. Cetáceo, **2.** Máximo, **3.** Colmeal, **4.** Ação, Robô, **5.** Pão, Varal, **6.** EO, Mônica, **7.** Filtrar, **8.** Apanto, Bi, **9.** Gíria, Paz, **10.** Elis, Fila, **11.** Mantear, **12.** Farofa, **13.** Rosário. **VERTICAIS: 1.** Capetagem, **2.** Moção, Pilaf, **3.** Calão, Farinar, **4.** Exmo, Ministro, **5.** Tie, Volta, Eos, **6.** Amaranto, Fafá, **7.** Colorir, Pirar, **8.** Bacabal, **9.** Dolarizar.

SEGUNDA-FEIRA, 31 DE JANEIRO DE 2022

Maicon Silva

Cursos a distância ganham cara nova

Modalidades híbrida e remota registram aumento de matrículas durante pandemia em faculdades particulares, que têm desafios de personalizar programas e estimular interação entre alunos

Faculdades se adaptam para manter especialização remota

Formatos híbrido e a distância têm boa aceitação e fazem crescer matrículas

Renan Marra

Maicon Silva

SÃO PAULO Consideradas solução emergencial na pandemia, aulas nos formatos remoto ou híbrido agora estão sendo incorporadas de forma efetiva na grade curricular dos cursos de pós-graduação.

A mudança responde à demanda de alunos que procuram flexibilidade no dia a dia e tem feito crescer o número de matrículas em especializações oferecidas por instituições de ensino particulares.

"As pessoas tinham a impressão de que o ensino online era enlatado, distante e de difícil acompanhamento", afirma Victor Grinberg, coordenador-geral da pós-graduação da Faap. "E as faculdades, quando precisaram migrar para o modelo remoto, ganharam expertise que desmistificou essas ideias."

Como parte da estratégia para expandir os cursos híbridos na pós, a Faap está investindo em tecnologia e reestruturando espaços físicos para que as aulas sejam gravadas e possam ser acompanhadas presencialmente ou de maneira síncrona —quando professores e alunos estão em locais distintos e se reúnem ao mesmo tempo.

Em parte das salas de aula o número de carteiras diminuiu para potencializar o uso de aparatos audiovisuais.

A instituição investiu em câmeras, microfones e telas. Também terá operadores que ficarão responsáveis pela transmissão e corte de imagens para garantir a interação entre os alunos que estarão dentro e fora das salas.

"No ensino híbrido, o aluno não quer ver em casa a versão em segunda mão do que acontece na sala presencial. A participação de todos tem de ser incluída na metodologia de ensino", diz Grinberg.

Débora Panigassi Lima, 27, mora em Pedreira, no interior de São Paulo, e está cursando a distância o MBA em gestão do comércio exterior e negócios internacionais da FGV (Fundação Getulio Vargas). As aulas são síncronas, via aplicativo Zoom, e ficam gravadas por cem dias.

Mesmo em um cenário eventual de pandemia controlada, Débora diz que teria escolhido esse formato por causa da flexibilidade. Ela trabalha como analista de comércio exterior e conta que viagens de negócios são comuns na sua área.

A estudante passou a ter contato no MBA com brasileiros que moram em outros estados do país e também no exterior. "Se preciso exportar algum produto para Dubai, posso conversar e tirar dúvidas com meu colega de lá."

Na FGV, os conteúdos síncronos integram o MBA Live. Os cursos chamados de blended (misturados, na tradução em português) combinam aulas presenciais e remotas. Ambos os formatos estão em expansão e serão incorporados na grade curricular deste ano.

"Consultamos nossos alunos se queriam voltar para o presencial ou se preferiam continuar nas aulas live. Em algumas turmas, foi unânime a continuidade via Zoom", afirma Paulo Lemos, diretor de educação executiva da FGV em São Paulo.

"Antes, muitos alunos chegavam atrasados por causa do trânsito. No curso blended, o estudante terá a possibilidade de fazer aula remota quando tiver algum problema."

Para a transmissão das aulas online, ele estima que foram investidos R$ 40 mil em equipamentos para cada sala.

Com o crescente número de alunos que optam por cursos a distância, instituições estão se adequando também para supervisionar remotamente as avaliações curriculares.

A ENS (Escola de Negócios e Seguros), que oferece MBAs e cursos de pós nas modalidades presencial e online, fechou parceria com uma empresa para monitorar com inteligência artificial a realização de provas feitas em casa.

"Se o aluno olha para o lado ou se mexe na cadeira, uma luz vermelha acende na nossa sala de monitoramento. É como se o estudante estivesse sendo observado de perto por fiscais", diz Mario Pinto, diretor da instituição. Segundo ele, a parceria foi feita porque hoje a maioria dos alunos prefere cursos a distância.

Mais do que investimentos em tecnologia, o maior desafio das instituições é desenvolver uma metodologia de ensino que, simultaneamente, potencialize o aprendizado dos alunos presentes em sala e dos que estão fora.

Além de investimentos em recursos audiovisuais, mapas interativos e técnicas de gamificação podem ajudar nas dinâmicas.

"Se antes os estudantes ficavam divididos em grupos nas carteiras, agora os professores têm de gerenciar o espaço físico e, ao mesmo tempo, os grupos reunidos nos aplicativos online. Como lidar com essa sala de aula nova é o x da questão", diz Vinicius Scarpi, diretor de ensino do Ibmec.

Segundo ele, com a adoção do portfólio híbrido, o Ibmec vem registrando aumento expressivo de interessados nos cursos de especialização.

Também na Fundação Dom Cabral tem aumentado o número de estudantes por causa da flexibilidade de escolha do formato. A projeção de crescimento para este ano é de 20%, de acordo com Silene Magalhães, diretora de pós-graduação da instituição.

A Fundação Dom Cabral tem cerca de 500 alunos no seu programa de MBA e 4.000 na especialização lato sensu.

"A desfronteirização permitida com formatos online fez com que alunos conhecessem mais pessoas e ampliassem sua visão. Eles deixaram de fazer negócios apenas no Rio e em São Paulo. Foi uma virada de mesa."

Mestrado e doutorado a distância não devem massificar programas

Relação com orientador é fundamental, mas docente só pode atender número limitado de alunos ao mesmo tempo

ANÁLISE

Sabine Righetti e Estêvão Gamba

SÃO PAULO Quase três anos depois da regulamentação da oferta de mestrado e doutorado a distância, nenhum curso foi aprovado pelo governo. Agora, uma nova chamada pode impulsionar cursos inéditos na modalidade no país —sem, no entanto, uma explosão no número de alunos.

A liberação para que instituições de ensino criassem cursos de pós acadêmica e profissional a distância foi publicada em abril de 2019 —mesmo ano da única convocação de propostas de cursos desse tipo concluída até agora.

Na época, uma portaria da Capes, agência do MEC voltada à pós-graduação, regulamentou uma resolução de dois anos antes, do Conselho Nacional da Educação, que começava a flertar com a ideia de mestrados e doutorados a distância no Brasil.

A iniciativa dividiu opiniões na academia. Torceu o nariz quem apostou em avalanche de novos cursos de pós-graduação online sem qualidade; por outro lado, foi elogiada pela possibilidade de descentralizar a pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) pelo país e de viabilizar a internacionalização de alunos e de professores.

Gostando ou não, a expectativa era de cursos remotos de pós no começo de 2020.

Não foi o que aconteceu. Chegaram à Capes 17 propostas de mestrado a distância, vindas de instituições privadas e de associações de universidades públicas.

A federal do Mato Grosso (UFMT), por exemplo, propôs cursos de mestrado a distância com instituições como a federal de Campina Grande (UFCG) e a de Santa Maria (UFSM), algo bem inovador.

Nenhum dos projetos, porém, foi aprovado pela Capes (dois não atendiam às orientações da Capes e 15 foram julgados e indeferidos).

Para começo da conversa, a instituição de ensino proponente deve ter boas notas nas avaliações oficiais e autorização prévia do governo para oferta de cursos a distância.

Além disso, a oferta de mestrado a distância depende de existência de curso presencial na área. E o doutorado remoto só pode ser proposto se o programa já tiver mestrado a distância (que ainda nem existe no país) bem avaliado pela Capes.

Continua na pág. 5

Maicon Silva

Continuação da pág. 4

A agência também define que as chamadas "pesquisas de campo" e atividades que demandam laboratório na pós sejam presenciais mesmo nos cursos remotos. Então o que muda? As aulas e as interações acadêmicas se dão remotamente, com base em novas tecnologias.

Acontece que, assim como nos programas presenciais, a espinha dorsal de mestrados e doutorados a distância é o trabalho de cada professor com seus orientandos.

O aluno desenvolve uma pesquisa durante sua formação como cientista sob supervisão de um docente. É uma relação tão próxima que os resultados científicos tendem a ser publicados em coautoria por professor e estudantes.

Em alguns países, o cientista em formação recebe salário — no Brasil, chamamos de "bolsa de pesquisa", paga por agências de fomento à ciência.

Há, claro, um limite de mestrandos e doutorandos com os quais cada professor consegue trabalhar. Em áreas como medicina tropical, patologia e psiquiatria, por exemplo, a recomendação é de até dez estudantes de pós por orientador.

Trocando em miúdos, não dá para expandir significativamente a quantidade de pós-graduandos com a modalidade remota. A conta não fecha.

Agora, a Capes abriu nova chamada de propostas de cursos presenciais e remotos na pós-graduação, que recebe demandas até abril. Criou um grupo de trabalho voltado às avaliações de entrada e de permanência de programas de pós stricto sensu a distância com um pessoal renomado.

Ainda que deva ter número tímido de propostas, a iniciativa é bem-vinda e se depara com um novo cenário.

A pandemia acelerou as tecnologias que permitiram manter remotamente programas presenciais. Também foram facilitados processos de conclusão de mestrados e doutorados com defesas remotas. Isso tem sido elogiado.

Pós-Covid, fala-se mais em modelos híbridos, com experiências in loco e remotas. É algo para ser debatido.

Há, todavia, novas questões. A chamada da Capes vem num momento em que a agência está na berlinda, com a avaliação dos programas de pós atrasada e debandada de coordenadores e pesquisadores.

Fala-se, inclusive, que a Capes estaria sob pressão para aprovação de cursos de pós a distância do setor privado.

Para dar um passo importante no sentido de ter mestrados e doutorados a distância, é preciso garantir que a agência opere plenamente e em diálogo com a academia.

Roubos de dados alavancam carreiras em cibersegurança

Áreas de realidade virtual e engenharia genética também estão em ascensão

Débora Melo

SÃO PAULO A velocidade com que os avanços da tecnologia têm impactado e transformado o mercado de trabalho impõe um desafio extra aos profissionais que buscam um curso de pós-graduação alinhado com as tendências do futuro.

Especialistas afirmam, por exemplo, que demandas ligadas à segurança cibernética vão crescer cada vez mais, bem como as oportunidades de trabalho no setor. De acordo com Caio Arnaes, diretor associado da Robert Half, consultoria especializada em recrutamento e seleção, falta mão de obra em cibersegurança no mercado nacional.

"Existem cada vez mais tentativas de invasões e de roubos de dados e segredos industriais, que pedem um sistema o mais blindado possível. Então se você está começando agora ou, ainda, se já tem uma carreira, mas quer dar uma guinada, pode ser uma área interessante para investir."

Profissionais de segurança cibernética serão requisitados inclusive nas plataformas de metaverso, espécie de universo alternativo tridimensional que une a realidade virtual à aumentada e já movimenta bilhões de dólares em investimentos das grandes empresas de tecnologia. É o que aponta Guilherme Pereira, diretor acadêmico de MBAs da Fiap.

"Existe muita oportunidade na área de tecnologia para quem acredita no futuro do metaverso. Não são profissões necessariamente novas, mas que podem ganhar força gigantesca com o desenvolvimento dessas novas plataformas", diz, citando as áreas de engenharia de software e design 3D como promissoras.

O avanço da IA (inteligência artificial) também aponta para oportunidades de trabalho no futuro. Se a IA é uma realidade hoje, presente no dia a dia em tecnologias como assistentes virtuais e serviços de streaming, o desenvolvimento de ferramentas que sejam capazes de reproduzir qualquer habilidade humana ainda é um sonho distante.

"Hoje o ser humano tem um papel importante porque a máquina não consegue atuar de forma criativa tão bem quanto a gente. Então este talvez seja um caminho, preparar profissionais de 'machine learning' que vão se especializar em formatos de aprendizado mais criativos", avalia Pereira, da Fiap.

Ciência de dados e gestão estratégica de pessoas também são apontadas por especialistas como áreas em ascensão.

De acordo com a futurista Rosa Alegria, diretora no Brasil do projeto Millennium —rede de pesquisas sobre o futuro em diversos segmen-

Continua na pág. 7

Continuação da pág. 6

tos—, uma das áreas mais promissoras e ambiciosas é a da engenharia genética, que trabalha com a manipulação de DNA e, embora traga novos dilemas éticos, promete revolucionar a medicina a partir da identificação e tratamento de doenças, por exemplo.

"A revolução biológica é um caminho de novas profissões e, no futuro, pode ser até mais importante que a revolução da informação. Porque a revolução da informação está acontecendo, e a revolução biológica ainda leva tempo, é coisa para daqui 10, 20 anos", diz.

Além disso, afirma ela, o profissional do amanhã não pode tapar os olhos para "grandes dramas" da humanidade como mudança climática e crise sanitária. "Quem não se conectar com as necessidade do mundo ficará à margem do mercado."

Cursos online apostam em interatividade para estimular networking de seus alunos

Marília Miragaia

SÃO PAULO Com a alta do formato digital na pandemia, instituições de ensino investiram para deixar mais interativas e dinâmicas as aulas de pós e MBAs —e, por tabela, ajudar o aluno a colocar em prática o networking online.

Quando decidiu ingressar em uma pós a distância em maio de 2020, uma das preocupações do coordenador de marketing Martim Cohen, 29, era conseguir fazer trocas profissionais com colegas. "No início, a interação digital é uma barreira. Na vida normal, você se conectaria às pessoas no coffee break", diz ele, aluno da pós em marketing e nova economia da Saint Paul Escola de Negócios.

Mas foi a dinâmica de aprendizado com atividades em grupo dentro e fora da classe que, segundo Martim, incentivou o contato entre colegas. "No fim do curso, já tinha um grupo com quem eu gostava mais de trabalhar."

Com a pandemia, a Saint Paul expandiu sua oferta de pós e MBAs remotos e intensificou o uso da metodologia de sala de aula invertida para engajar as turmas.

No método, alunos antecipam o conteúdo por meio de leitura e vídeos. Assim, professores têm mais tempo para dúvidas e atividades em grupo, diz Bianca Sincerre, vice-reitora da instituição.

"Na aula, a primeira coisa é colher feedback do tema, para não falar mais do mesmo. E, nos estudos de casos, os alunos conversam entre si e encontram soluções juntos."

A participação online do aluno também foi um ponto que recebeu atenção da Fundação Getulio Vargas (FGV).

No caso dos MBAs, que na pandemia ganharam versão remota ao vivo, a FGV usa a metodologia PBL (problem based learning), em que alunos, em grupos, têm de buscar solução para problemas reais, diz Mary Murashima, diretora de gestão acadêmica do instituto de desenvolvimento educacional da FGV.

Formado em economia, o analista de dados Vinícius Mathias de Freitas, 25, destaca como ponto positivo a existência de funcionários que dão apoio aos alunos nas aulas de seu MBA online em data science na Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), da USP.

"São eles que organizam as demandas, levam dúvidas aos professores e nos enviam de volta as questões respondidas", diz. Mediadores também ajudam com questões técnicas e controlam intervalos.

"É uma figura treinada para que alunos interajam mais e criem sentimento de grupo. Como a demanda é grande, criamos até o assistente de mediação", diz Paulo Gomes, gestor dos estúdios do Pecege, instituto que operacionaliza o MBA em parceria com a Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq).

Pessoas caminham no parque Ibirapuera durante aniversário de 468 anos de São Paulo Eduardo Knapp/Folhapress

Andar 10 minutos extras por dia ajudaria a prolongar vida

Mais de 111 mil mortes poderiam ser evitadas por ano no mundo, diz estudo

SAÚDE

Gretchen Reynolds

THE NEW YORK TIMES Se quase todos nós começássemos a caminhar dez minutos a mais por dia, poderíamos, coletivamente, evitar mais de 111 mil mortes por ano, segundo um novo estudo sobre movimento e mortalidade, publicado no JAMA Internal Medicine.

O estudo usou dados sobre atividade física e taxas de mortalidade de milhares de americanos adultos para calcular quantas mortes por ano poderiam ser evitadas se todo mundo se exercitasse mais.

Os resultados indicam que mesmo um pouco de atividade física extra de cada pessoa poderia evitar centenas de milhares de mortes prematuras nos próximos anos.

A ciência já oferece evidências de que nossa quantidade de exercícios influencia nossa vida. Em um estudo revelador de 2019 publicado pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC na sigla em inglês), mais de 8% de todas as mortes nos Estados Unidos foram atribuídas a "níveis inadequados de atividade".

Um estudo britânico de 2015 também descobriu que homens e mulheres que se exercitam durante pelo menos 150 minutos por semana — a recomendação padrão na Grã-Bretanha, na Europa e nos EUA— reduzem seu risco de morte prematura em pelo menos 25%, comparando com pessoas que se exercitam menos.

Uma análise de 2020 sobre estilos de vida e risco de morte de aproximadamente 44 mil adultos nos EUA e na Europa concluiu que os homens e mulheres mais sedentários no estudo tinham até 260% maior probabilidade de morrer prematuramente do que as pessoas mais ativas estudadas, que se exercitavam durante pelo menos 30 minutos quase todos os dias.

Mas a maior parte dessa última pesquisa contou com memórias muitas vezes inconfiáveis dos hábitos de exercício e de inatividade.

Além disso, muitos estudos que lidaram com os impactos mais amplos, em nível de população, do exercício sobre a longevidade tenderam a usar diretrizes formais de exercícios como objetivo.

Nesses estudos, os pesquisadores modelaram o que aconteceria se todos começassem a se exercitar durante pelo menos 150 minutos por semana, uma meta ambiciosa e talvez inatingível para as muitas pessoas que antes se exercitavam pouco ou nada.

No novo estudo, pesquisadores do Instituto Nacional do Câncer e do CDC decidiram explorar o que poderia acontecer com as taxas de mortalidade se as pessoas começassem a se movimentar mais.

Mas primeiro os pesquisadores precisaram definir uma linha de base de quantas mortes poderiam estar relacionadas à falta de movimentos.

Então eles começaram coletando dados da Pesquisa Nacional de Saúde e Nutrição, que periodicamente entrevista uma amostra significativa da população sobre suas vidas e sua saúde. Ela também oferece a algumas pessoas marcadores de atividade, para medir objetivamente o quanto elas se movimentam.

Os pesquisadores agora coletaram informação de 4.840 voluntários de diferentes etnias, homens e mulheres, com idades entre 40 e 85 anos. Todos tinham aderido à pesquisa entre 2003 e 2006 e usaram um monitor de atividade durante uma semana.

Com base nesses dados, os pesquisadores agruparam as pessoas conforme o número de minutos que elas caminhavam ou se movimentavam na maioria dos dias.

Eles também verificaram um registro nacional de mortes para definir riscos de mortalidade para os vários níveis de atividade.

Usando esses resultados, começaram a criar uma série de hipóteses estatísticas. Suponham, disseram os pesquisadores, que todo mundo que seja capaz de se exercitar comece a fazê-lo moderadamente, por exemplo, caminhando rapidamente, durante dez minutos a mais por dia, além do que eles já se exercitam atualmente? Quantas mortes poderiam não acontecer?

Os pesquisadores fizeram ajustes para contabilizar estatisticamente as pessoas que eram frágeis demais ou incapacitadas de caminhar ou se movimentar com facilidade.

Eles também consideraram a idade, educação, tabagismo, alimentação, índice de massa corporal e outros fatores de saúde em seus cálculos.

Então os pesquisadores executaram o mesmo cenário estatístico com todos se exercitando durante mais 20 minutos por dia e, finalmente, durante mais 30 minutos por dia, e verificaram os resultados.

Um certo número de pessoas viveria mais em qualquer desses cenários, segundo eles. De acordo com o modelo, se cada adulto capaz caminhasse rapidamente ou fizesse outro exercício durante mais dez minutos por dia, 111.174 mortes por ano em todo o país — cerca de 7% de todas as mortes em um ano típico— poderiam ser evitadas.

Quando eles duplicaram o tempo de exercício imaginado para 20 minutos a mais por dia, o número de mortes potencialmente evitadas aumentou para 209.459.

Triplicar o exercício para 30 minutos a mais por dia evitou 272.297 mortes, ou quase 17% dos totais anuais típicos. Os dados foram coletados antes da pandemia, que distorceu os números de mortalidade.

Esses números podem parecer abstratos, mas na prática essas centenas de milhares de mortes evitadas poderiam ser muito pessoais.

Poderiam significar evitar a morte de um cônjuge, pai ou mãe, amigo, filho, colega de trabalho e, é claro, nós mesmos, disse Pedro Saint-Maurice, epidemiologista no Instituto Nacional do Câncer, que liderou o novo estudo.

"Há uma mensagem nesses dados para as entidades de saúde pública" sobre a importância de promover a atividade física para reduzir mortes prematuras, disse ele. E a mensagem se aplica igualmente a cada um de nós.

Então, levante-se e ande, ou pratique uma atividade física moderada durante dez minutos a mais. Convide seus amigos e parentes a fazer o mesmo. "Nesse contexto, um pouco de atividade física adicional pode ter um impacto enorme", disse o doutor Saint-Maurice.

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

Novo imunizante contra HIV, que utiliza RNA mensageiro, começa a ser testado em humanos

WASHINGTON | AFP As primeiras doses de uma vacina contra a Aids usando tecnologia de RNA mensageiro foram administradas a humanos, anunciaram na quinta (27) a empresa de biotecnologia americana Moderna e a International Aids Vaccine Initiative.

O chamado teste de fase 1 será realizado nos Estados Unidos em 56 adultos saudáveis sem HIV.

Apesar de quatro décadas de pesquisas, os cientistas ainda precisam desenvolver uma vacina contra essa doença que mata centenas de milhares de pessoas a cada ano.

Mas os sucessos recentes da tecnologia de RNA mensageiro, que permitiu o desenvolvimento de vacinas contra a Covid-19 em tempo recorde, aumentaram as esperanças.

O objetivo da vacina em teste é estimular a produção de um determinado tipo de anticorpo (bnAb), capaz de atuar contra as inúmeras variantes circulantes do HIV, o vírus causador da Aids.

A vacina visa educar as células B, que fazem parte do nosso sistema imunológico, a produzir esses anticorpos.

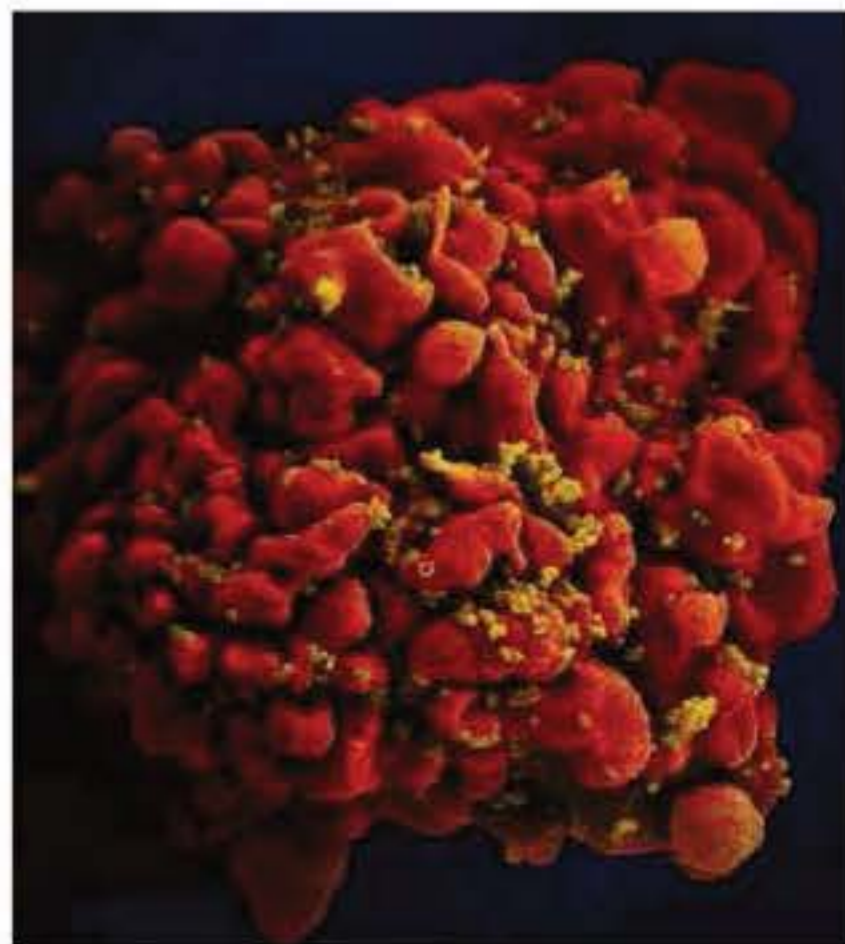
Para isso, o ensaio testará a injeção de um antígeno inicial, ou seja, uma substância capaz de induzir uma resposta imune, e um antígeno de reforço injetado posteriormente. Eles serão injetados via tecnologia de RNA mensageiro.

"A produção de bnAbs é amplamente considerada um alvo da vacinação contra o HIV, e este é um primeiro passo nesse processo", disse a nota.

"Serão necessários outros antígenos para guiar o sistema imunológico no caminho certo, mas essa combinação de aplicação e reforço pode ser o primeiro componente-chave de um potencial esquema de vacina contra o HIV", disse David Diemert, cientista principal do estudo em um dos quatro centros onde é realizado, a George Washington University.

Os antígenos utilizados foram desenvolvidos pela organização de pesquisa científica International Aids Vaccine Initiative (IAVI) e pelo Scripps Research Institute, com apoio da Fundação Bill & Melinda Gates, do Instituto Nacional de Doenças Infecciosas (NIAD) dos EUA e da Moderna.

No ano passado, um primeiro teste, que não usou RNA mensageiro, mas utilizou o primeiro antígeno, mostrou que a resposta imune desejada foi obtida em várias dezenas de participantes. O próximo passo foi trabalhar junto à Moderna.

"Dada a velocidade com que as vacinas de RNA mensageiro podem ser produzidas, esta plataforma oferece uma abordagem mais flexível e responsiva para testar e projetar uma vacina", destacou a nota.

Célula humana infectada com o vírus National Institutes of Health/AFP

Mochila leve ajuda a reduzir lesões em trilhas

Estudos americanos apontam o excesso de peso nas costas como fator de risco maior que a idade para os trilheiros

É LOGO ALI

Luiza Pastor

SÃO PAULO Quando, em 2015, saí do Brasil para fazer os 450 quilômetros planejados para 20 dias do Caminho de Santiago, na Espanha, a mochila pesava 11 quilos. Nela iam roupas para visitar a família e, ao final da jornada, flanar uns dias por Barcelona. Terminada a primeira etapa social da viagem, despachei quatro quilos de itens pelos correios. Comecei a caminhada, assim, com sete quilos, peso da mochila incluído.

Antes de continuar, um parênteses. A opção que escolhi, saindo da cidade de minha família, não era exclusivamente pela trilha mais famosa, o Caminho Francês, que sai dos Pirineus, com 800 quilômetros no total. Eu não tinha tempo para fazer tudo isso no ritmo de que me sei capaz, e alguns de meus colegas só dispunham de três semanas de férias.

Optamos, então, por uma rota alternativa, uma das muitas disponíveis, o Caminho do Sudeste. Provavelmente a pior escolha em um verão de temperaturas acima de 40 graus. É um longo trecho praticamente sem árvores, com muita poeira, girassóis, trigo, mais poeira, e horas a fio sem cruzar com um ser vivente —teve dia em que só encontramos um coelho em 27km.

Roubada de amadores que só interceptamos o Caminho Francês depois de três intermináveis dias. Mas sigamos.

Já na primeira etapa, 26 quilômetros depois de sairmos da pequena cidade de Medina del Campo e chegando a Tordesilhas (sim, aquela do tratado que em 1494 dividiu o mundo em dois latifúndios para Espanha e Portugal), resolvi que sete quilos seriam demais para minhas então quase sessentonas costas. Dali mesmo já despachei mais dois quilos de supérfluos dos quais, garanto, não senti falta alguma até o final da viagem.

Reduzindo a tralha ao mínimo, ficaram duas camisetas de trilha, duas calcinhas, dois tops, dois pares de meias, uns chinelos e uns shorts para arejar o corpo ao final de cada jornada. No nécessaire, hidratante corporal e de rosto, protetor solar, shampoo e desodorante, tudo fora das embalagens originais, de materiais mais rígidos, e acondicionado em tubinhos comprados em lojas de R$ 1,99, os mais leves que encontrei.

Nem todos os produtos durariam todo o trajeto, claro, mas a mim compensava mais comprar um shampoo novo no meio da viagem do que carregar a embalagem original. Cada vértebra de minha coluna agradecia, mesmo pagando o desperdício em euros.

E para as horas em que o corpo se revoltava pela jornada excessiva, em trajetos diários de até 31 quilômetros, a farmacinha básica continha analgésicos, antialérgicos, curativos para bolhas, spray antisséptico e repositores da flora intestinal. Ninguém quer piriri no meio do mato, quer?

Fora isso, alguns itens mais pesados. O maior deles o saco de dormir de verão, de 680 gramas, porque você nunca sabe em que cama vai jogar seu corpinho exausto. Tinha ainda o chuvisqueiro, espécie de poncho à prova d'água com capuz que cobre a pessoa e sua mochila, resultando numa versão de algo que lembra um camelo emborrachado e pesa 450 gramas.

Completam a lista duas garrafinhas de água de meio litro. Só esses itens, mais a mochila que, vazia, pesa pouco menos de um quilo, somavam 3,13 quilos, ou 65% do total.

No corpo, além de uma calça de trilha (fuja de jeans, que quando molham levam uma eternidade para secar!) e das botas à prova d'água (apesar do calor, protegem os tornozelos de torções melhor que as tentadoras papetes), bastões de apoio (eu uso dois, tem quem goste de usar um só, mas para mim, toda ajuda extra é uma bênção), uma pochete (ignore sua consultora de moda, por favor!) contendo celular, carregador, documentos, dinheiro, e algumas balinhas para entreter a boca entre os destinos.

Boné, óculos e coragem completavam a alegoria peregrina pelo caminho.

Bom, se até aqui falamos de uma caminhada que, apesar de longa e por vezes pesada, tem biroscas e pousos garantidos a cada poucos quilômetros em sua maior parte, essa não é a regra das trilhas.

A maioria exige planejamento maior das provisões e dos equipamentos que vão ser necessários para levar a empreitada a bom termo. É aí que entra gente que tem experiência em viajar leve e poupar o lombo. Segura o fôlego, porque eles sabem do que falam.

A ideia do engenheiro ambiental Maurício Melati, 34, de criar um canal no YouTube para ajudar a facilitar a vida dos caminhantes nasceu ao encontrar, em plena Patagônia, um trilheiro que carregava uma mochila de 80 litros "até o talo de tralha", e uma segunda, menor, no peito.

Ante o sofrimento da criatura, e após convencê-lo a abandonar cinco latas de seleta de legumes e redistribuir o peso de maneira mais racional, resolveu compartilhar o conhecimento adquirido ao longo de décadas de perrengues.

Nascia, assim, o Graxaim Congelado, nome inspirado em um graxaim (cachorro-do-mato frequente no sul do país) encontrado, claro, congelado em pé em Aparados da Serra, região gaúcha que Melati diz ser uma das que mais gosta de percorrer.

Afinal, ele bem sabia o que era ter um princípio de congelamento nas pontas dos dedos (chamada de frostnip pelos iniciados) por causa de equipamento inadequado para a empreitada no Aconcágua.

Para Melati, é importante ter em mente que riscos sempre serão inerentes à atividade. E ele cita estudo realizado em 2018 por um grupo de pesquisadores da Universidade da Califórnia e da Luisiana, com mais de 700 pessoas nos 354 quilômetros que formam a trilha John Muir, na Califórnia (EUA).

Na pesquisa, entre os fatores de maior risco para se machucar, ficar doente ou ter de ser evacuado lidera o peso da mochila —mais relevante que a idade ou o peso do entrevistado.

Antes disso, em 2009, outro grupo de pesquisadores da Escola de Medicina Harvard e de importantes hospitais de Boston, nos EUA, havia publicado o resultado de levantamento feito para avaliar os impactos do calçado e do peso das mochilas no organismo de trilheiros de longa distância. A conclusão principal foi de que, mais que o calçado escolhido, embora fizesse alguma diferença, o maior causador de problemas era o excesso de peso às costas.

"Pensar de forma inteligente os equipamentos para andar leve ajuda na segurança e redução de riscos, mas é importante considerar o planejamento, o preparo físico e o psicológico antes de enfrentar uma longa caminhada", afirma Melati. "Mas, pela minha experiência, não sobrecarregar a mochila ajuda em todos esses pontos", acrescenta ele.

> "Pensar de forma inteligente os equipamentos para andar leve ajuda na segurança e redução de riscos, mas é importante considerar o planejamento, o preparo físico e o psicológico antes de uma longa caminhada
>
> **Maurício Melati** engenheiro ambiental e trilheiro

Para o psiquiatra, hebiatra e trilheiro experiente Rodrigo Rodriguez, 47, há uma confusão entre ir leve e ir sem conforto e de forma insegura. "Por si só, ir leve se traduz imediatamente em segurança e conforto. Indo leve você sofre menos desgaste e fadiga, que se reflete em menos lesões e menos riscos de quedas e outros acidentes, e o conforto durante a caminhada é muito maior", explica.

Mas Rodriguez faz um alerta: "A grande questão é ir leve sem ser burramente leve. Levar água ou comida suficientes para o tempo previsto, por exemplo, é essencial. Equipamentos de emergência e de segurança nunca devem ser subestimados ou deixados para trás."

E sobre conforto, ele aponta que é importante considerar "o que dá conforto real e o que dá conforto psicológico ou irrisório". Como exemplo, ele cita a escolha entre fogareiros a gás e espiriteiras a álcool. "Fogareiros são mais rápidos, você terá seu jantar mais cedo, mas são 5 a 8 minutos de diferença. Isso é um conforto real? Ou os 500 gramas a menos de um kit de cozinha mais leve serão melhores?"

E se viajar leve é o sonho de consumo da maioria dos mortais que já botou uma mochila às costas, Rodriguez ressalva que a aquisição de equipamentos deve ocorrer de forma organizada. "Duas ideias sintetizam esse aspecto", diz ele. "Primeiro, não carregue seus medos, não leve equipamentos que mitiguem psicologicamente esses medos se eles têm pouco fundamento."

> "É comum trilheiros porem tudo em vários sacos e nécessaires separados, mas se somar o peso de tudo isso, vai-se facilmente a um quilo, que pode ser eliminado arrumando a mochila de forma técnica
>
> **Rodrigo Rodriguez** psiquiatra, hebiatra e trilheiro

"Segundo, troque equipamentos por técnicas. É comum trilheiros porem tudo em vários sacos e nécessaires separados, mas se somar o peso de tudo isso, vai-se facilmente a um quilo, que pode ser eliminado arrumando a mochila de forma técnica e adequada", continua.

Melati concorda que "conforto é bastante subjetivo", mas ressalta que no estágio atual de oferta e tecnologia de equipamentos, não é necessária uma escolha radical. Para muitos, viajar leve é desvirtuar o lado "raiz" da prática esportiva e há quem argumente que aquela porção extra de goiabada não pode faltar na bagagem.

Entretanto, para Melati, no estágio atual da oferta e tecnologia dos equipamentos, não é necessário abrir mão do conforto para andar leve. OK, que tal compensar o peso da goiabada com uma mochila menos trambolhosa?

Melati também rejeita a imagem frequente no meio de que equipamentos mais leves são, necessariamente, mais caros, por serem em sua maioria importados. "Muita gente acaba acumulando muitos equipamentos medianos em casa e, no fim das contas, a soma disso daria para comprar um único equipamento bom, e já temos alguns bons produtos nacionais", garante.

O segredo para evitar encher o armário de tranqueiras que nunca mais serão usadas, segundo Rodriguez, é analisar o roteiro pretendido. "Há na internet uma infinidade de textos de boa qualidade para aprender antes de sair comprando equipamentos e escapar de furadas", afirma.

Melati, por sua vez, sugere que se crie uma planilha de itens básicos, com seus pesos, e a demanda que uma boa pesquisa entre pessoas mais experientes naquela trilha específica pode ajudar a identificar. Em alguns lugares, levar uns litros de água a mais pode ser essencial —e água pesa. Talvez seja o caso de deixar a goiabada de lado de novo.

Trecho para peregrinos e ciclistas do Caminho de Santiago, próximo à cidade Hornillos del Camino, na Espanha Eduardo Knapp - 1º.out.15/Folhapress

Interior do Estádio Nacional de Pequim, também conhecido como Ninho do Pássaro Li Ziheng/Xinhua

Xi Jinping centraliza decisões e realiza Jogos em seus termos

Preparativos para as Olimpíadas deste ano refletem seu estilo de liderança

ESPORTE

Keith Bradsher, Steven Lee Myers e Tariq Panja

THE NEW YORK TIMES Quando o Comitê Olímpico Internacional (COI) se reuniu sete anos atrás para selecionar a sede das Olimpíadas de Inverno de 2022, o líder da China, Xi Jinping, enviou uma curta mensagem em vídeo que ajudou a decidir a situação, em uma votação apertada e controversa.

A China tinha experiência limitada com esportes de inverno. Não é muita neve que cai nas colinas distantes onde as competições ao ar livre aconteceriam. A poluição era tão densa, às vezes, que era conhecida como "arpocalipse".

Xi prometeu que tudo isso seria resolvido e colocou seu prestígio pessoal a serviço do que parecia, na época, uma candidatura ousada. "Cumpriremos todas as promessas que fizemos", ele disse aos delegados olímpicos reunidos na capital da Malásia, Kuala Lumpur.

Com os Jogos a apenas alguns dias de distância, a China cumpriu o que prometeu. Passou por cima de todos os obstáculos que um dia fizeram com que a candidatura de Pequim parecesse implausível. E encarou novos desafios, como o de uma pandemia interminável, bem como a crescente preocupação internacional com o comportamento cada vez mais autoritário do país.

Como em 2008, quando Pequim sediou as Olimpíadas de Verão, os Jogos se tornaram uma demonstração das realizações do país. Mas de um país que mudou muito, agora.

A China já não precisa provar sua importância no cenário internacional; em lugar disso, deseja proclamar a visão abrangente de uma nação mais próspera e mais confiante sob o comando de Xi, o mais poderoso líder chinês desde Mao Tse-tung. Enquanto no passado o governo tentava apaziguar seus críticos para garantir o sucesso dos Jogos, agora os desafia.

O governo de Xi descartou as críticas de ativistas dos direitos humanos e líderes mundiais como expressão de vieses por pessoas interessadas em manter a China de joelhos.

O presidente da China, Xi Jinping, durante transmissão em Pequim Noel Celis · 11.nov.21/AFP

E advertiu as redes de TV que transmitirão os Jogos e os patrocinadores para que não cedam a apelos em favor de boicotes por conta da repressão política do país em Hong Kong ou de sua campanha de repressão em Xinjiang, região de maioria muçulmana no noroeste do país.

As autoridades chinesas passaram por cima do COI nas negociações sobre os protocolos de saúde para combate à Covid-19 e impuseram medidas de segurança mais severas do que as que vigoraram nas Olimpíadas de Tóquio.

Insistiram em manter sua estratégia de "Covid zero", que evoluiu a partir do primeiro lockdown chinês, há dois anos, em Wuhan, a despeito do custo que isso possa ter para o povo da China.

Os críticos da China, ativistas dos direitos humanos e dos trabalhadores e outros militantes, acusaram o COI de não ter pressionado Xi por mudanças nas políticas chinesas cada vez mais autoritárias. No entanto, isso parte do pressuposto de que o comitê ainda tenha alguma influência a exercer.

A eficiência tenaz —muita gente a descreve como impiedosa— da China foi exatamente o que atraiu os delegados olímpicos depois dos custos atordoantes dos Jogos de Inverno de Sochi, na Rússia em 2014, e do caos assustador nos preparativos para as Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016.

Christophe Dubi, diretor executivo dos Jogos de Inverno de Pequim, declarou em entrevista que a China provou ser uma parceira capaz e disposta a fazer todo o necessário para que o evento acontecesse. "Organizar os Jogos", disse Dubi, "foi fácil".

O comitê preferiu evitar responder a perguntas sobre direitos humanos e outras controvérsias que pendem sobre os Jogos. Ainda que a carta que orienta o COI fale em "melhorar a promoção dos direitos humanos e o respeito a eles", dirigentes disseram que não era função deles julgar o sistema político do país anfitrião.

Em lugar disso, o que mais importa ao COI é que os Jogos sejam realizados com sucesso. Ao selecionar Pequim, o COI fez uma "escolha segura", disse seu presidente, Thomas Bach.

A candidatura de Pequim para se tornar a primeira cidade a sediar Olimpíadas de verão e de inverno fincou raízes quando Lim Chee Wah, herdeiro de uma família da Malásia que opera cassinos e campos de golfe, mudou-se para Pequim, na década de 1990, e saiu em busca de um lugar onde esquiar.

Ele dirigiu pelas estradas sinuosas a noroeste da capital chinesa por cinco horas e chegou a uma região montanhosa povoada por agricultores.

A única construção dedicada ao esqui no local era um pavilhão de madeira com uma sala de jantar, alguns poucos quartos e uma pequena loja de produtos de esqui.

"Saí perguntando onde estava o teleférico que levava à pista de esqui, e eles responderam que, 'bem, há uma estrada que leva lá para cima'", recordou em uma entrevista. Um micro-ônibus Toyota Caster transportava os esquiadores encosta acima até o topo da pista.

> O mundo está observando a China com altas expectativas. E a China está pronta
>
> **Xi Jinping**
> presidente da China

Lim, que tinha aprendido a esquiar nos Estados Unidos, no resort de inverno de Vail, no Colorado, não demorou a fechar um acordo com as autoridades locais para transformar cerca de 10 mil hectares de colinas quase totalmente estéreis no maior resort de esqui da China.

Em 2009, ele foi apresentado a Gerhard Heiberg, representante da Noruega no conselho executivo do COI e encarregado de organizar os Jogos de Inverno de Lillehammer, em 1994. Juntos, eles começaram a planejar como poderiam realizar os Jogos nas colinas próximas à Grande Muralha da China.

A China prometeu que investiria apenas US$ 1,5 bilhão (R$ 8,2 bilhões) em projetos de infraestrutura nos locais dos Kogos, e quantia semelhante para as despesas operacionais, o equivalente a uma fração do custo dos Jogos de Sochi ou das Olimpíadas de Inverno de Pyeongchang, na Coreia do Sul, em 2018, que custou quase US$ 13 bilhões (R$ 71,4 bilhões na cotação atual).

Parecia improvável que a candidatura da China tivesse sucesso, especialmente porque os Jogos de 2018 aconteceriam na Ásia e a expectativa das autoridades esportivas era a de que a próxima sede fosse na Europa.

Mas as cidades europeias que tinham se inscrito para o processo foram desistindo, e isso deixou Pequim em competição apenas contra Almaty, antiga capital do Cazaquistão, no passado uma das repúblicas da União Soviética.

A votação final foi 44 a 40 em favor de Pequim, com uma abstenção. Os partidários de Almaty ficaram furiosos com um defeito no sistema eletrônico de votação que conduziu a uma recontagem manual a fim de "proteger a integridade do voto".

Que o Cazaquistão tenha mergulhado em um período de instabilidade política pouco antes do momento dos Jogos parece agora mais uma validação da escolha de Pequim.

"Não creio que seja exagero dizer —e não o afirmo para ser negativo quanto aos chineses ou dissimulado— que eles provavelmente não teriam saído vitoriosos caso as cidades europeias tivessem ficado na disputa", disse Terrence Burns, consultor de marketing que trabalhou na candidatura de Almaty e na de Pequim quando sede das Olimpíadas de 2008. "Mas o que importa é que eles persistiram, e no fim os vencedores encontram uma maneira de vencer."

Nos meses que antecederam as Olimpíadas de 2008, Xi foi colocado no comando dos preparativos finais. Ele tinha acabado de ser promovido ao mais alto órgão político chinês, o Comitê Permanente do Politburo. E a missão era na verdade um teste de seu potencial de liderança.

Ele desenvolveu um interesse especialmente intenso pelos preparativos militares para os Jogos, que incluíam a instalação de 44 baterias antiaéreas em torno de Pequim, ainda que a probabilidade de um ataque aéreo contra a cidade parecesse baixíssima.

Os preparativos para os Jogos deste ano refletem o estilo de liderança de Xi. Ele ocupou posição central em todas as decisões. Em linha com suas políticas cada vez mais nacionalistas, Xi expressou preferência por equipamentos chineses em lugar de importados.

Quando ele fez sua primeira visita de inspeção aos locais olímpicos no distrito de Chongli, em Zhangjiakou, no mês de janeiro de 2017, ordenou que as autoridades locais garantissem que não houvesse construções demais —há uma tendência frequente entre as autoridades da China a usar qualquer evento internacional como pretexto para projetos extravagantes.

Ele fez, no total, cinco visitas aos locais olímpicos para averiguar o progresso das obras, a mais recente neste mês, quando ele disse que administrar bem os Jogos era "uma promessa solene da China à comunidade internacional".

Por conta do coronavírus, a China admitirá apenas espetadores pré-selecionados, sob critérios definidos por ela. O que acontecerá será um espetáculo para as audiências televisivas chinesa e internacional, oferecendo uma visão coreografada do país.

Se for possível manter o coronavírus sob controle, Pequim poderá passar pelas Olimpíadas com menos problemas do que pareciam prováveis quando foi escolhida como sede, sete anos atrás. O governo de Xi na verdade já declarou os Jogos um sucesso. Uma dúzia de outras cidades chinesas estão disputando o direito de sediar as Olimpíadas de Verão de 2036.

"O mundo está observando a China com altas expectativas", disse Xi em um discurso de Ano-Novo. "E a China está pronta."

Tradução Paulo Migliacci

Cynthia Nixon e Christine Baranski em cena de 'A Idade Dourada' Divulgação/HBO

'A Idade Dourada' ilustra princesas do dólar

Série mostrará se 'Downton Abbey', como esta uma criação de Julian Fellowes, é um fenômeno passível de repetição

F5

Dave Itzkoff

THE NEW YORK TIMES Christine Baranski ainda se lembra da fatídica noite da cerimônia de entrega do Emmy em 2012, quando ela estava sentada perto de algumas das estrelas da série britânica "Downton Abbey", um drama de época sobre a vida em uma mansão na Inglaterra rural no começo do século 20.

Baranski, que estava disputando o prêmio de melhor atriz coadjuvante por "The Good Wife", saiu sem prêmio. A ganhadora foi uma de suas rivais no elenco de "Downton Abbey".

"Estava concorrendo contra a inimitável Maggie Smith, e minha impressão era de que tinha chance nenhuma de ganhar", ela recorda.

Mas em uma festa, naquela noite, Baranski foi apresentada Julian Fellowes, o criador de "Downton Abbey". A atriz tinha ouvido falar que ele estava trabalhando em uma nova sequência para a série, e aproveitou a oportunidade para elogiar o trabalho dele.

"Eu vivia verde de inveja, vendo todos aqueles atores fabulosos, com aquelas roupas fabulosas, fazendo uma série de época", disse. "E ficava pensando: por que será que os atores americanos não têm esse tipo de oportunidade?"

Uma década mais tarde, Baranski e um elenco de dezenas de atores receberam a oportunidade que procuravam, em "A Idade Dourada", um novo drama de época criado por Fellowes, disponível na HBO Max.

Embora não seja uma continuação direta de "Downton Abbey", a nova série é outra história de época abrangente, produzida em estilo igualmente suntuoso e passada na Nova York da década de 1880, em meio aos conflitos entre as famílias endinheiradas tradicionais e os novos ricos.

No episódio de estreia, "A Idade Dourada" acompanha uma jovem, Marian Brook (Louisa Jacobson) e sua nova amiga Peggy Scott (Denée Benton) à casa das tias ricas de Brook em Manhattan, Agnes van Rhijn (Baranski) e Ada Brook (Cynthia Nixon).

Lá as duas amigas se veem arrastadas pelos modos glamorosos e costumes implacáveis da vida das classes altas nova-iorquinas, e pela rivalidade entre suas tias aristocráticas e um casal de arrivistas endinheirados, George e Bertha Russell (Morgan Spector e Carrie Coon), que acabam de construir uma mansão do outro lado da rua.

"A Idade Dourada" reproduz todo o luxo e os valores de produção que valeram fama a "Downton Abbey" —cenários suntuosos e figurinos extravagantes, além de um elenco estrelado. E também carrega o prestígio de Fellowes, que venceu dois Emmys por "Downton Abbey" e um Oscar como roteirista por "Assassinato em Gosford Park".

No entanto, "A Idade Dourada" chega depois de um processo de desenvolvimento complicado, durante o qual a série se transferiu da rede NBC para a HBO, e teve sua produção postergada por causa da pandemia.

A série representará um teste sobre se os espectadores correrão para a HBO em busca de um drama de época ao estilo de "Downton Abbey", e determinará se a série original representou um sucesso isolado ou é um fenômeno passível de repetição.

Fellowes, que escreveu as seis temporadas de "Downton Abbey" (com a ajuda de outros roteiristas) e as duas continuações da série para o cinema, sabe que há muita coisa em jogo, embora ele prefira ver a situação como um reflexo do sucesso de "Downton Abbey".

> As pessoas só não têm expectativas a seu respeito se você só tiver escrito fracassos. Eu prefiro ter o grande sucesso e depois descobrir se sou capaz de sobreviver a ele
>
> **Julian Fellowes**
> criador de 'Downton Abbey'

"As pessoas só não têm expectativas a seu respeito se você só tiver escrito fracassos", ele disse em entrevista. "Eu prefiro ter o grande sucesso e depois descobrir se sou capaz de sobreviver a ele".

Na sua pesquisa e no texto de "Downton Abbey", Fellowes explorou o fenômeno das chamadas "princesas do dólar" — herdeiras americanas endinheiradas com quem aristocratas europeus empobrecidos se casavam para escorar suas fortunas declinantes, nos séculos 18 e 19.

Isso levou Fellowes a ler mais sobre as grandes dinastias americanas como os Vanderbilt, Astor e Gould, e sobre o boom financeiro que surgiu nos EUA depois da guerra civil.

"As fortunas cresceram muito, os homens se tornaram mais poderosos e tudo estava fervilhando", ele explicou.

Não mais satisfeitos com imitar a nobreza europeia, esses barões do capitalismo começaram a gastar seu dinheiro "ao modo americano", disse Fellowes. "Não se limitavam a comprar casas de campo em terrenos de 16 mil hectares — construíam imensos palácios quase encostados às mansões dos vizinhos".

Mas só os homens tinham direito a ter carreiras e a participar da política. Nas palavras de Fellowes, "as mulheres fortes, imaginativas e inventivas tinham de encontrar uma maneira de fazer com que as coisas acontecessem para elas" —ao inventar uma alta sociedade implicitamente hierárquica.

Essa história se tornou a base de "A Idade Dourada", que a NBC encomendou a Fellowes em 2012, um momento em que "Downton Abbey" já tinha se tornado sucesso mundial. Outros seis anos se passaram antes que a NBC anunciasse uma data para a estreia da série, em 2019. Mas quando o segundo trimestre de 2019 chegou, em lugar da estreia veio a notícia de que a HBO assumiria a responsabilidade pela produção.

Pearlena Igbokwe, presidente do Universal Studio Grou, disse que "A Idade Dourada" era um projeto cobiçado na NBC, onde ela foi diretora de desenvolvimento de séries dramáticas. Mas foram necessários alguns anos para que Fellowes terminasse de cumprir suas responsabilidades com relação a "Downton Abbey" e, quando os roteiros dele para "A Idade Dourada" começaram a chegar, disse Igbokwe, "o escopo e ambição do projeto eram verdadeiramente épicos".

"Era fantástico, mas também uma produção realmente grande", ela disse. "A rede decidiu que não queríamos restringir a visão de Julian de maneira alguma, mas não sabíamos se tínhamos apetite por aquele tipo de visão".

Outras redes expressaram interesse por "A Idade Dourada", entre as quais a HBO, na época comandada por Robert Greenblatt, depois vice-presidente de entretenimento da WarnerMedia, que tinha assinado o contrato original para a série na NBC quando comandava a divisão de entretenimento da rede. (Ele mais tarde deixou a WarnerMedia e criou uma produtora.)

Casey Bloys, vice-presidente de conteúdo da HBO e da HBO Max, disse que dramas de época suntuosos "podem ter um custo mais alto do que uma rede de TV aberta é capaz de bancar".

Mas a HBO estava disposta a bancar "A Idade Dourada", em uma coprodução com a Universal Television. (Bloys se recusou a comentar sobre o orçamento da série, limitando-se a dizer que "sempre que você faz uma série de época, cobrir com perfeição os detalhes do período inevitavelmente sai caro".

Quando a formação do elenco começou, Baranski e Nixon assinaram para interpretar as tias rabugentas da série, que têm ideias conflitantes sobre a estrutura da sociedade. Da forma como Nixon descreve as personagens, "Agnes é alguém que acredita que a palavra da lei é absoluta. Ada acredita que o espírito da lei nem sempre está certo em todos os detalhes, e ela a contorna sempre que pode".

Baranski disse, sobre sua personagem, que "ela é uma esnobe maravilhosa, mas quem não gostaria de interpretar uma esnobe escrita por Julian Fellowes?"

Os cenários para a série foram construídos em estúdios localizados em Long Island, e incluem os inúmeros aposentos da mansão dos Russell, decorados com tecidos e padrões de época, feitos por algumas das mesmas companhias europeias que produziram os originais no século 19.

Um cenário para externas construído no Museum of American Armor, que fica nas imediações, em Old Bethpage, Nova York, abriga as imponentes edificações e interiores opulentos que recriam, juntos, uma parte do East Side de Manhattan no século 19.

Bob Shaw, o designer de produção de "A Idade Dourada", disse que, comparada a séries anteriores da HBO nas quais ele trabalhou, entre as quais "Família Soprano" e "Boardwalk Empire", a nova produção "teve as maiores construções de cenários que já fiz".

Na preparação, os membros do elenco leram romances de Edith Wharton e Henry James e tiveram aulas sobre a história, etiqueta, dicção e costumes sociais da Idade Dourada.

Mas quando a gravação estava para começar, em março de 2020, o início da pandemia forçou um adiamento por meses.

O atraso custou à série uma de suas estrelas, Amanda Peet, que teve de abandonar o projeto por conta de conflitos de agenda.

Ela foi substituída por Coon ("The Leftovers"), que assumiu o papel de Bertha Russell, uma personagem semelhante a Alva Vanderbilt, que descobre que a riqueza que sua família adquiriu não lhe vale uma posição na hierarquia social nova-iorquina.

> Agnes é alguém que acredita que a palavra da lei é absoluta. Ada acredita que o espírito da lei nem sempre está certo em todos os detalhes, e ela a contorna sempre que pode
>
> **Cynthia Nixon**
> atriz

Coon disse que o esnobismo com que Bertha é tratada pelo menos dá uma dimensão simpática à sua combativa personagem. "A simpatia surge do senso de justiça de todos", ela disse. "Preferimos o mito da meritocracia à regra arbitrária da exclusão".

Falando da perspectiva de sua personagem, ela acrescenta que "o mundo pode não ser justo, mas você deveria ter pelo menos o direito de comprar um lugar nele".

O longo hiato também permitiu que membros do elenco como Benton (indicada ao Tony por "Natasha, Pierre & the Great Comet of 1812") buscassem refinamentos em seus papéis para refletir melhor sua compreensão da história.

Benton disse que insistiu com a equipe de criação de "A Idade Dourada" para que a série encontrasse outras maneiras de mostrar que existiam pessoas como sua personagem, Peggy, que vivia em uma comunidade afluente e de nível educacional elevado.

Bloys, o executivo da HBO, disse que "sempre tentamos garantir que um trabalho de época pareça autêntico".

Essas mesmas aspirações de autenticidade tornavam necessários os rituais diários adotados pelos atores para vestir os complicados e restritivos figurinos de época.

Isso se tornou um fardo especial para Coon, que estava grávida de oito meses no final das gravações. "Chegou um momento em que eu não podia mais usar o espartilho", ela disse. "Se você reparar, perceberá que há cenas em alguns cavalos passam pela frente da câmera e em que eu mexo meus braços para esconder a barriga".

Ela admitiu que, se você está tentando personificar a elite de Manhattan no século 19, estar envolto no luxo ajuda.

As roupas extravagantes "fazem metade do trabalho para você", quando chega a hora de incorporar a personagem, e os cenários requintados como os da imensa mansão Russell tornam mais fácil expressar o senso de privilégio que a riqueza extrema pode trazer.

"Como tentar não ocupar espaço em uma sala como aquela, quando você tem essa oportunidade?", ela disse.

Tradução Paulo Migliacci